

Mestrado em Museologia

Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa: Proposta Museológica Participativa

Maria Isabel Cardoso de Sousa Silva

M

2020



Maria Isabel Cardoso de Sousa Silva

Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa: Proposta Museológica Participativa

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Mestrado de Museologia, orientada pela Professora Doutora Alice Duarte e coorientada pelo Professor Doutor Pedro Borges Araújo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020

Maria Isabel Cardoso de Sousa Silva

Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa: Proposta Museológica Participativa

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Museologia, orientada pela Professora Doutora Alice Duarte

e pelo Professor Doutor Pedro Borges de Araújo

Membros do Júri

Professor Doutor

Faculdade - Universidade

Professor Doutor

Faculdade - Universidade

Professor Doutor

Faculdade - Universidade

Classificação obtida: valores

Aos meus pais

Sumário

Declaração de Honra.....	IX
Agradecimentos.....	X
Resumo.....	XI
Abstract.....	XII
Índice de Figuras.....	XIII
Índice de Tabela.....	XV
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	XVI
 Introdução.....	 1
 Capítulo 1 – O Museu como Agente Social.....	 7
1.1. Contextualização: Museu Tradicional <i>versus</i> a Nova Museologia.....	8
1.2. O Museu como Espaço Inclusivo e Participativo.....	12
1.3. Em Torno das Potencialidades da Exposição.....	17
 Capítulo 2 – O Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa.....	 22
2.1. A Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão.....	22
2.2. História do MASCL.....	24
2.2.1. Descrição do MASCL.....	31
2. 2. 2. O Acervo do MASCL.....	39
2. 2. 3. O Programa de Atividades do MASCL.....	46
 Capítulo 3 – Musealizar o Espaço Religioso.....	 50
3.1. O Museu de Arte Sacra: Percursos da sua Musealização.....	50

3.2. Considerações Iniciais sobre o MASCL.....	56
3.3. Proposta Museológica para o MASCL.....	64
3.3.1. Plano Museográfico.....	67
3.3.1.1. Novos Suportes Expositivos.....	67
3.3.1.2. Ampliação do Espaço Expositivo.....	70
3.3.2. Programa Expositivo.....	76
3.3.3. Programa de Atividades.....	80
3.3.4. Estratégias Comunicativas.....	82
3.3.5. Materiais Mediadores.....	84
3.3.6. Perfil dos Mediadores Culturais.....	85
Considerações Finais.....	87
Referências.....	91
Anexos.....	98
Anexo A – Certificado de Participação no IV Encontro da RMVNF, dia 25 de novembro de 2019.....	98
Anexo B – Certificado de Participação no IV Encontro da RMVNF, dia 26 de novembro de 2019.....	99
Anexo C – Fotografia da Fundação Cupertino de Miranda.....	100
Anexo D – Fotografia da Casa de Camilo Castelo Branco – Museu.Centro de Estudos.....	101
Anexo E – Fotografia do Museu da Guerra Colonial.....	102
Anexo F – Fotografia do Museu da Confraria da Nossa Senhora do Carmo de Lemenhe.....	103
Anexo G – Fotografia do Museu de Arte Sacra da Igreja de São Tiago de Antas.....	104
Anexo H – E-mail do Professor Doutor Francisco Ribeiro da Silva, Mesário da Cultura da Venerável Irmandade da Nossa Senhora da Lapa.....	105
Anexo I – Fotografia da Representação da Cena do Calvário.....	106
Anexo J – <i>Jornal de Famalicão</i> , 24 de novembro 1997, pág.14.....	107

Anexo K – <i>Cidade Hoje</i> , 20 de novembro 1997, pág. 11.....	108
Anexo L – Carta da Arquidiocese de Braga, Serviços Centrais, 17 de janeiro 2014....	109
Anexo M – Declaração de Princípios do MASCL.....	110
Anexo N – Folha de Sala do MASCL.....	111
Anexo O – Programação do Dia Internacional dos Museus e da Noite Europeia dos Museus de 2019.....	112
Anexo P – Parte da exposição <i>Lugares (In)visíveis</i> , organizada pela RMVNF.....	113
 Apêndices.....	 114
Apêndice A – Acervo do MASCL.....	114
Apêndice B – Tabela das Supercategorias e Categorias das Normas de Inventário do MatrizNet.....	155
Apêndice C – Tabela das Categorias e Subcategorias da Supercategoria Artes Plásticas e Artes Decorativas das Normas de Inventário do MatrizNet.....	156
Apêndice D – Tabela das Categorias e Subcategorias do Thesaurus – Vocabulário de Objetos de Culto Católico.....	157
Apêndice E – Medidas das Vitruínas do MASCL.....	159
Apêndice F – Cronograma Ano I.....	160
Apêndice G – Cronograma Ano II.....	162
Apêndice H – Cronograma Ano III.....	164
Apêndice I – Programa Expositivo: Fichas Técnicas.....	166
Apêndice I-a – Exposição <i>Os Humanitários de Fé</i>	166
Apêndice I-b – Atividade Complementar: Mesa Redonda <i>Os Traços Humanitários de Jesus Cristo</i>	167
Apêndice I-c – Exposição <i>A Minha Antiga Capela da Lapa</i>	168
Apêndice I-d – Atividade Complementar: Pedipapper <i>À Descoberta da Capela da Nossa Senhora da Lapa</i>	169
Apêndice I-e – Exposição <i>Os Símbolos de Fé</i>	170

Apêndice I-f – Atividade Complementar: Visita-Jogo <i>Conhece os Símbolos de Fé</i>	171
Apêndice I-g – Exposição <i>Diálogo entre o Surrealismo e a Arte Sacra</i>	172
Apêndice I-h – Atividade Complementar: <i>Oficina Arte Sacra sob o Olhar Surrealista</i>	173
Apêndice J – Programa de Atividades: Fichas Técnicas.....	174
Apêndice J-a – Inventário Participativo.....	174
Apêndice J-b – Ampliação da iniciativa <i>Objeto em Destaque</i>	175
Apêndice J-c – <i>É a Hora de um Conto!</i>	176
Apêndice J-d – <i>A Minha Coleção</i>	177
Apêndice J-e – Roteiro <i>A Rota do Sagrado</i>	178
Apêndice J-f – Oficina <i>Construção de um Ícone</i>	179
Apêndice J-g – Mesa Redonda <i>Lei da Separação do Estado das Igrejas: Impacto no Património Religioso</i>	180
Apêndice J-h – Mesa-Redonda <i>O Sagrado no Feminino: A Representação da Mulher na Arte Sacra</i>	181
Apêndice J-i – Outras Iniciativas.....	182
Apêndice K – Datas do Calendário Litúrgico e do Calendário do Município de Vila Nova de Famalicão.....	184
Apêndice L – Agentes de Degradação e Exemplos de Estratégias e Mecanismos.....	186

Declaração de honra

Declaro que o presente Projeto é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2020

Maria Isabel Cardoso de Sousa Silva

Agradecimentos

À Professora Doutora Alice Duarte, pela sabedoria com que orientou e apoiou os meus progressos, ao longo da realização deste trabalho.

Ao Professor Pedro Borges de Araújo, pelas conversas e conselhos, ao longo do meu percurso no Mestrado de Museologia.

A toda a equipa da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão pela disponibilidade e postura colaborativa, ao longo da elaboração do Projeto. Um especial obrigado à Dr^a Mariana Jacob, por toda a dedicação com que acompanhou o meu trabalho, e à Dr^a Eva Cordeiro pela disponibilidade no apoio à minha investigação.

Ao Dr. José Nogueira, pela colaboração constante e simpatia nas várias etapas do meu Projeto.

Ao Padre Francisco Carreira, ao Professor Alexandre Lemos, à D. Alcina Gonçalves, ao Professor Rui Mesquita, à Professora Cristina Goulão, ao Dr. António Gonçalves, à Dr^a Marta Correia, ao Dr. Rui Alves Leitão, ao Dr. Ricardo Ribeiro e à Dr^a Isabel Cunha, pelos importantes contributos dados na reunião de 17 de julho de 2020 para a construção da proposta apresentada neste Projeto. Um especial agradecimento ao Dr. António Gonçalves, à Dr^a Isabel Cunha, ao Professor Alexandre Lemos e ao Professor Rui Mesquita, pela continuidade de apoio inestimável, acompanhado por uma imensa simpatia e disponibilidade.

À Dr^a Natália Jorge, por me ter cedido informações cruciais para a minha investigação.

Aos meus pais, pelo amor incondicional e por me incentivarem, todos os dias, a ser resiliente e dar o meu melhor. À minha irmã, por me inspirar a procurar saber mais e a partilhar as minhas opiniões, por mais divergentes que sejam.

À Rita Silva, à Sofia Navalho, à Inês Costa, à Maria Moreira e à Raquel Marques pela amizade e pelas palavras de apoio. Um especial agradecimento à Rita pela sua disponibilidade em desenhar os suportes expositivos, apresentados no presente trabalho.

Ao Emanuel, pelo carinho, amizade e paciência presentes ao longo destes três anos.

Resumo

O presente trabalho, que adota o formato de Projeto, resulta numa proposta museológica para o Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa, situado em Vila Nova de Famalicão, pertencente à Rede Museus de Vila Nova de Famalicão. Esta proposta centra-se, sobretudo, numa nova exposição para o Museu, e num plano estratégico de relacionamento com a comunidade circundante. A proposta surge devido à necessidade de renovar o espaço expositivo, mas também de sensibilizar e consciencializar a comunidade circundante de que a antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa já não se assume como um espaço religioso, mas sim museológico. Como sustentação teórica da proposta concretizada, aborda-se o movimento da Nova Museologia e reflete-se sobre o museu como um espaço inclusivo e participativo, bem como, sobre as diferentes potencialidades da exposição. Desenvolve-se, também, uma reflexão sobre a musealização do património religioso e de como este processo se tem modificado ao longo do tempo. A presente proposta visa contribuir para uma melhor ação museológica do Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa, tornando-o num centro de partilha e interação com a comunidade circundante.

Palavras-Chave: Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão; Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa; património religioso; inclusão e participação social; exposição; programa de atividades.

Abstract

The present work, which adopts the Project format, results in the museological proposal for the Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa, located in Vila Nova de Famalicão, belonging to the Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão. This proposal focuses, above all, on a new exhibition for the Museum and a strategic plan for the relationship with the surrounding community. The proposal arises due to the need to renovate the exhibition space, but also to make the surrounding community aware that the old Capela da Nossa Senhora da Lapa is no longer a religious space, but a museological one. The main theoretical support of the proposal is the New Museology movement and the reflection on the museum as an inclusive and participatory space, but also, on the different potentialities of the exhibition. A reflection is also developed on the musealization of religious heritage and how this process has changed over time. This proposal aims at contributing to a better museological action of the Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa, making it a centre for sharing and interaction with the surrounding community.

Key-Words: Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão; Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa; religious heritage; inclusion and social participation; exhibition; activities program.

Índice de Figuras

Figura 1 – Planta do piso térreo da antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa.....	26
Figura 2 – Planta do piso superior da antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa.....	26
Figura 3 – Fachada do MASCL.....	32
Figura 4 – Exterior do lado poente, perspetiva do lado sul.....	32
Figura 5 – Oratório Senhor dos Passos, perspetiva lateral.....	33
Figura 6 – Exterior do lado norte, perspetiva do lado poente.....	33
Figura 7 – Exterior do lado norte, perspetiva do lado nascente.....	33
Figura 8 – Interior do MASCL.....	34
Figura 9 – Púlpito.....	34
Figura 10 – Primeira área expositiva do MASCL.....	35
Figura 11 – Planta da Exposição da primeira área expositiva do MASCL.....	35
Figura 12 – Segunda área expositiva do MASCL.....	36
Figura 13 – Planta da Exposição da segunda área expositiva do MASCL.....	36
Figura 14 – Altar do lado do Evangelho.....	37
Figura 15 – Altar do lado da Epístola.....	37
Figura 16 – Antiga Sacristia.....	38
Figura 17 – Coro-Alto.....	38
Figura 18 – Sala atrás do Retábulo da segunda área expositiva.....	39
Figura 19 – Perspetiva do interior do MASCL, vista da sala atrás do Retábulo do segunda área expositiva.....	39
Figura 20 – Roteiro <i>Juntos por uma Causa</i>	49
Figura 21 – Armário.....	58
Figura 22 – Embaciamento no vidro do armário.....	58
Figura 23 – Texto-legenda do Plinto e da Pia de Água Benta.....	60
Figura 24 – Texto-Legenda da Cruz Processional.....	60

Figura 25 – Exemplo de texto-legenda de uma imagem.....	61
Figura 26 – Texto-legenda da pintura Cristo Crucificado.....	61
Figura 27 – Exemplo de texto-legenda.....	61
Figura 28 – Exemplo de texto-legenda.....	61
Figura 29 – Exemplo de texto-legenda.....	61
Figura 30 – Exemplo de texto-legenda.....	61
Figura 31 – Esboço dos suportes expositivos propostos.....	68
Figura 32 – Exemplo de suporte expositivo.....	69
Figura 33 – Ampliação do espaço expositivo.....	71
Figura 34 – Área Expositiva 1.....	72
Figura 35 – Área Expositiva 2.....	73
Figura 36 – Área Expositiva 3.....	74
Figura 37 - Área Expositiva 4 e Anexo.....	74
Figura 38 – Área Expositiva 4.....	75
Figura 39 – Sugestão de objetos do MASCL para a exposição <i>Os Humanitários da Fé</i>	78
Figura 40 – Sugestão de objetos do MASCL, para a exposição <i>A Minha Antiga Capela da Lapa</i>	78
Figura 41 – Sugestão de objeto do Museu da Guerra Colonial para a exposição <i>Os Símbolos de Fé</i>	80
Figura 42 – Sugestão da localização do QR Code, assinalada com cruz verde.....	84
Figura 43 – Exemplo de texto a ser completado.....	85

Índice de Tabela

Tabela 1 – Categorização do acervo do MASCL, pelo Dr. António Martins Vieira, em 2009.....	40
Tabela 2 – Categorização do acervo do MASCL segundo a Norma de Inventário do MatrizNet.....	43
Tabela 3 – Categorização do acervo do MASCL segundo o Thesaurus – Vocabulário de Objetos do Culto Católico.....	45
Tabela 4 – Número de visitantes nos últimos cinco anos do MASCL.....	46
Tabela 5 – Datas comemorativas assinaladas no cronograma.....	66

Lista de Abreviaturas e Siglas

AHPSA – Arquivo Histórico da Paróquia de Santo Adrião

BCI – Bens Culturais da Igreja

CMVNF – Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

CPBCI – Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

ICOM – Conselho Internacional de Museus

ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

MASCL – Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa

RMVNF – Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão

Introdução

No âmbito do 2º ciclo de estudos do Mestrado de Museologia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, realiza-se o presente Projeto que se centra na construção de uma proposta museológica, abrangendo um programa expositivo e um programa de atividades para o Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa (MASCL), em Vila Nova de Famalicão. Instalado numa antiga Capela, dedicada à Nossa Senhora da Lapa, o Museu é uma das doze unidades museológicas pertencentes à Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão (RMVNF), e é gerido pela Paróquia de Santo Adrião e pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão (CMVNF).

A solicitação do trabalho foi apresentada pela RMVNF pedindo a elaboração de um projeto com duas vertentes: o re-pensar do espaço expositivo do MASCL, propondo uma nova exposição, e o planeamento de um programa estratégico para envolver a comunidade. Estas duas vertentes refletem dois aspetos vulneráveis do Museu. Para além do espaço museológico não estar devidamente aproveitado, a exposição permanente patente no MASCL precisa de ser reestruturada, pois não existe nenhuma linha narrativa expositiva, fazendo com que os objetos estejam expostos “por si só”. Contudo, mais do que uma renovação espacial e expositiva, a inclusão da comunidade circundante surge como uma necessidade urgente, visto que esta não aceita o espaço como museológico, devido à forte ligação afetiva que possuía com a antiga Capela. Impulsionada pelo interesse em querer alargar os meus conhecimentos, teóricos e práticos, na área expositiva, mas também pela vontade de contribuir para uma melhor ação do MASCL, aceitei o desafio proposto.

Numa primeira fase, tornou-se crucial estabelecer que conteúdos seriam abordados e discutidos na vertente teórica, e como funcionariam como suporte para a vertente prática do trabalho. Os ideais da Nova Museologia serviram como ponto de

partida para elaborar uma proposta que promove uma ação museológica centrada nas necessidades e expectativas da comunidade. Perspetivar o museu como uma “zona de contacto” (Clifford, 1997), permitiu, também, estruturar um programa expositivo e de atividades que inclui a comunidade e apela à sua colaboração e participação. Igualmente importante, foi percorrer sobre o recurso à interpretação temática (Ham e Weiler, 2003), aquando da leitura e compreensão dos objetos museológicos, revelando-se assim, como um elemento-chave no planeamento, quer das exposições a propor, quer de outras iniciativas. Em simultâneo, por esta mesma altura é também iniciado o processo metodológico de aproximação ao contexto empírico visado pelo Projeto. Nesta fase iniciou-se um processo de aproximação à RMVNF e ao MASCL. A participação no IV Encontro da RMVNF, realizado nos dias 25 e 26 de novembro de 2019, (Anexos A e B), bem como na reunião de preparação do Dia Internacional dos Museus, no dia 3 de fevereiro de 2020, permitiu conhecer as equipas das outras unidades museológicas, e, acima de tudo, perceber de uma forma inequívoca a organização e a dinâmica estabelecida entre as diversas partes integrantes da RMVNF. Este trabalho de campo prosseguiria posteriormente com as visitas à Fundação Cupertino de Miranda (Anexo C), Casa de Camilo Castelo Branco – Museu.Centro de Estudos (Anexo D), Museu da Guerra Colonial (Anexo E), Museu da Confraria da Nossa Senhora do Carmo de Lemenhe (Anexo F) e Museu de Arte Sacra da Igreja de São Tiago de Antas (Anexo G), as quais se viriam a revelar cruciais no planeamento das iniciativas. Igualmente fundamental foi realizar visitas ao MASCL, pois o contacto direto e pessoal com o espaço museológico proporcionou uma melhor compreensão da relação entre o edifício e os objetos expostos, assim como, identificar quais as potencialidades que não estavam a ser convenientemente exploradas.

Já a segunda fase de aproximação ao contexto empírico consistiu em conhecer o MASCL, ao nível da sua tutela, história, espaço museológico, acervo e programa de atividades. A procura de informações sobre estes aspetos do Museu teve início em janeiro de 2020, com a análise de documentos no Cartório Paroquial, Biblioteca Municipal de Vila Nova de Famalicão e Arquivo Municipal Alberto Sampaio, e prolongou-se ao longo da realização deste trabalho, sendo que muitas das informações foram cedidas pela equipa da RMVNF (particularmente pela Dr^a Mariana Jacob, Dr^a Eva Cordeiro e pela D. Alcina Gonçalves) e pela equipa museológica (especificamente pelo Dr. José Nogueira), quer por comunicação presencial, quer por via e-mail ou telefónica. Outra técnica de recolha de dados acionada, que também se revelou crucial

para uma melhor compreensão da história do Museu, foi a realização de entrevistas a três personalidades famalicenses que estiveram na génese do MASCL – Dr. António Martins Vieira, Dr. Artur Sá da Costa e Monsenhor Joaquim Fernandes. Estas entrevistas foram presenciais e semiestruturadas, recorrendo à pré-elaboração de uma simples lista de tópicos a serem abordados durante as mesmas.

Após esta recolha de informações e seu posterior tratamento teórico, elaborou-se uma primeira versão de proposta dos programas expositivo e de atividades para o Museu. Contudo, tal proposta contrariava em parte as noções teóricas defendidas, no sentido em que não foi desenvolvida em colaboração tão estreita como pretendida com a comunidade de Vila Nova de Famalicão. Devido à pandemia do Covid-19, o trabalho de campo e o contacto direto com os diversos grupos comunitários da região, para a recolha de opiniões e ideias sobre futuras exposições e atividades, tornou-se impossível de concretizar, obrigando a planear um Projeto sem conhecimento tão aprofundado como desejável das necessidades e expectativas das subcomunidades locais.

Para ultrapassar esta adversidade, em colaboração com a RMVNF, foi decidido que eu organizasse um documento reunindo todas as ideias do Projeto até então definidas e o enviasse para diversas pessoas e entidades, representativas de diferentes instituições e grupos de públicos da comunidade, os quais foram identificados com a ajuda da RMVNF e do Dr. José Nogueira, membro da equipa do MASCL. Uma semana após o envio desse documento, foi convocada uma reunião, via plataforma *online Zoom*, com o propósito de recolher as percepções e contributos dos intervenientes. A reunião ocorreu no dia 17 de julho, a partir das 9h30, sendo que o grupo reunido era constituído por intervenientes da área de educação, cultura, animação social, mas também, por membros da RMVNF e da Paróquia de Santo Adrião. Apesar de considerarem que, de um modo geral, a proposta esboçada apresentava iniciativas cativantes e pertinentes, alguns intervenientes alertaram para a pertinência de construir um cronograma para três anos. Com esse cronograma, não só se perceberia a organização temporal das exposições e atividades, como também ficaria perceptível a regularidade das iniciativas. Um outro aspeto apontado, foi a necessidade de ampliar a proposta, sugerindo estratégias comunicativas para uma melhor divulgação dos programas e dos materiais mediadores associados às exposições, bem como, delinear o perfil ideal dos mediadores culturais. No seguimento desta reunião, foi organizada uma nova visita ao MASCL, no dia 23 de julho, agora com o Dr. António Gonçalves – artista e curador da Galeria

Municipal Ala da Frente – e com o Dr. José Nogueira, com o objetivo específico de se pensarem novos suportes expositivos que fossem proporcionais para o espaço expositivo. Durante essa visita tornou-se evidente que a exposição permanente poderia alastrar-se para outras áreas do MASCL, as quais, embora tivessem potencial para funcionar como espaços expositivos, não estavam a ser devidamente usufruídas. Posteriormente, no dia 29 de julho, reuni-me também, via plataforma *online Skype*, com o Dr. Rui Alves Leitão – antropólogo, encenador, dramaturgo, músico e membro da Associação Cultural Fértil –, um dos intervenientes inicialmente proposto, mas que por razões profissionais não conseguira participar na reunião *online* do dia 17 de julho. Deve ser salientado que todos estes encontros foram cruciais para o desenvolvimento da proposta final, pois possibilitaram que esta se afastasse de uma esfera mais abstrata e se aproximasse da realidade sociocultural de Vila Nova de Famalicão, conseguindo, assim, responder às suas necessidades. É, então, possível afirmar que, apesar de todas as vicissitudes, a investigação levada a cabo é um exemplo satisfatório de um processo metodológico capaz de articular vertente teórica e empírica de modo frutuoso.

Em resultado de todo o processo colaborativo concretizado, a proposta final apresentada no presente trabalho organiza-se num cronograma para três anos, sendo que a cada ano atribuí uma palavra-chave – retirada da Declaração de Princípios do MASCL (RMVNF, 2019) – que orienta as iniciativas propostas para esse ano. Para além do acervo detido e do público-alvo reconhecido, existiram outros factores que se revelaram determinantes aquando do planeamento das exposições e atividades, nomeadamente, a intenção de conjugação entre a dimensão religiosa e a dimensão profana, o apelo à participação da comunidade circundante e, ainda, a colaboração com grupos sociais e artísticos do concelho, ou com outras unidades museológicas da RMVNF. Embora a proposta se debruce, com maior ênfase, na nova organização do espaço expositivo e nos programas expositivo e de atividades, verifica-se que, ao conseguir sugerir estratégias comunicativas, materiais mediadores e um perfil para os mediadores culturais, tornou o Projeto mais sólido e coeso. Relativamente ao programa expositivo, ele abrange quatro exposições temporárias e temáticas, com atividades associadas, tendo sido pensado sobretudo como meio para aproximar o MASCL à comunidade circundante. Por outro lado, o programa de atividades aproveita os recursos já existentes do Museu e, simultaneamente, procura desvendar novos aspetos da comunidade.

Com o presente trabalho de Projeto pretende-se refletir sobre os conhecimentos e teorias adquiridos ao longo do percurso no Mestrado em Museologia e aplicá-los por forma a contribuir para uma ação museológica mais consistente do MASCL, procurando torná-lo um centro de partilha e de interação com as subcomunidades envolventes. Proponho, portanto, o desenvolvimento de um programa expositivo e de um programa de atividades que respeita e segue as premissas da Nova Museologia e espero que, através deles, o Museu consiga melhorar a sua relação com os famalicenses.

Importa, ainda, conhecer a estrutura do corpo de texto do presente trabalho, a qual se divide em três capítulos. Partindo de um enquadramento histórico sobre o avanço das práticas e perspetivas museológicas desde fases anteriores da modernidade até à atualidade, o Capítulo 1 aborda a importância do museu orientar a sua ação para o bem-estar dos seus públicos, devendo desenvolver abordagens participativas e inclusivas, quer com os seus visitantes, quer com a comunidade circundante. Discorre-se, também, sobre as potencialidades que a exposição detém, enquanto um dos principais elos de ligação entre o museu e o público. Neste sentido, o Capítulo 1 contém as linhas teóricas que impulsionaram e sustentam a proposta dos programas expositivo e de atividades. Já o Capítulo 2 inicia-se com uma contextualização acerca do surgimento e organização da RMVNF, para depois se apresentar o MASCL, expondo a sua história, espaço museológico, acervo e programa de atividades existente até então. Salienta-se que, na abordagem ao acervo, houve a necessidade de sugerir uma nova categorização das suas peças, agora de acordo com terminologia científica normalizada, cuja informação foi, em parte, cedida pela Dr^a Natália Jorge, membro da equipa da plataforma *online* Sistemas de Futuro, por via e-mail e telefónica. No Capítulo 3 reflete-se sobre o processo de musealização dos bens religiosos e de como tal processo levou à conceção do dito Museu de Arte Sacra e, mais recentemente, à de Museu Eclesiástico, fazendo depois um paralelismo com o processo de musealização da antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa. O Capítulo faz também uma leitura analítica e crítica das componentes do MASCL, apontando os aspetos positivos e negativos. Por fim, este último Capítulo termina com a apresentação da proposta de um programa expositivo e de um programa de atividades para o MASCL. Nos Anexos encontram-se materiais que ilustram o trabalho de campo realizado, desde certificados de participação em eventos da RMVNF, fotografias das visitas às unidades museológicas acima referidas, e ainda, material que se revelou útil aquando da investigação acerca da história do MASCL.

Relativamente ao conteúdo dos Apêndices, os quatro primeiros reúnem um conjunto de informação, como a listagem dos objetos do acervo do MASCL, e respetivos dados sobre a função, significado e iconografia e, ainda, as tabelas de categorização de duas terminologias científicas normalizadas. Importa realçar que, estas informações, resultantes de tarefas realizadas, não tinham como intenção desenvolver um trabalho de estudo de coleções, ou de inventariação, tendo como principal objetivo conhecer melhor os objetos museológicos e fornecer dados que poderão vir a ser úteis para a equipa museológica e a equipa da RMVNF. Além disso, os Apêndices reúnem toda a informação acerca da programação proposta. A partir do Apêndice F é apresentado o cronograma para três anos, sendo que para cada ano se atribuiu um Apêndice, com as iniciativas pensadas ao pormenor. O Apêndice I reúne as fichas técnicas do programa expositivo, enquanto que o Apêndice J é constituído pelas fichas técnicas do programa de atividades. Os outros Apêndices, nomeadamente, os Apêndices E, K e L resultam de materiais sistematizados, que apoiam informações relacionadas com o MASCL ou sobre a proposta.

Capítulo 1

O Museu como Agente Social

Atualmente o museu assume-se como uma instituição ao serviço da sociedade que, apesar de manter funções como a incorporação, a conservação, a comunicação e a exposição das suas coleções, orienta a sua ação para o desenvolvimento integral do seu público. Como espaço político, social e cultural, o museu deve-se manter atualizado relativamente aos seus contextos exteriores, às polémicas ocorrentes e reagir às desigualdades que se fazem sentir na sociedade. Ao afirmar a sua posição política e social, a instituição museológica deverá desafiar ou provocar os seus visitantes, inquietá-los e fazê-los pensar sobre as realidades sentidas e de como poderão agir melhor (Hooper-Greenhill, 2007). Estas serão as linhas orientadoras que guiam o desenrolar do presente capítulo que irá explorar o carácter social dos museus, vendo-os como agentes sociais que possuem as capacidades e as ferramentas para, não só servir a sociedade circundante, mas também trabalhar em sintonia com ela.

Antes, porém, considerou-se essencial desenvolver, num primeiro momento, uma abordagem geral da evolução das práticas e perspetivas museológicas desde a modernidade até ao século XXI. E após se discorrer sobre a relevância da dimensão social do museu, e de como este deve tornar o seu espaço mais acessível à comunidade, reflete-se também sobre um dos principais instrumentos ao serviço da ligação entre a instituição museológica e as pessoas: a exposição. Resistindo à tendência de se focar sobretudo na sua vertente comunicativa, no terceiro ponto deste capítulo explora-se as suas outras vertentes que podem exercer um forte impacto para a comunidade.

1.1. Contextualização: Museu Tradicional versus Nova Museologia

Desde a Antiguidade que o ser humano manifesta um especial interesse em colecionar objetos de diversa natureza, com o intuito de os preservar, atribuindo-lhes um valor e significado que os torna desejáveis. Embora esta prática pareça ser transversal a todas as culturas, foi sobretudo na Europa que, ao longo do tempo, se difundiram novos modelos de coleção, preservação e exposição que funcionaram como antecedentes para a estrutura museológica atualmente conhecida. Um desses modelos foi o designado Gabinete de Curiosidades, emergente ainda no Renascimento, e no qual se procurava reunir um conjunto de objetos, que devido às suas características singulares, funcionavam como provas científicas, artísticas, históricas e culturais. Muitos especialistas consideram que este foi o efetivo antecedente do museu atual, por revelar já uma preocupação em desenvolver uma metodologia de inventariação, classificação, representação e exposição dos objetos que se aproxima das práticas atuais (Hooper-Greenhill, 2003; Lidchi, 1997).

O museu, como instituição da Modernidade, surge como resposta à vontade de restabelecer a ordem numa sociedade que tinha sido “corrompida” com o avanço da Revolução Industrial e para auxiliar na formação e consolidação dos Estados-Nação. Como projeto Iluminista, o museu tradicional esteve sempre ao serviço das necessidades políticas, procurando propagar discursos patriotas, através da exposição de símbolos que afirmavam uma identidade e uma história nacional (Bennett, 1995; Fyfe, 2006; Braz, 2016). Aliado ao desenvolvimento das descobertas científicas e históricas, o museu contribuiu para a expansão e divulgação do conhecimento das diferentes áreas académicas, como a História, Arqueologia, História da Arte, Antropologia, Biologia, Geologia, entre outras. Estas eram abordadas de forma generalizada, dentro de um quadro contextualizado, sendo que os objetos expostos ilustravam as “verdades” apresentadas. Deste modo, um dos principais propósitos da instituição museológica tradicional era o de educar a sociedade através da modelação da sua população, procurando transmitir-lhe não só conhecimentos, tidos como inquestionáveis, mas também a ideia de um progresso alcançado pela respetiva nação. É dentro deste âmbito que o museu começa a ser perspectivado como uma instituição autoritária, onde não existe margem para a interação com os seus visitantes, sendo estes entendidos apenas

como recetores passivos da narrativa expositiva linear imposta (Bennett, 1995; Braz, 2016; Anico, 2008).

Este modelo museológico tradicional, orientado sobretudo para as suas coleções e para a ambição da educação dos cidadãos através delas, perpetuou-se até à segunda metade do século XX. A partir daí, devido à profunda alteração dos contextos políticos e sociais – marcados por duas grandes guerras mundiais, pela expansão da democracia e pela maior acessibilidade à educação e conhecimento – abre-se a possibilidade da discussão e reflexão sobre as práticas museológicas e de como estas deveriam ser renovadas (Valdés Sagüés, 1999; Duarte, 2013). A exigência de uma profunda transformação no modo de agir museológico torna-se visível a partir da década de 1970, com o desenvolvimento de reflexões teórico-críticas acerca do papel social que os museus tinham, ou deviam ter, na sociedade. É dentro deste contexto renovado de discussão que, em maio de 1972, se realiza a Mesa Redonda de Santiago do Chile. Apesar de se centrar nos museus da América Latina (propondo a criação de uma Associação Latino Americana de Museologia), este Encontro de profissionais revolucionou a história da museologia no seu todo, ao impulsionar o repensar das abordagens museológicas à escala mundial. Neste sentido, a Mesa Redonda de Santiago do Chile produziu um dos primeiros documentos que reconhece o museu como uma instituição ao serviço da sociedade. Como tal, o museu deveria promover a participação ativa dos membros da comunidade, valorizando os contributos que estes conseguem dar para a ação museológica (ICOM, 1972). Além disso, defende também que “as técnicas museográficas tradicionais devem ser modernizadas para estabelecer uma melhor comunicação entre o objeto e o visitante” (ICOM, 1972: 114). Saliente-se, ainda, a sugestão de que os museus “devem criar sistemas de avaliação que lhes permitam determinar a eficácia de sua ação em relação à comunidade” (ICOM, 1972: 114).

Durante a década seguinte, vários foram os contributos que permitiram o crescimento deste movimento crítico e de renovação teórica, entretanto designado como Nova Museologia, dentro do qual é possível identificar duas vertentes distintas, a francófona e a anglo-saxónica (Duarte, 2013). Embora ambas renunciem ao modelo museológico tradicional, verifica-se que desenvolvem reflexões diversas ainda que, de certo modo, sobrepostas. A vertente francófona reconhece uma pluralidade museológica assente no ideal da democratização cultural. Ou seja, o museu deverá criar uma relação

com o seu exterior e proporcionar uma maior acessibilidade a um público cada vez mais vasto. Por seu lado, a vertente anglo-saxónica assenta no argumento de que o museu constrói representações (e não verdades inquestionáveis), devendo, portanto, consistir num espaço de reflexão, de crítica e de questionamento das realidades atuais. Através desta perspetiva, o museu procura denunciar injustiças de foro social, político, económico e/ou cultural. As premissas destas duas vertentes encontram-se corporizadas em duas outras produções: a Declaração de Quebec (1984), associada à noção de “museu integral” e à vertente francófona; e a publicação do livro coletivo *The New Museology* (1989), editado por Peter Vergo e mais ilustrativa da vertente anglo-saxónica e representacional. Ao longo do tempo, foram surgindo outras propostas de designação para as novas práticas museológicas defendidas ou praticadas – como a museologia operacional, museologia crítica ou museologia praxiológica enunciadas por Anthony Shelton (2013), ou a sociomuseologia, proposta em Portugal por teóricos ligados à Universidade Lusófona (Moutinho, 1993). Ao submeter tais propostas a uma análise abrangente, verifica-se, contudo, que, na sua essência, os posicionamentos centrais são os mesmos da Nova Museologia. Assim, pode-se afirmar que a Nova Museologia consiste num movimento teórico amplo, abrangendo todo um conjunto de reflexões que procuram promover renovadas metodologias e práticas. O conjunto dessas renovadas linhas de ação visam a participação ativa e a inclusão da sociedade no museu, evidenciando assim o seu papel social, capaz de contribuir para o bem-estar e a mudança social (Duarte, 2013).

Por conseguinte, na presente dissertação usa-se a expressão Nova Museologia para traduzir uma mudança de paradigma que remete para um conjunto de novos posicionamentos teóricos, os quais, por sua vez, fundamentam uma ação mais efetiva por parte do museu para com a sociedade circundante. Procurando especificar, face às críticas apontadas às práticas tradicionais, instala-se na instituição museológica uma inquietação que obriga os museus a repensar e reorganizar as suas missões, objetivos e abordagens. Ao desviar o foco da sua ação, das coleções para os seus visitantes e sociedade circundante, a instituição museológica necessita agora de reconsiderar variados aspetos, em diferentes planos, para melhor cumprir os seus propósitos. Assim, verifica-se que as tradicionais funções do museu, centradas sobretudo na conservação e exposição dos seus objetos, foram expandidas, sendo introduzidas novas preocupações, como a inclusão social, o debate de questões sociais atuais ou o entretenimento.

Atualmente, pretende-se que o museu funcione como fonte de conhecimento e de discussão de ideias, mas também como lugar de lazer e deleite, que pode oferecer uma gama de atividades e serviços capaz de manter o público cativo e animado. Desta maneira, conseguirá não só contribuir para o desenvolvimento integral dos seus visitantes, mas também estimular a sua interação no espaço museológico (MacDonald, 2006).

Há que reforçar a ideia de que a alteração do foco central da ação museológica, no sentido do seu público, funcionou como base para um despertar de reflexões e debates sobre a maneira como as instituições museológicas encaram e interagem com os seus visitantes. Uma das discussões centra-se na questão do museu não se poder assumir como um espaço neutro, isento de opinião acerca do mundo exterior. Como instituição de serviço público, o museu tem de adotar uma posição dentro do contexto político, social e cultural em que atua. Desse modo, a transmissão dos seus valores e ideais é feita através da exposição das coleções e de todas as suas atividades. Em consequência, a instituição museológica, ao assumir-se como um espaço político, tem de guiar a sua ação por princípios éticos, que devem ser plurais e diversificados, sobretudo no que diz respeito à representação cultural e social. As reflexões sobre este assunto tornam central a questão da crítica representacional, subjacente à vertente anglo-saxónica (Duarte, 2013). O museu e as pessoas que nele trabalham ganham consciência, e passam a condenar as meta-narrativas construídas pela anterior museologia tradicional, cujos discursos e produtos culturais daí resultantes podem ser muito problemáticos. Esta linha de reflexão leva ao questionamento do próprio conceito de conhecimento, de como ele é produzido e difundido e do papel do museu nesse processo. Compreende-se e reconhece-se agora que, à medida que o museu tradicional foi construindo as suas narrativas expositivas, muitos contextos de natureza política, social e cultural eram propositadamente excluídos de modo a ocultar outras perspetivas sociais e culturais. Assim, torna-se cada vez mais evidente que é necessário desconstruir os anteriores discursos museológicos e promover um maior alargamento das representações dadas a ver no museu, por forma a dar voz a grupos minoritários, até então excluídos dos espaços museológicos (Scheiner, 2010; MacDonald, 2006).

Em resultado de todo este movimento de renovação e discussão, torna-se mais evidente a vontade, por parte da instituição museológica, de querer funcionar como

efetivo veículo de significativas mudanças sociais e culturais. O objetivo é poderem conduzir as suas abordagens de modo a combaterem estereótipos e preconceitos socio-culturais, atuando em complemento como plataformas ao serviço de minorias e de grupos diversificados, até agora, com poucas possibilidades de fazerem ouvir as suas vozes. Em paralelo com este movimento, que vai originando novas preocupações e novas práticas, importa ter presente que esta realidade não é ainda genericamente praticada, por todos os museus. Constatase que alguns continuam a evitar abordar questões mais sensíveis, de forma a não serem associados a polémicas, e desse modo procurando garantir a sua estabilidade e segurança. Contudo, pode-se dizer que é crescente a pressão para que o museu assuma a sua função como agente social, capaz de comunicar, mediar e relacionar-se com a sociedade em que está inserido (Hooper-Greenhill, 2000; Sandell, 1998; Carvalho, 2015).

1.2. O Museu como Espaço Inclusivo e Participativo

Ao possibilitar uma abordagem museológica mais ativa, o movimento da Nova Museologia realçou a estreita relação dos museus com conceitos como os de identidade e património. De modo a refletir sobre a responsabilidade social dos museus, é importante perceber não só o que estes dois conceitos significam, mas também a relação que estabelecem entre si e com as instituições museológicas. Enquanto a identidade resulta “do reconhecimento de pertença, de acordo com a percepção da diferença e da semelhança” (Anico e Peralta, 2006: 2), o património consiste numa “re-semantização que transforma o objeto em símbolo representativo de algo; investe-o de significado, de acordo com discursos precisos, destinados a evocar identidades, recordar passados idealizados, distinguir singularidades” (Torrico, 2006: 32).

Num mundo cada vez mais globalizado – no sentido de percorrido por fluxos planetários de pessoas e coisas, onde as tendências mundiais se apropriam de diferentes estilos de vida dos indivíduos e as sociedades se caracterizam pela sua interculturalidade – verifica-se que aumenta, por parte das comunidades, uma necessidade de afirmação dos seus traços identitários. Trata-se do processo de procurar realçar as particularidades que as distinguem umas das outras. É nesse processo que o património surge como uma forma de expressão de identidade cultural, pois resulta de uma seleção de ícones e

representações, com os quais os elementos da comunidade criam uma ligação e se identificam (Anico e Peralta, 2006; Torrico, 2006). Dentro deste processo, o museu, como instrumento ao serviço da comunidade, pode desempenhar um papel fundamental, por ter a capacidade de tornar os valores e os traços culturais comunitários mais identificáveis, ou visíveis, ajudando, assim, à construção de um sentimento de pertença. Por conseguinte, esta é outra dimensão das funções sociais do museu, o que exige um sentido de responsabilidade social bastante acentuado. Cada vez mais, o museu é chamado a agir como um fórum social, procurando convidar a sua comunidade a participar, a partilhar e a discutir as suas realidades e os assuntos do seu interesse. Para que o museu possa contribuir para a equidade e inclusão social e cultural, as suas práticas deverão assentar em valores democráticos e éticos e serem geridas e orientadas para isso (Anico e Peralta, 2006; Torrico, 2006; Sandell, 2007; Weil, 2007).

Relativamente à inclusão, esta possui diferentes dimensões, nomeadamente, económica, política, social e cultural. Segundo Sandell (1998), a dimensão cultural da inclusão abrange três vertentes: a representação, o acesso e a participação. Assim sendo, ao se definirem como inclusivos, os museus devem procurar orientar a sua ação de acordo com essas três vertentes da dimensão cultural, pois só desse modo proporcionarão uma maior ampliação dos seus públicos, bem como também contribuirão para a sua maior participação equitativa no espaço museológico (Sandell, 1998). Salienta-se o recurso à noção de equidade, ao invés da de igualdade, por a primeira expressar melhor a ideia de que os museus devem disponibilizar diferentes condições e oportunidades aos seus variados públicos, de modo a que todos consigam usufruir da experiência de forma igualmente satisfatória.

Através da vertente da representação, compreende-se que o museu, além de ser meio de afirmação das possíveis identidades culturais comunitárias existentes entre os seus públicos, pode contribuir de forma significativa, para uma melhor compreensão das mesmas, ao dissipar falsas ideias e estereótipos pré-existentes na sociedade. Tendo como principal foco as pessoas, o museu deve procurar reunir as condições necessárias para lhes permitir um maior acesso, em termos físicos, mentais e sociais. Assim, deverá adaptar a sua arquitetura, e outro tipo de estruturas, a todos os públicos que, possuam, ou não, deficiências sensoriais ou mentais (Sandell, 1998). É através desta abordagem que a instituição museológica consegue incluir a comunidade em termos amplos. Além

disso, o museu deve também adotar práticas que visem incentivar a participação da comunidade no seu espaço e atividades, de forma a aumentar o grau de partilha e mútuo reconhecimento, o que significará melhorar a sua ação museológica. É de salientar aqui a importância da imaginação, da criatividade e da dimensão emocional que o património pode despertar. Trata-se de compreender que o museu se assume inclusivo quando se envolve com a comunidade, e não quando apenas aborda essa comunidade (Scheiner, 2010).

Ao expor coleções de carácter regional, nacional e internacional, o museu assume o seu espaço como uma plataforma para a promoção da diversidade cultural, contribuindo para a consciência da existência de várias culturas, todas elas com características e valores distintos, mas não necessariamente inconciliáveis (Carvalho, 2015). Muitas vezes, o contacto entre culturas pode suscitar incompreensão e confronto, por haver oposição e diferenças entre comportamentos e valores defendidos entre elas. Porém, o museu pode ser um instrumento central no diminuir desse choque cultural, ao apresentar de forma consciente e sensível as diferentes particularidades existentes entre as várias culturas (Golding, 2013). No seguimento deste raciocínio, é útil perspetivar a instituição museológica como “zona de contacto” (Clifford, 1997), no sentido de poder ser especialmente apta a conseguir reunir conjuntos de indivíduos, pertencentes ou não à mesma comunidade, dentro do seu espaço, e gerar diálogos e novos relacionamentos entre eles, através das exposições e outras atividades oferecidas. A expressão “zona de contacto” foi inicialmente utilizada por Mary Louise Pratt, mas posteriormente empregue por James Clifford (1997), como se referindo ao museu como um espaço no qual os indivíduos, de diferentes geografias e gerações, podem interagir uns com os outros e desenvolver fortes relações (Nicks, 2005).

Em relação à vertente da participação, torna-se fulcral refletir sobre o seu contributo para a ação museológica, assim como as questões que lhe estão inerentes. O Código de Ética do ICOM, aprovado em 2004, defende a importância da comunidade se envolver com o museu, estabelecendo-se uma estreita colaboração ativa entre a equipa museológica e os elementos da comunidade ou comunidades envolventes, nomeadamente aquela de onde os objetos do acervo provêm (ICOM, 2017). Destaca-se a ação dos museus comunitários por melhor ilustrarem uma abordagem museológica assente no diálogo e na democratização cultural. A sua ação deve ser veiculada tendo

em vista alcançar uma melhor compreensão das identidades culturais das comunidades circundantes, ao apresentar o seu património e as diferentes narrativas evocadas. Por outro lado, parte do sucesso das atividades do museu depende da participação dos elementos das comunidades, que devem contribuir de modo significativo com as suas memórias, experiências e conhecimento (Wild, 2017).

Mas incluir a(s) comunidade(s) na dimensão museológica pode ser um processo árduo, durante o qual será preciso manter uma mente aberta e recetiva, pronta a ser confrontada com opiniões muitas vezes divergentes e contraditórias. Apesar da grande diversidade de formas de envolvimento comunitário, Galla (2008) diferencia três principais modelos participativos. O primeiro desses modos resulta na contribuição dos elementos da comunidade como informantes. Já o segundo, estabelece um maior envolvimento, sendo que a equipa museológica e a comunidade trabalham em conjunto para concretizar um projeto. E, por fim, o terceiro modelo será aquele em que a comunidade assume total controlo sobre a ação museológica. Todavia, em qualquer uma das situações, é importante que a instituição museológica assuma os elementos da comunidade como produtores culturais, como devendo conceder-lhes um poder decisivo, total ou parcial, nos processos de criação de novos discursos e projetos (Kreps, 2009). Ao partilhar o seu conhecimento, cada comunidade contribui, de forma significativa, para a sua representação no desenvolvimento de exposições ou outras atividades, oferecendo-se assim oportunidades para se articularem perspetivas e narrativas diversas (Crooke, 2006).

Quando se aborda a colaboração com a comunidade no espaço museológico, é necessário refletir sobre uma questão que lhe está implícita: a partilha da autoridade. Torna-se crucial que a equipa museológica e a comunidade definam os limites das suas áreas de intervenção e, para isso, é preciso que ambas as entidades saibam reconhecer e respeitar o poder de cada uma. Neste sentido, poderá haver situações em que existe uma partilha de autoridade igualitária, ou em que uma das partes possui maior poder em relação a certas matérias. Em qualquer dos casos, nenhuma delas deverá assumir uma posição de superioridade em relação à outra. Por vezes, a equipa museológica, por possuir formação e conhecimentos especializados, não adota uma atitude recetiva em relação às críticas e opiniões sobre os seus métodos de trabalho e sobre as abordagens museológicas adotadas, criando assim um ambiente prejudicial que, por sua vez, terá

repercussões negativas no resultado final do projeto. De forma a evitar estas tensões, é fundamental que, não só exista um diálogo entre a equipa museológica e os elementos da comunidade, mas que haja também o reconhecimento de que cada uma das partes precisa da outra. Ou seja, importa que seja reconhecido que as informações detidas pela equipa museológica serão complementadas com os conhecimentos e experiências vividas pela comunidade. O resultado final, independentemente da sua natureza, só será favorável se refletir a colaboração que existiu durante todo o processo e conseguir demonstrar a perspetiva histórica, social e cultural da comunidade em questão (Nicks, 2005; Carvalho 2015; Hutchison, 2013).

A propósito deste tópico, é necessário ter consciência de que a questão da participação ativa de elementos da comunidade no museu, ainda não se concretiza em muitas instituições museológicas. Mesmo no século XXI verifica-se, ainda, a adoção de muitas práticas museológicas centradas nas coleções, desvalorizando as potenciais narrativas e significados por elas desencadeadas, bem como a ausência de intenção de envolver a comunidade no museu, preferindo encará-la apenas como passiva e recetora das informações transmitidas. Em alguns casos, é a própria comunidade a pressionar as instituições museológicas para que representem a sua identidade cultural comunitária, com o intuito de que o seu património possa ser interpretado e conservado. Já noutras situações, constata-se até o desconhecimento, por parte dos elementos da comunidade, da existência de um museu que alberga o seu património, mas que também, muitas vezes, promove apenas a falsa ideia de uma comunidade assente num passado egrégio. Estas duas realidades precisam de ser alteradas. No entanto, isso apenas acontecerá se e quando o museu reconhecer duas linhas de mudança. A primeira consiste na adoção de uma abordagem enfatizadora dos valores e significados dos objetos, mais do que da sua materialidade, pois só assim é que o património será efetivamente conservado. A segunda linha de mudança implica a consciência de que a ação museológica apenas será devidamente valorizada, quando permitir que os membros da comunidade possam ter um papel ativo no museu. (Lourenço, 2014; Davis, 2007).

Atualmente, o museu já não pode ser avaliado sem a consideração da sua vertente social, ou seja, se demonstra, ou não, interesse em querer responder às necessidades e expectativas dos seus públicos. Para concretizar esse seu papel social, o museu precisa tomar a iniciativa de conhecer a comunidade que o rodeia, de modo a

poder convidá-la a participar nas práticas museológicas. Apesar da co-participação comunitária exigir, por parte da instituição museológica, disponibilidade financeira, tempo e uma mente aberta, os resultados desta experiência culminarão num museu assente em valores que promoverão de modo mais efetivo a inclusão e a equidade social (Nicks, 2005; Crooke, 2007).

1.3. Em Torno das Potencialidades da Exposição

Tendo presente tudo o que já foi dito sobre as reformulações trazidas pela Nova Museologia em relação à ação e papel do museu, um dos grandes desafios que este enfrenta é encontrar o balanço certo entre ser uma instituição tanto educativa quanto de entretenimento. As exposições surgem como uma estratégia possível para atingir esse equilíbrio, pois além de funcionarem como um elo de ligação entre o museu e o seu público, podem ser boas vias para promover uma interação entre ambos e, simultaneamente, enriquecer os conhecimentos e as experiências sensoriais dos visitantes de modo dinâmico e divertido. Apesar de ainda se assistir a algumas conceptualizações de exposições museológicas apenas assentes na preocupação da transmissão de conhecimentos, há que destacar a vontade notória de muitos museus em planear exposições que incentivam os visitantes a usufruir de uma experiência sensorial e interpretativa mais ampla. Graças aos avanços tecnológicos, a instituição museológica tem à sua disposição uma multiplicidade de recursos que facilitam a produção de ambientes estimulantes dos sentidos e da reflexão do público, permitindo que este desfrute e se envolva de modo mais interativo com o espaço museológico. Todavia, a tecnologia como meio de comunicação não deve ser entendida como um recurso exclusivo ou milagroso. Deve sim, ser conciliado com outras estratégias comunicativas, de maneira a proporcionar uma comunicação mais ampla e eficaz (MacDonald e Alsford, 1989; MacDonald e Basú, 2007).

Cada vez mais, o museu compreende o forte potencial comunicativo, que as exposições podem deter para levar as pessoas a questionar determinadas realidades. Convém lembrar que essa perceção se tornou mais evidente graças a uma outra premissa, trazida pela Nova Museologia: a realização de exposições temporárias e temáticas. A instituição museológica percebe, então, que, ao projetar exposições de curto ou médio prazo, não só cria um maior dinamismo no espaço, como também

consegue inovar e explorar novas abordagens e técnicas com discursos mais ousados. Estas exposições renovadas periodicamente passam a ser organizadas em torno de um tema, o qual tanto pode focar-se em questões diversificadas como, por outro lado, abordar questões de interesse local. No primeiro caso, as exposições centram-se no debate de temáticas atuais e pertinentes, permitindo assim, a comunicação e reflexão acerca de concepções, ideais e posicionamentos relativos à realidade em que o público se move. Já no segundo caso, a exposição demonstra um carácter mais identitário, assumindo-se como um sistema representativo da identidade cultural da comunidade circundante (Belcher, 1991; Lord, 2002).

À potencialidade comunicativa e representativa, adiciona-se ainda a capacidade da exposição proporcionar um ponto de contacto entre o público, o tema e os objetos apresentados. Quase todos os objetos que são exibidos num museu não foram inicialmente criados para tal fim. Ou seja, os objetos começam por ter funções e significados específicos e, ao longo do tempo, novas funções e significados são rearticulados ou adicionados, prolongando-se assim a construção da sua biografia (Kirshenblatt-Gimblett, 1991; Ames, 1994). Neste sentido, ao entrarem na instituição museológica, os objetos assumem-se como “objetos-semióforos” (Pomian, 1984), isto é, como objetos que perderam a sua utilidade e que representam o invisível, possuindo em si um significado que é revelado quando exposto. Dentro deste âmbito, é também pertinente o conceito de “objeto-devir”, utilizado por Bruno Brulon (2013), o qual faz referência “não mais ao objeto em si, mas às relações que dizem respeito a sua existência social” (Brulon, 2013: 160). Acontece, porém, muitas vezes que, devido ao carácter artístico e/ou de raridade de muitos objetos, a sua exposição pode conduzir a uma leitura que leva o visitante a deslumbrar-se apenas com as qualidades estéticas do objeto, desatendendo à sua biografia e significados, cuja consideração permitiria uma interpretação mais rica e sociocultural. De modo a evitar a projeção de uma exposição como mera apresentação de objetos, prática corrente no modelo tradicional, o museu deve procurar recorrer à interpretação como uma estratégia de comunicação criativa e de valorização patrimonial (Ham, 1992; MacDonald, 2006).

Designada também como educação patrimonial ou mediação, a interpretação assume um carácter pedagógico informal, assente sobretudo numa vertente recreativa e desafiadora, tendo como principal objetivo provocar os visitantes. Vários foram os especialistas que se debruçaram sobre o tema da interpretação – como Freeman Tilden

[1957] (1977), na obra *Interpreting Our Heritage*; Beck e Cable (1998), no livro *Interpretation for the 21st Century*; Sam Ham (1992), na obra *Environmental Interpretation: A practical guide for people with big ideas and small budgets*; ICOMOS (2004), *Carta Ename* – os quais sugeriram diversos modelos de ação. Todos eles podem surgir como solução alternativa aos modelos interpretativos utilizados por muitas instituições museológicas que se caracterizam pela mera transmissão de informações, pretendendo obrigar os seus públicos a aceitá-las acriticamente. Este método revela-se cansativo e estático, não produzindo significativos benefícios para o desenvolvimento do espírito crítico dos visitantes. Das possibilidades alternativas escolhe-se reter aqui apenas alguns aspetos relativos à interpretação temática defendida por Sam Ham e Betty Weiler (2003). De acordo com os autores, são quatro as características fundamentais que a interpretação temática deve respeitar: ser relevante, divertida, estruturada e organizar-se em torno de um tema. É através da reflexão sobre o tema, que a interpretação conseguirá desafiar o ponto de vista do seu público, fazendo-o questionar-se sobre as suas atitudes e formas de pensar relativamente a uma determinada realidade, relacionada com o tema. O impacto que a interpretação temática tem no público depende, principalmente, de dois aspetos: da qualidade do tema, ou seja, quanto mais forte for a temática, maior será a sua magnitude e, da forma como os factos relacionados com o tema são expressos (Ham e Weiler, 2003; Hees, 2018).

Por conseguinte, a interpretação temática é aqui escolhida como o melhor modelo interpretativo a ser utilizado nas exposições, pois o seu carácter abrangente, provocativo e dinâmico consegue, mais facilmente, responder às necessidades das exposições que têm como principal intenção desafiar os visitantes a refletir, sobre determinadas realidades. Na instituição museológica, a interpretação pode ser concretizada através de diversas estratégias, tais como, a visita orientada, os recursos digitais interativos, os textos expositivos, etc. No entanto, é fundamental que haja um fio condutor subjacente à narrativa expositiva. Resultante de uma construção humana, a narrativa deve ser interativa e provocadora, visto que é ela que, durante a exposição, incentiva os visitantes a interpretar e a relacionarem-se com os objetos (Hees, 2018; MacLeod e et al., 2012).

Contudo, importa também refletir sobre a forma como os textos expositivos são produzidos e dispostos no espaço expositivo, pois tanto podem contribuir para o

incentivo da interpretação, como condicioná-la. Quando se considera a presença de elementos textuais na exposição, existe a tendência para considerar a legenda como o principal e imprescindível elemento textual, que procura elucidar o visitante sobre os objetos apresentados. Ao submeter a legenda a uma análise, verifica-se muitas vezes que o seu conteúdo, e a própria terminologia usada, se aproximam mais do modelo museológico tradicional, do que das premissas defendidas pela Nova Museologia. Por norma, a legenda fornece informações básicas sobre o objeto – designação, dimensões, datação, proveniência, e por vezes, o autor – com as quais é apenas possível nomear e identificar o objeto, havendo uma preocupação mais descritiva do que interpretativa. Ora, por essas razões é que se defende como mais adequado o uso da denominação “textos expositivos”, para melhor expressar o recurso a elementos textuais no contexto expositivo. Aquando da sua produção, é importante que a instituição museológica compreenda que, ao selecionar um tipo de informação para apresentar na exposição, exclui, simultaneamente, outras informações. Para os textos expositivos acentuarem a interpretação, é crucial que a equipa museológica ceda informações que permitam várias perspetivas, proporcionando, assim, diversas leituras do mesmo objeto (Freitas, 2016).

Salienta-se ainda, uma outra potencialidade da exposição que está relacionada com a projeção de exposições temáticas, centradas na comunidade: o modo como aquela pode atuar como uma plataforma para a comunidade expressar os seus traços culturais. Para alcançar esse objetivo, a instituição museológica deve tomar a iniciativa de solicitar a sua participação no planeamento da exposição. Durante esse processo, os elementos da comunidade devem acompanhar todas as etapas a serem cumpridas, tendo a liberdade de expressar as suas opiniões, de apontar críticas construtivas e contribuir, através da partilha dos seus conhecimentos e experiências, para uma maior compreensão sobre a sua identidade cultural (Ferguson, 2005; May, 2002).

Apesar de existirem diversas tarefas em que a participação da comunidade pode ser requerida – como na produção de textos expositivos, na montagem da exposição, entre outras – destaca-se a etapa da escolha de um conceito, ou de uma temática, que oriente o desenrolar da narrativa expositiva e, ainda, a seleção dos objetos a serem apresentados ao público. Estas duas tarefas são um exemplo de que a colaboração dos elementos da comunidade é vital, pois como se trata da apresentação e exibição dos seus traços identitários é fundamental que os elementos da comunidade possam intervir e

opinar sobre qual o tema que será debatido na exposição, assim como, quais os objetos que melhor expressam a temática selecionada. Porém, em qualquer das etapas, é importante que a relação colaborativa, assente no diálogo e no respeito mútuo, procure atenuar e resolver conflitos e tensões entre as partes envolvidas. Caso isso não aconteça, poderá ter repercussões negativas na exposição produzida. Além disso, a coparticipação permite abafar a voz curatorial, muitas vezes caracterizada como opressiva e especializada, que se instala na narrativa e impede o diálogo e a interação entre as coleções e o público (Hutchison, 2013).

Como uma das principais funções museológicas, a exposição deve resultar, então, da combinação de diferentes elementos – tema, objetos, interpretação, componentes textuais e visuais, iluminação, som, etc – os quais sendo articulados de modo harmonioso, conferem à exposição criatividade e originalidade, do que pode resultar uma experiência única e memorável para os visitantes. Atualmente, é fulcral que o museu reconheça as diversas potencialidades da exposição, já que ao explorá-las e aplicá-las se permite que a sua ação transformativa se torne mais evidente. Os museus que expressam a vontade de ser agentes sociais, precisam de ter a consciência de que as exposições são fortes catalisadores de interações plurais, entre a instituição museológica, o público, a comunidade e as coleções, podendo todos cruzar-se entre si.

Capítulo 2

O Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa

De modo a desenvolver uma proposta museológica para o MASCL, torna-se crucial conhecer esta instituição museológica, desde a sua organização, a sua história, o espaço onde se insere e as atividades que tem para oferecer ao seu público. É neste sentido que o presente capítulo se orienta, estando dividido em cinco partes, cada uma delas debruçando-se sobre as diferentes componentes da instituição. Como unidade museológica pertencente à RMVNF, será contextualizado, num primeiro momento, o surgimento desta estrutura e a sua ação na dimensão cultural de Vila Nova de Famalicão. Após se abordar a história do edifício do MASCL, assim como a descrição espacial do mesmo, apresenta-se o seu acervo, sugerindo uma nova categorização das suas peças com base em terminologia científica normalizada e, por fim, dá-se a conhecer o programa de atividades existente no Museu.

2.1. A Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão

Ao longo da segunda metade do século XX, a cidade de Vila Nova de Famalicão tem vindo a ser enriquecida com uma pluralidade de instituições museológicas, com diferentes valências artísticas, históricas e culturais que se refletem nas mais variadas naturezas das suas coleções. No entanto, no dia 1 de abril de 2009, realizou-se um plenário com os responsáveis das unidades museológicas existentes, ou com futura implementação, onde se reconheceu que as potencialidades de cada um destes museus não eram visíveis nem valorizadas o suficiente, sendo que entre eles não havia uma relação de cooperação, mas antes uma ação individual e fechada em si mesma (Costa, 2011a). Foi nesse momento que se começou a discutir a criação de uma rede de museus,

“nomeando para o efeito, um Grupo de trabalho, mandatando-o para elaborar um plano de acção” (Costa, 2011a: 306). Uma das primeiras etapas foi a elaboração de um inquérito, pelas unidades museológicas, com o objetivo de delinear e compreender o ponto de situação de cada uma delas. Os resultados desse inquérito, apresentados publicamente no Seminário “Rede de Museus. Território. Identidade. Património”, em 2011, demonstraram, de forma evidente, a imperiosa necessidade de criar uma rede museológica (Costa, 2011a). Foi dentro deste âmbito que, no dia 26 de novembro de 2012, com a assinatura da Declaração de Princípios, nasceu a RMVNF, coordenada pela Divisão da Cultura e do Turismo do Município, reunindo um conjunto de treze instituições museológicas (CMVNF, 2012a). Porém, atualmente, a RMVNF alberga doze unidades museológicas, quatro sob tutela municipal – Casa de Camilo Castelo Branco-Museu.Centro de Estudos, Museu de Bernardino Machado, Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, Casa-Museu Soledade Malvar – e oito delas pertencentes à esfera privada – Museu Fundação Cupertino de Miranda-Centro Português do Surrealismo, Museu Nacional Ferroviário-Núcleo de Lousado, Museu de Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves, Museu do Automóvel, Museu da Guerra Colonial, MASCL, Museu da Confraria da Nossa Senhora do Carmo de Lemenhe, Museu Cívico e Religioso de Mouquim (RMVNF, 2019). De todas estas unidades museológicas, apenas seis¹ possuem um protocolo de gestão partilhada com o Município de Vila Nova de Famalicão (CMVNF, 2012a), sendo que o MASCL e o Museu Ferroviário-Núcleo de Lousado é que usufruem da cedência de recursos humanos e financeiros por parte da RMVNF (Mariana Jacob, comunicação pessoal).

Apesar desta estrutura cumprir os objetivos inicialmente estipulados, constatou-se que possuía potencialidades suficientes para ser muito mais ativa. Por conseguinte, a equipa da RMVNF, juntamente com as equipas dos museus integrantes, tomaram a iniciativa de abrir um processo de reavaliação de missão e objetivos, tanto da Rede de Museus como de cada instituição museológica a ela pertencente. O resultado consistiu na reformulação das respetivas missões, assim como na definição de cinco objetivos e cinco ações, publicadas na primeira edição monográfica “Ser e Fazer Museu no século XXI”, vinda a público em novembro de 2019 (RMVNF, 2019).

¹ Museu Nacional Ferroviário-Núcleo de Lousado; Museu do Automóvel; Museu da Guerra Colonial; Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa; Museu da Confraria da Nossa Senhora do Carmo de Lemenhe; Museu Cívico e Religioso de Mouquim.

A missão da RMVNF consiste então em “constituir uma estrutura de cooperação, comunicação e apoio aos museus, que contribua para a compreensão e para o desenvolvimento sustentado do território” (RMVNF, 2019: 14). Ao defender uma metodologia de trabalho rigorosa e ética, a Rede de Museus propõe estabelecer linhas de contacto e de cooperação entre as instituições museológicas, de modo a que as diferentes equipas possam partilhar conhecimentos e criar ligações entre as suas instituições e coleções. Através da disponibilização de recursos financeiros, humanos e materiais, a RMVNF compromete-se a promover uma ação cultural envolvendo as suas unidades museológicas, tendo sempre em consideração a identidade de cada uma delas (RMVNF, 2019)².

2.2. História do MASCL

Localizado no Largo Tinoco de Sousa, no centro da cidade de Vila Nova de Famalicão, o MASCL, tal como a sua própria designação sugere, instala-se numa antiga Capela, cuja história remonta ao século XVI. Segundo um documento datado a 28 de junho de 1577, existia uma Ermida no mesmo local onde se encontra atualmente o Museu, cujo orago era São Sebastião. No século XVIII, devido à difusão do culto de Nossa Senhora da Lapa, sobretudo no norte do país, esta Ermida de São Sebastião terá visto alterado o seu orago para o de Nossa Senhora da Lapa, sabendo-se que, em nome do novo culto, foi iniciada uma angariação de fundos para a reconstrução do edifício (Vieira, 2009).

O culto a Nossa Senhora da Lapa intensificou-se no norte de Portugal devido à ação do Padre Ângelo Sequeira, natural de São Paulo (Brasil) que, em 1754, chegou à cidade do Porto com o intuito de propagar a prática do culto à Virgem da Lapa (Leite, 1939). Responsável pela construção da Igreja da Nossa Senhora da Lapa, no Porto, supõe-se que o Padre Ângelo Sequeira tenha estado em Vila Nova de Famalicão e tenha oferecido uma imagem de Nossa Senhora da Lapa, à Capela agora com essa designação.

² Como seus Cinco Objetivos, a RMVNF (2019:14) define: “1. Promover a cooperação para a utilização integrada e descentralizada de recursos humanos, materiais e financeiros; 2. Fomentar a adoção e desenvolvimento de padrões de rigor, qualidade e ética no exercício das práticas museológicas; 3. Potenciar a troca de experiências e conhecimentos entre profissionais dos museus; 4. Divulgar os museus e aproximar a respetiva oferta cultural aos diferentes públicos; 5. Valorizar o diálogo e explorar conexões entre as coleções e o território, respeitando a identidade e a missão de cada museu”.

Segundo informações cedidas pelo Professor Doutor Francisco Ribeiro da Silva³, Mesário da Cultura (Anexo H), tem-se conhecimento de que o Padre Ângelo Sequeira pregou em diversos locais do norte de Portugal e da Galiza, existindo no Arquivo da Venerável Irmandade da Nossa Senhora da Lapa livros que registam as terras por onde passou, incluindo Vila Nova de Famalicão⁴. Além disso, e de acordo com a mesma fonte, existem registos que comprovam que durante as suas viagens, o Padre Ângelo Sequeira levava consigo pequenas imagens de Nossa Senhora da Lapa.

De acordo com as Memórias Paroquiais, de 1798, a Capela da Nossa Senhora da Lapa era propriedade da Paróquia de Santo Adrião, de Vila Nova de Famalicão (como referido por Vieira, 2009). Em 1874, a Santa Casa da Misericórdia desta Vila deu início à construção do Hospital S. João de Deus, o qual foi edificado ao lado da Capela da Nossa Senhora da Lapa. Inaugurado em 1878, o Hospital mantinha uma distância lateral em relação à Capela de 4.48 metros e uma extensão de frontaria sul de 4 metros. A cargo do pedreiro Manuel António Bouças, foram realizadas intervenções na Capela que consistiram: no aumento do corpo da capela, de modo a alinhar a sua fachada com a fachada do Hospital; na construção de uma torre sineira, no lado poente da sua fachada; e, ainda a instalação de um coro-alto. O conjunto das melhorias tinha, também, por objetivo que os pacientes e funcionários do Hospital pudessem ter acesso direto àquele espaço religioso (Vieira, 2009). As obras na Capela da Lapa são dadas como finalizadas em 1890 e a partir daí, com o consentimento do Abade da Paróquia de Santo Adrião, o espaço passou a ser utilizado pela Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Famalicão (Vieira, 2009).

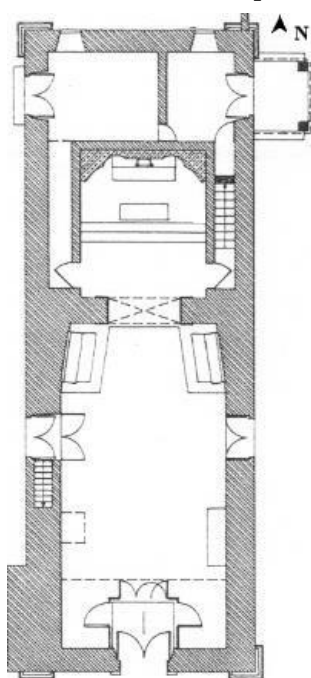
Assim, no final do século XIX, a Capela possuía dois pisos. Como se pode observar na Figura 1, no piso térreo predominam três dependências: a nave, o presbitério e a sacristia. Acedida pelos fiéis através do lado sul da Capela, a nave contém na parede lateral esquerda um púlpito e, a anteceder o presbitério, nas paredes laterais, encontram-se duas mesas de altar, com os seus respetivos retábulos. Na zona do presbitério existe também, um retábulo que encima a mesa do altar-mor. No lado

³ Estas informações foram obtidas a partir de um e-mail enviado no dia 5 de maio de 2020 ao Mesário da Cultura da Irmandade, onde se solicitava também a confirmação sobre ter sido o mesmo Padre a oferecer a imagem de Nossa Senhora da Lapa à Capela.

⁴ Segundo informações cedidas pela RMVNF, os livros não mencionam explicitamente Vila Nova de Famalicão, mas sim Comarca de Barcelos, (e por vezes o nome dos mosteiros/conventos por onde o Padre Ângelo Sequeira passava), Comarca a que pertencia o território de Vila Nova, hoje Vila Nova de Famalicão.

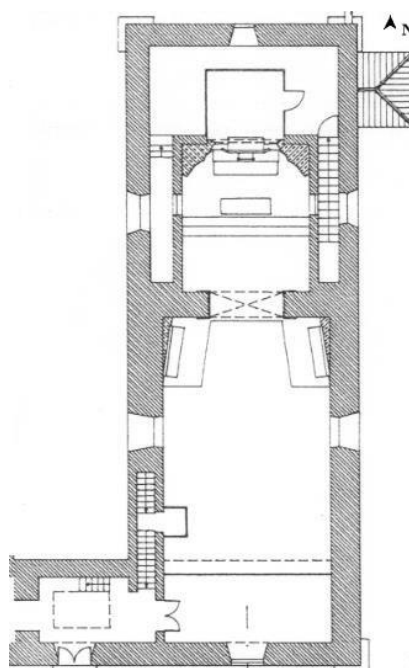
esquerdo deste espaço, existe uma entrada para a sacristia. Lá dentro, na parede direita, existia um acesso interior à parte de trás de um oratório, situado na ala nascente do exterior da Capela, dedicado ao Senhor dos Passos⁵. Através da observação da Figura 2, percebe-se que o piso superior está dividido em duas áreas: o coro-alto e uma sala. As escadas que acedem ao púlpito permitem também o acesso ao coro-alto, situado no lado sul da Capela.

Figura 1 – Planta do piso térreo da antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa



Fonte: Autoria própria

Figura 2 – Planta do piso superior da antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa



Fonte: Autoria própria

Nesta parte do primeiro piso, além de se encontrarem as escadas para a torre sineira, era também a via por onde se estabelecia a ligação entre a Capela e o Hospital. O resto do primeiro piso é acedido através de uma entrada na parede do lado do Evangelho do presbitério (parede do lado direito) por onde se acede a uma sala. Era nesta sala que se encontravam quatro imagens representando o episódio religioso do

⁵ O acesso para o oratório do Senhor dos Passos a partir da sacristia foi barrado nas obras realizadas na década de 1990.

Calvário⁶, as quais podiam ser vistas do espaço da nave, através de uma abertura na parede atrás do retábulo do altar-mor (Anexo I)⁷.

Em 1964, com as renovações do Hospital S. João de Deus, a Capela da Nossa Senhora da Lapa deixa de ser necessária para a Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Famalicão. Desde esse período até à década de 1990, a Capela é utilizada pela respetiva comunidade paroquial como espaço de culto religioso local e capela mortuária. A partir de 1993, com a inauguração da Nova Igreja Matriz, a Capela acaba por deixar de ser utilizada para o culto, o que conduz a um processo de degradação bastante rápido (Vieira, 2009).

Perante esta situação, a não utilização para fins de culto e a degradação física dos materiais, o pároco e cónego da altura, Monsenhor Joaquim Fernandes, procura reavivar este espaço através de outra função, pois considerava que tanto a arquitetura como os objetos que albergava detinham interesse histórico, artístico e cultural que deviam ser partilhados pela comunidade de Famalicão. Neste sentido, em 1995, o Monsenhor Joaquim Fernandes e três personalidades locais – Dr. Artur Sá da Costa, então diretor do Departamento de Educação e Cultura da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão; Dr. António Martins Vieira, historiador local; e Agostinho Fernandes, na altura presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão – formam uma Comissão Instaladora cuja tarefa principal foi proceder à reconversão da Capela num museu de arte sacra (Vieira, 2009; Fernandes, 2020; Costa e Vieira, 2020).

Nesse mesmo ano de 1995, realizaram-se escavações arqueológicas com o intuito de encontrar a estrutura primitiva da Capela. Segundo uma carta datada de 9 de janeiro de 1995 e informações cedidas pelo Dr. Artur Sá da Costa e pelo Dr. António Martins Vieira (comunicação pessoal), o resultado desta campanha arqueológica, não só demonstrou que os alicerces da edificação tinham pelo menos cinco metros de profundidade, como também permitiu descobrir cinco sepulturas, duas urnas e algumas ossadas enterradas no seu subsolo⁸. Em simultâneo, o estado de degradação da arquitetura era muito avançado, sendo apontado pelo Dr. António Martins Vieira (2009: 53) que a:

⁶ As quatro imagens eram: Nossa Senhora da Lamentações (nº inventário 17), Santa Maria Madalena no Calvário (nº inventário 18), São João Evangelista no Calvário (nº inventário 19) e Jesus Cristo crucificado. Atualmente esta última imagem encontra-se na Nova Matriz (José Nogueira, comunicação pessoal).

⁷ A fotografia apresentada no Anexo I será referida mais à frente, no Capítulo 3.

⁸ As cinco sepulturas correspondem a quatro adultos e uma criança.

“a cobertura estava com telhas partidas, infraestrutura apodrecida, (...) forro fragilizado pelas águas da chuva, pavimento constituído por soalho de pinho sem segurança, portas degradadas, reboco a cair tanto dentro como fora (...), o recheio constituído, na sua maior parte por madeira de castanho, em curto espaço de tempo, iria perder-se”.

Com a ideia de uma nova função para o espaço e atendendo à degradação instalada torna-se crucial angariar fundos para realizar as obras de intervenção e restauro na arquitetura da Capela. A Comissão Instaladora entra em contacto com 40 empresas do concelho, as quais fazem generosas doações, alcançando-se no total um valor de mais de 42 mil contos⁹. A decisão é manter a estrutura arquitetónica da Capela, assim como os seus equipamentos litúrgicos – coro-alto, púlpito, altares – concentrando-se as obras nas intervenções de restauro e na adaptação da arquitetura para as suas novas funções. No que respeita às obras de intervenção no edifício, destaca-se a total renovação da cobertura, assim como uma nova pavimentação na antiga sacristia. Já as intervenções realizadas para melhor adaptar o espaço às suas novas funções museológicas, salienta-se a instalação de rede elétrica para iluminação, som, alarme de intrusão e incêndio, a construção do guarda-vento e de instalações sanitárias, como também a instalação de uma mesa e cadeira demarcando o espaço da receção (Vieira; 2009). Em paralelo com estes trabalhos significativos de renovação foram também realizadas intervenções nos altares e nos objetos existentes, do que resultou a sua limpeza e desinfestação de xilófagos¹⁰, a fixação de folha de ouro e a consolidação e reposição da xilema¹¹ (Vieira; 2009). Todas estas intervenções de restauro foram supervisionadas pelo Dr. António Martins Vieira, a quem se deve ainda a iniciativa de projetar e mandar executar as 15 vitrinas de que a Capela passa a dispor (Costa e Vieira, 2020).

Depois de renovado com todos estes tratamentos, o espaço é inaugurado no dia 21 de novembro de 1997 como o Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa (Anexos J, K e N). Através da notícia publicada no dia 24 de novembro de 1997, no *Jornal de Famalicão*, (Anexo J), pode-se confirmar que, entre os diversos convidados, a inauguração contou com a presença de Dom Eurico Dias Nogueira, Arcebispo Primaz

⁹ Valor total de: 42.590.826\$00 (212.442€)

¹⁰ “Organismos vivos que se desenvolvem rapidamente em ambientes quentes e húmidos que levam à rápida putrefacção e consumo das fibras da madeira” (Queimado e Gomes, s/d: 35).

¹¹ “Tecido condutor da água e das substâncias minerais das plantas vasculares”. (Jones e Gaudin, 1983: 848).

de Braga. Uma outra notícia relativa à inauguração, datada do dia 20 de novembro 1997, publicada no *Cidade Hoje*, intitulada *Museu de Arte Sacra Nossa Senhora da Lapa, A Escola da Fé* (Anexo K), expressa a opinião do Monsenhor Joaquim Fernandes de que o Museu resultou de uma obra da Igreja e que representa a “escola de fé, de um edifício nobre, digno de se ver.” (Costa; 1997: 11). Toda esta relevância religiosa atribuída ao MASCL deve-se ao facto de o Museu ser tutelado pela Fábrica da Igreja da Paróquia de Santo Adrião. Contudo, durante as entrevistas tidas com Monsenhor Joaquim Fernandes, Dr. António Martins Vieira e Dr. Artur Sá da Costa, pôde-se constatar a existência de opiniões divergentes em relação à ação do MASCL¹². Apesar de todos concordarem que o Museu tem de preservar a cultura e a memória local, Monsenhor Joaquim Fernandes defendia que, como Museu de natureza religiosa, deve também funcionar quase como uma “extensão da Igreja Católica”, no sentido em que deve procurar evangelizar, através do acervo, os visitantes. Já os outros dois membros da Comissão Instaladora entrevistados insistem em que as suas intenções eram projetar um Museu que funcionasse como centro cultural, impulsionando a investigação sobre a antiga Capela e os 60 objetos de natureza litúrgica e artística que constituem o seu acervo. Estas duas posições ilustram duas vertentes sobre a musealização do património religioso. Por um lado, verifica-se uma vontade de preservar o edifício e os bens materiais de natureza religiosa, através da perspectiva artística. Por outro lado, há a intenção de procurar evidenciar o edifício ou o objeto pela sua função e simbolismo religioso. No caso do MASCL constata-se que a posição do Dr. António Martins Vieira e do Dr. Artur Sá da Costa é prevalecente, havendo, assim, uma maior inclinação para apresentar este novo Museu sob a perspectiva de história da arte, no caso, arte sacra como o nome confirma.

Embora a tutela do MASCL pertencesse à Fábrica da Igreja da Paróquia de Santo Adrião, quem estava responsável por abrir o espaço museológico era o Dr. António Martins Vieira, assegurando e orientando apenas as visitas previamente agendadas. No dia 8 de maio de 2012 é assinado entre a Fábrica da Igreja e o Município de Vila Nova de Famalicão, o protocolo de gestão partilhada do Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa (CMVNF, 2012b). Mais tarde, no dia 26 de novembro de 2012, o

¹² Para o desenvolvimento da história do MASCL foram realizadas duas entrevistas. A primeira, ocorrida em 20 janeiro de 2020, ao Monsenhor Joaquim Fernandes. A segunda entrevista, no dia 12 março de 2020, ao Dr. António Martins Vieira e ao Dr. Artur Sá da Costa.

Museu integra-se na RMVNF, o que pressupõe a subscrição da respetiva Declaração de Princípios (CMVNF, 2012a).

Convirá esclarecer que o Museu incorpora ainda, na sala do primeiro piso, o Arquivo Histórico da Paróquia de Santo Adrião (AHPSA) que reúne cerca de 2225 documentos, tratando-se, essencialmente, de livros de batismo, casamento, óbitos/funerais e ainda outros documentos avulsos. No final do ano 2013, a Paróquia de Santo Adrião de Vila Nova de Famalicão, preocupada com o estado de degradação dos documentos, terá averiguado junto da Arquidiocese de Braga se haveria possibilidade de os transferir para o Arquivo Arquidiocesano de Braga. Segundo uma carta datada de 17 de janeiro de 2014, a Arquidiocese de Braga afirma que, por se encontrar num processo de reorganização do seu arquivo, não possui as melhores condições para aceitar, naquele momento, os documentos do AHPSA (Anexo L).

Beneficiando da sua integração na RMVNF, em outubro de 2018, todos os documentos do AHPSA, juntamente com três objetos da coleção do Museu¹³, foram submetidos a um processo de desinfestação por anoxia, realizado num espaço do arquivo do Museu de Indústria Têxtil da Bacia do Ave e supervisionado pelo técnico superior de conservação e restauro do Município. Em novembro de 2019, dado como terminado este processo, um dos objetos¹⁴ foi devolvido ao Museu, sendo que os outros dois regressaram ao Museu em junho de 2020. Foi igualmente no final de 2019 que outro objeto do MASCL¹⁵ foi submetido ao mesmo processo de desinfestação, tendo regressado ao espaço museológico em julho de 2020. Contudo, os documentos AHPSA, enquanto não forem encaminhados para a futura reserva do Museu (a qual está atualmente a ser instalada numa sala do Cartório Paroquial, edifício a cerca de 50 metros de distância do MASCL), permanecerão no Museu Bernardino Machado, por questões de conservação (Mariana Jacob, comunicação pessoal).

Em novembro de 2019, na sequência dos trabalhos desenvolvidos e coordenados pela RMVNF, o MASCL, na sua declaração de princípios (Anexo M), redefine a sua missão e estabelece os cinco objetivos solicitado a todos os membros da Rede de Museus, que são também publicados na primeira edição monográfica já referida

¹³ Imagem de Santa Rita (Inventário nº10); Missal Romano (Inventário nº46); Missal Bracarense (Inventário nº47).

¹⁴ Imagem de Santa Rita (Inventário nº10).

¹⁵ Documento Papal (Inventário nº27).

(RMVNF; 2019). Relativamente à sua missão, o Museu define-a nos seguintes termos: “Criar espaços de encontro e reflexão que promovam a consciência antropológica do mundo e do sentido da vida, através das dimensões espirituais da Arte Sacra” (RMVNF; 2019: 51). Com o intuito de conhecer e diversificar o seu público, o MASCL acrescenta ainda que visa tornar-se mais acessível aos seus visitantes e desenvolver um programa de atividades que possibilite novas perspetivas e interpretações sobre a sua coleção. Relativamente a esta, o Museu compromete-se a propagar o seu estudo, inventariação e documentação, assim como proporcionar as condições favoráveis para a sua conservação (RMVNF: 2019) ¹⁶.

2.2.1. Descrição do MASCL

O edifício do MASCL, apesar de ter sofrido diversas intervenções ao longo do tempo, mantém a planta e a estrutura da antiga Capela, com uma orientação sul-norte. A fachada (Figura 3), que está no prolongamento do antigo Hospital e está voltada a sul, é composta por um corpo central e uma torre sineira, caracterizando-se pelo seu aspeto sóbrio, onde se destaca o branco do reboco guarnecido apenas nas cantarias de granito. De planta quadrangular, a torre sineira é constituída por três níveis, cada um deles separado por um entablamento, sendo também rematada por um outro, encimado por uma balaustrada com quatro fogaréus em cada uma das extremidades. A torre sineira termina com um coruchéu, encimado por uma cruz latina. Ao centro do primeiro nível existe um portão de ferro, emoldurado por um arco pleno, sendo que na sua cornija se consegue ler a seguinte inscrição “Oferecido por Domingos da Costa Vidal”. Há que destacar que este portão permite o acesso a um espaço exterior descoberto que possibilita o percurso do lado poente e norte do edifício (Figura 4). Já no segundo nível, a interromper o entablamento inferior, surge uma janela, emoldurada por um arco pleno, protegido por um varandim de ferro. Ainda no mesmo nível, a encimar esta janela, existe uma pedra circular. Salienta-se que estes dois níveis são limitados, nas extremidades, por duas pilastras em granito. Por fim, o terceiro nível, apresenta quatro faces ventadas rasgadas em arco pleno, onde, em três delas se inserem os sinos.

¹⁶ Quanto aos cinco Objetivos do MASCL eles surgem especificados do seguinte modo (RMVNF, 2019: 52): “1. Facilitar o acesso regular do público; 2. Desenvolver o estudo, a inventariação e a documentação da coleção do museu; 3. Criar condições de conservação preventiva, de restauro e de segurança; 4. Dar a conhecer a coleção do museu e desenvolver, de forma sistemática, programas de mediação e atividades educativas que tragam um novo olhar sobre este legado; 5. Procurar conhecer melhor o nosso público, para o fidelizar, aumentar e diversificar”.

Figura 3 – Fachada do MASCL



Fonte: Município Vila Nova de Famalicão

Figura 4 – Exterior do lado poente, perspectiva do lado sul



Fonte: Autoria própria

Ao contrário da torre sineira, o corpo central da Capela apresenta apenas um único pano mural limitado por duas pilastras. A entrada principal do Museu situa-se neste corpo central e faz-se pela porta de entrada do antigo templo. Surge emoldurada e rematada por um frontão triangular, reforçado por um arco abatido. Dentro do mesmo alinhamento, a encimar a porta, existe uma janela retangular, também ela emoldurada, mas rematada por uma cornija reta. O frontão abatido remata este corpo central, sendo que, no seu centro, suporta um campanário sem sino, encimado por uma cruz latina. Nas extremidades deste frontão, e no mesmo seguimento das pilastras, destacam-se duas urnas. Quando se contorna o edifício virando à direita depara-se com a sua ala nascente. Esta tem apenas duas janelas e contém na sua extremidade direita o tal oratório, dedicado ao Senhor dos Passos, que consiste num alpendre, de três águas, apoiado na parte anterior por duas colunas (Figura 5).

**Figura 5 – Oratório Senhor dos Passos,
perspetiva lateral**



Fonte: Autoria própria

A seguir ao oratório, um grande portão de ferro permite o acesso à parte de trás do edifício, que, por sua vez, possui um espaço exterior, como se pode observar na Figura 6 e Figura 7, delimitado por este portão e pelo portão já referido da fachada principal. Este espaço permite percorrer o lado norte do Museu, onde se encontram as casas de banho masculina e feminina, bem como a ala poente com duas janelas. Saliente-se que, além da entrada principal do Museu, existem mais três acessos para o interior do edifício: duas portas no lado poente e uma porta do lado nascente, todas elas emolduradas em granito.

**Figura 6 – Exterior do lado norte,
perspetiva do lado poente**



Fonte: Autoria própria

**Figura 7 – Exterior do lado norte, perspetiva
do lado nascente**



Fonte: Autoria própria

Em contraste com o carácter simples e homogéneo que predomina no exterior da construção, o seu interior exhibe muito maior esplendor e exuberância de elementos decorativos (Figura 8). Verifica-se que no interior do espaço se mantiveram a estrutura e os equipamentos de culto litúrgico – como os altares, o púlpito (Figura 9) e o coro-alto. Porém, reconhece-se igualmente o esforço realizado no sentido da reconversão de um espaço religioso noutra museológica, nomeadamente pela decisão de colocar os objetos dentro de vitrinas.

Figura 8 – Interior do MASCL



Fonte: Autoria própria

Figura 9 – Púlpito



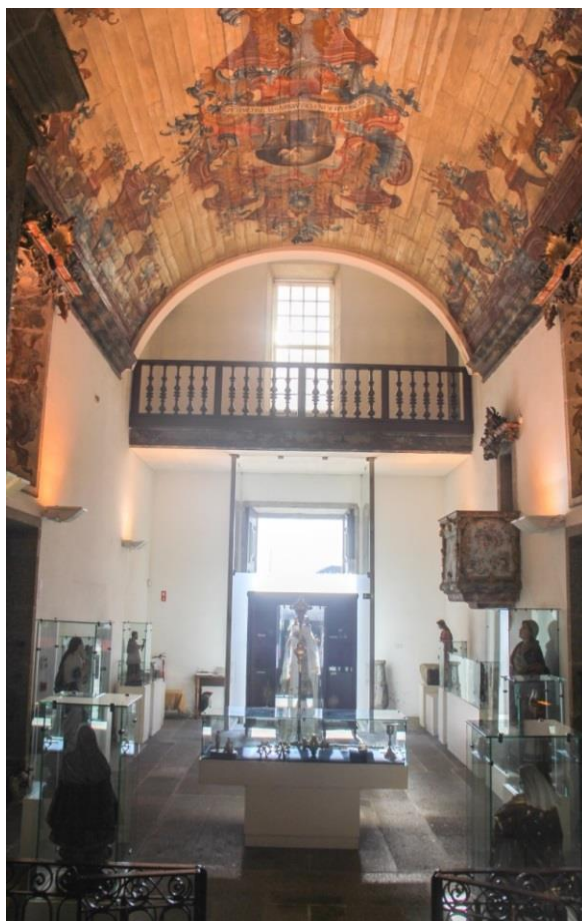
Fonte: Município de Vila Nova de Famalicão

Após se entrar pelo lado direito do guarda-vento de vidro e se ser recebido pelo funcionário do Museu, que se encontra atrás de uma mesa, depara-se com um espaço, onde se concretiza a exposição museológica.

Para efeitos de análise, este espaço pode ser dividido em duas partes. A primeira, corresponde à antiga nave da Capela (Figura 10) e trata-se de uma área com 62,16 m², pela qual distribuíram 48 objetos. Através da observação da Figura 11 consegue-se perceber visualmente a disposição dos objetos museológicos. O seu lado direito apresenta dez objetos: cinco deles estão expostos dentro de vitrinas individuais e os restantes são exibidos sem a proteção de vitrina. É de salientar que, no lado direito, entre o segundo e o terceiro objeto, a contar a partir da entrada do Museu, encontra-se

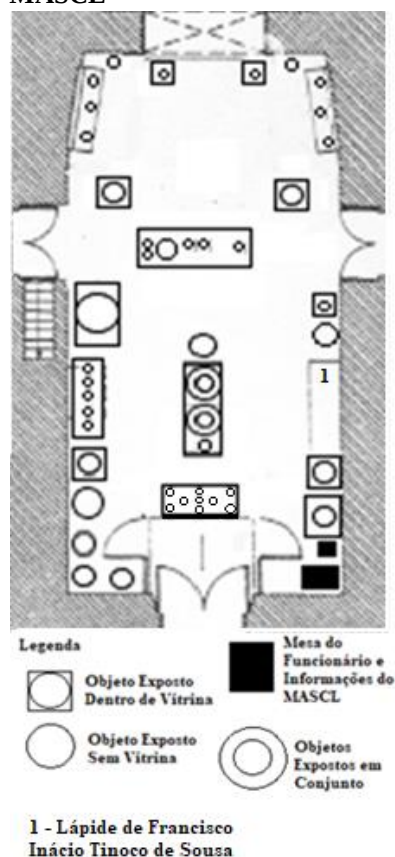
no chão a sepultura de Francisco Inácio Tinoco de Sousa, figura ilustre de Vila Nova de Famalicão no século XIX¹⁷.

Figura 10 – Primeira área expositiva do MASCL



Fonte: Autoria própria

Figura 11 – Planta da Exposição da primeira área expositiva do MASCL



Fonte: Autoria própria

Já o lado esquerdo abriga 17 objetos: nove objetos expostos dentro de vitrinas (cinco deles dentro de uma única, e os outros quatro dentro de vitrinas individuais), e os outros oito objetos exibidos sem a proteção de vitrina.

No centro da área encontram-se 21 objetos, sendo que nove deles estão expostos dentro de um armário encostado à parte de trás do guarda-vento de vidro, um total de onze objetos expostos dentro de vitrinas (cinco objetos, numa, e seis, noutra), e apenas

¹⁷ “Francisco Inácio Tinoco de Sousa (Porto, 16/11/1825 – Lisboa, 21-12-1880) foi um «brasileiro de torna-viagem», primeiro Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Vila Nova de Famalicão (1874-1877), Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão (1876-1877) e principal impulsionador da construção do Hospital da Misericórdia. Em 1 de junho de 1893, os seus restos mortais foram transladados do Cemitério Oriental, de Lisboa, para a Capela da Nossa Senhora da Lapa, ficando sepultado à entrada, ao lado da Epístola” (Anexo N).

um objeto exposto sem proteção de vitrina. Nas paredes laterais desta área central existem duas portas, uma de cada lado, que permitem o acesso ao exterior: à ala nascente e ao corredor descoberto da ala poente.

Na transição entre o primeiro e o segundo espaço em que é possível dividir o Museu localizam-se, junto a cada parede, uma mesa de altar, encimada por um retábulo, de talha *rocaille*, datada de meados do século XVIII (Vieira, 2009).

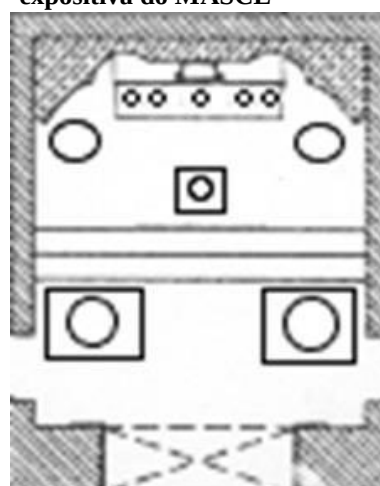
A segunda parte do espaço expositivo do Museu corresponde ao antigo presbitério da Capela, com 21,5m², e apenas expõe dez objetos, sendo que três deles estão expostos individualmente em vitrinas e os restantes sete são exibidos sem a proteção de vitrina (Figura 12). A Figura 13 ilustra a disposição destes dez objetos pela segunda área expositiva do MASCL.

Figura 12 – Segunda área expositiva do MASCL



Fonte: Autoria própria

Figura 13 – Planta da Exposição da segunda área expositiva do MASCL



Legenda

-  Objeto Exposto Dentro de Vitrina
-  Objeto Exposto Sem Vitrina

Fonte: Autoria própria

No centro deste espaço existe uma mesa-altar e, tal como nas mesas-altar anteriores, há um retábulo, de talha *rocaille* de meados do século XVIII. Salienta-se que os três retábulos (Figuras 14 e 15), para além de proporcionarem monumentalidade ao espaço, devido à sua dimensão e aos elementos decorativos, funcionam também como expositores. Ou seja, do total dos 19 objetos exibidos sem a proteção de vitrina, onze

deles estão expostos na banquetta dos retábulos, mais concretamente: três objetos no retábulo da parede do lado da Epístola (parede direita) da primeira área expositiva; outros três no retábulo da parede do lado do Evangelho (parede esquerda) da mesma área; e cinco objetos exibidos no retábulo-mor da segunda área expositiva. Contudo, esta segunda área é enriquecida também com uma pintura no teto, de motivos vegetalistas e ornamentais, em cujo centro está representado uma espécie de árvore, com a seguinte inscrição, “QUASI PALMA EXALTATA SUMECCLES, CAP.2”¹⁸.

Figura 14 – Altar do lado do Evangelho



Fonte: Autoria própria

Figura 15 – Altar do lado da Epístola



Fonte: Autoria própria

No lado esquerdo desta segunda área expositiva localiza-se uma entrada que dá acesso à divisão que era a antiga sacristia (Figura 16) com 19,2m². Atualmente, esta sala armazena os equipamentos – como mesas e cadeiras – e materiais necessários para as atividades do Serviço Educativo que se encontram guardados no arcaz. Apenas com uma janela, esta sala possui outra porta com acesso ao exterior. Na parede oposta existia um acesso interno à parte traseira do oratório do Senhor dos Passos, o qual, como já foi dito, foi barrado durante as obras da década de 1990.

Deste piso térreo há ainda duas vias de acessos a espaços localizados no primeiro piso do Museu. Na primeira parte do piso térreo, ao lado da porta à esquerda

¹⁸ Tradução: “Como uma palma exaltada (ECCLES Cap.2).” Esta inscrição remete para o versículo do livro Ben Sirá.

que dá para o exterior do edifício, existem umas escadas estreitas que permitem o acesso tanto ao púlpito, como ao espaço correspondente ao do coro-alto (Figura 17), cuja área é de 16,8m².

Figura 16 – Antiga Sacristia



Fonte: Autoria própria

Figura 17 – Coro-Alto



Fonte: Município de Vila Nova de Famalicão

A partir do patamar do coro alto alcança-se a antiga ligação de acesso existente entre a Capela e o Hospital da Misericórdia¹⁹, que atualmente está barrada. Pelo mesmo caminho acede-se também ao terceiro nível da torre sineira. Quando se está no coro-alto têm-se uma perspetiva ampla do espaço do Museu, podendo olhar com mais pormenor a pintura do teto, caracterizada pelos seus motivos vegetalistas e ornamentais, tendo ao centro uma pomba branca e a seguinte inscrição, “COLUMBA MEA IN FORAMINIBUS PETRAE CAN'T CAP.2”²⁰.

Quanto à segunda via de acesso a outro espaço do primeiro piso, ela realiza-se através de uma entrada localizada no lado direito do segundo espaço expositivo referido. Após subir umas escadas, depara-se com uma sala (Figura 18) com 20,1m² de área, onde chegaram a funcionar os arquivos da paróquia. Esta divisão tem uma janela na parede do lado direito e a parede oposta, que se encontra atrás do retábulo, apresenta uma abertura que permite uma outra perspetiva do espaço interior do Museu (Figura 19).

¹⁹ Atualmente é uma dependência da Universidade Lusíada.

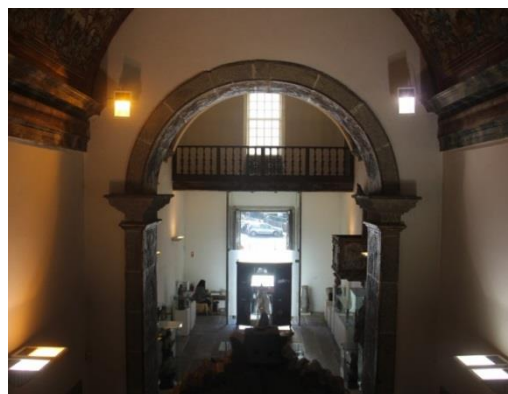
²⁰ Tradução: “Pomba nas Fendas (Cant. Cap. 2)”. Esta inscrição remete para um verso do Capítulo 2 do Livro Cântico dos Cânticos: “Minha Pomba, nas fendas do rochedo, /no escondido dos penhascos, /deixa-me ver o teu rosto, /deixa-me ouvir a tua voz. /Pois a tua voz é doce/e o teu rosto, encantador”.

Figura 18 – Sala atrás do Retábulo da segunda área expositiva



Fonte: Autoria própria

Figura 19 – Perspetiva do interior do MASCL, vista da sala atrás do Retábulo da segunda área expositiva



Fonte: Autoria própria

2.2.2. O Acervo do MASCL

O acervo do MASCL é composto por 60 objetos²¹, dos quais apenas 55 estão inventariados, devido talvez a uma desatenção da equipa responsável pela inventariação inicial dos objetos do Museu²². As imagens de todas as peças do acervo do MASCL estão disponibilizadas no Apêndice A, bem como os dados relativos à sua datação e proveniência.

Antes de lhes prestar maior atenção é importante proceder à distinção entre arte religiosa e arte sacra. Entende-se por arte religiosa, “a totalidade da produção artística inspirada na fé de uma religião e baseada em textos sagrados ou estimulada pela devoção pessoal” (Costa, 2011b: 40). Por sua vez, a arte sacra remete, apenas, para os objetos produzidos, exclusivamente para o culto litúrgico, a que foi reconhecido valor artístico. Assim, a noção de arte religiosa é mais ampla e abrangente, sendo que toda a arte sacra é arte religiosa, no entanto, nem toda a arte religiosa poderá ser considerada arte sacra (Costa, 2011b). Embora os 60 objetos que constituem o acervo do MASCL sejam todos de natureza religiosa, apenas 22 deles²³ podem ser considerados objetos de

²¹ No decorrer da realização deste trabalho, obteve-se a informação de que o acervo do MASCL possuía, para além destes 60 objetos, um terço que tinha sido doado por Monsenhor Joaquim Fernandes. Todavia, a pedido do doador, mais tarde, esse objeto foi transferido para outra unidade museológica, tratando-se de uma transferência permanente. Por isso, é que não se incluiu o terço no acervo do MASCL, pois este já não faz parte do mesmo. Esta informação foi transmitida pela equipa museológica e pela equipa da RMVNF. Assim, salienta-se que no Apêndice A não fiz constar nenhum objeto com o número de inventário 31, visto que as fichas de inventariação do acervo do MASCL ainda não foram atualizadas.

²² A equipa responsável pelo processo de inventariação da coleção do MASCL era constituída pelo Dr. António Martins Vieira, Dr^a Alda Vieira, Padre Vítor José Novais e o Padre Paulino Alfredo de O. Carvalho.

²³ O conjunto de 22 objetos que se identifica como arte sacra, é constituído pelos seguintes bens: duas alvas, estola, casula, três custódias, seis castiçais, duas cruzes processionais, uma cruz de altar, um cálice,

arte sacra, no sentido de que foram concebidos, originalmente, para o culto litúrgico e, mais tarde, selecionados por um reconhecimento da sua dimensão artística.

Em termos gerais, os objetos da coleção do MASCL não foram submetidos a um estudo aprofundado, sendo a principal fonte de informação as fichas de inventário, realizadas em março de 2007. Ainda que não se ponha em causa as informações que reúnem, tem de se reconhecer que estas fichas de inventário apenas disponibilizam a datação, a proveniência, a localização e uma breve observação sobre o estado de conservação dos objetos. Como referido anteriormente, apenas foram inventariados 55 objetos, sendo que seis objetos – uma lanterna, duas alvas, dois oratórios e um arcaz – ficaram por inventariar, desconhecendo-se a razão pela qual não foram considerados como objetos do acervo do MASCL.

Mais tarde, em 2009, o Dr. António Martins Vieira produziu um documento sobre a história do MASCL e o seu acervo. Para além dos objetos inventariados, o Dr. António Martins Vieira considerou como parte integrante do acervo mais seis objetos – uma lanterna, três retábulos e duas alvas – e ainda as pinturas murais. Esse mesmo documento, divide o acervo em cinco categorias, nomeadamente, Valores Decorativos, Imaginária, Paramentaria, Peças usadas em Atos Litúrgicos e Outras Peças (Tabela 1)²⁴.

Tabela 1 – Categorização do acervo do MASCL, pelo Dr. António Martins Vieira, em 2009

Categoria	Objetos
Valores Decorativos	Pinturas Murais, Retábulos, Pintura Cristo Crucificado
Imaginária	Duas imagens de Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora da Conceição, Santa Filomena, S. Francisco de Xavier, S. José, Santa Ana, Santo André, S. Sebastião, Santa Rita, Santa Luzia, Santo António, Senhora da Boa Morte, S. Bento, S. Amaro, Iconografia Bispo, Nossa Senhora das Lamentações, Santa Maria Madalena no Calvário, S. João Evangelista no

uma patena, dois missais, uma píxide, e uma pia de água benta. Os restantes objetos do acervo podem ser identificados como devocionais ou como mobiliário religioso.

²⁴ É de referir que, nesta altura, o terço ainda fazia parte do acervo do MASCL.

	Calvário, Menino de Deus
Paramentaria	Casula, Estola, Alvas
Peças usadas em Atos Litúrgicos	Bandeira, Cruz de Altar, duas Cruzes Processionais, seis castiçais, Terço, duas Lanternas, Presépio, Cálice e Patena, três Custódias, dois Missais.
Outras Peças	Presépio, Indulgenciário, Documento Papal, três Coroas, Resplendor, dois Plintos, Pia Baptismal, três Jarras.

Fonte: Autoria própria

Ao submeter esta categorização a uma análise atenta, verifica-se que alguns objetos não se enquadram na categoria atribuída. Na categoria Peças usadas em Atos Litúrgicos estão inseridos as duas lanternas, a bandeira, o terço e o presépio. Ora, entende-se que o terço não possui uma função litúrgica, mas sim uma função devocional; e, em relação à bandeira e às duas lanternas, estas deviam estar enquadradas na categoria de Outras Peças. Destaca-se, ainda, uma outra inconsistência: o presépio tanto está inserido na categoria de Peças Usadas em Atos Litúrgicos, como na de Outras Peças. No entanto, não se considera válida esta categorização, por se tratar de uma representação da Natividade, devendo estar, assim, inserida na categoria Imaginária. Mas na categoria de Outras Peças está também inserida a pia de água benta, que deveria estar na categoria de Peças usadas em Atos Litúrgicos, por fazer parte, pelo menos, do ritual católico do batismo.

Por fim, a categoria Valores Decorativos abrange os três retábulos e as pinturas murais da antiga Capela. Tal categorização levanta a questão sobre se, de facto, estes elementos devem ser considerados como parte do acervo, ou como elementos integrantes do edifício. Para uma melhor compreensão sobre a relação destes elementos, e de outros equipamentos originários da Capela – púlpito e pias de água benta esculpidas na parede – com o Museu, é útil recorrer à noção de património integrado. Entende-se por património integrado, todos os bens móveis incorporados em bens imóveis, cuja leitura, interpretação e função só tem sentido se for articulada com a estrutura arquitetónica (Nascimento e Alves, 2016). Tendo isso em consideração, imediatamente se percebe que os retábulos e as pinturas murais, assim como o púlpito e pias de água benta esculpidas na parede, são parte integrante do edifício, não podendo ser entendidas como peças do acervo. Porém, isso não implica que se esteja a

desvalorizar esses elementos, pois, tal como os objetos do acervo, o edifício com todas as suas componentes possui, também, uma biografia, a qual deve ser estudada e partilhada com a comunidade circundante e outros públicos.

Repensando todas estas questões, propõe-se uma nova categorização do acervo do Museu com base em terminologia científica normalizada, a qual inclui as duas alvas, a lanterna, o arcaz e os dois oratórios. Para tal, tornou-se necessário identificar a norma de inventário mais utilizada pelos museus com coleções de natureza religiosa para, assim, se conseguir perceber a terminologia utilizada nos respetivos campos da categorização. Segundo a Dr^a Natália Jorge (comunicação pessoal), dentro dos museus pertencentes aos Bens Culturais da Igreja (BCI), a norma de inventário mais utilizada é a do MatrizNet, podendo incluir adaptações realizadas pelos técnicos da equipa museológica, devido à sua experiência e conhecimentos. Contudo, verifica-se que, cada vez mais, os museus de cariz religioso recorrem à terminologia do Thesaurus - Vocabulário de Objetos de Culto Católico, por fornecer categorias e terminologias direcionadas, exclusivamente, para as alfaías de culto católico (Natália Jorge, comunicação pessoal). Com o objetivo de compreender quais destas duas terminologias melhor se aplica ao acervo do MASCL, vai-se passá-las em revista e compará-las, começando pela norma do MatrizNet e depois com a terminologia do Thesaurus. Todavia, importa voltar a frisar que não se pretende realizar uma inventariação ao acervo, mas antes, fornecer uma categorização que poderá ser útil para a equipa museológica e para a equipa da RMVNF.

A norma de inventário do MatrizNet foi desenvolvida pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) com o objetivo de estabelecer uma metodologia e terminologia padronizada, que funcione como instrumento orientador para as instituições museológicas portuguesas, aquando do preenchimento das fichas de inventário (DGPC, s/d). Para o campo da categorização, a norma do MatrizNet organiza-o em três ramificações – supercategoria, categoria e subcategoria – permitindo que a informação seja estruturada do geral para o particular (Pinho e Freitas, 2000). Relativamente à supercategoria, o MatrizNet define quatro vertentes, nomeadamente Artes Plásticas e Artes Decorativas, Arqueologia, Ciência e Técnica e Etnologia, sendo que cada uma abrange, pelo menos, uma categoria (Apêndice B).

Considerando a natureza das áreas das quatro supercategorias, entende-se que é à supercategoria Artes Plásticas e Artes Decorativas que o acervo do Museu pertence. No entanto, reconhece-se que esta apenas valoriza a vertente artística e material dos bens, ocultando o seu lado funcional e sentido teológico. Ora, segundo as Normas Gerais da supercategoria Arte Plásticas e Artes Decorativas, o campo desta categoria refere-se aos “grandes agrupamentos de peças, tradicionalmente estabelecidos e definidos em função da técnica (ex: Gravura), matéria de base (ex: Metais), ou mesmo da sua funcionalidade (ex: Instrumentos Musicais)” (Pinho e Freitas, 2000: 18). Tendo como critério as características físicas dos objetos do MASCL, estes podem enquadrar-se na categoria de Cerâmica, Escultura, Epigrafia, Espólio Documental, Mobiliário, Ourivesaria, Pintura e Têxteis. Estas categorias, por sua vez, ramificam-se em, pelo menos, uma subcategoria (Apêndice C).

A maioria das subcategorias resultam de uma especificação da vertente funcional dos bens, o que possibilita uma melhor sistematização da informação (Pinho e Freitas, 2000). Como resultado do entendimento da organização do campo de categorização, a Tabela 2 apresenta a categorização do acervo do MASCL, seguindo as orientações estipuladas pela norma do MatrizNet.

Tabela 2 – Categorização do acervo do MASCL segundo a Norma de Inventário do MatrizNet

Supercategoria	Categoria	Subcategoria	Objeto MASCL
Artes Plásticas e Artes Decorativas	Cerâmica	Cerâmica de Equipamento	três Jarras.
	Escultura	Escultura de Vulto	duas imagens de Nossa Senhora da Lapa; Nossa Senhora da Conceição; Santa Filomena; São Francisco de Xavier; São José; Santa Ana, Santo André; São Sebastião; Santa Rita, Santa Luzia; Santo António, Senhora da Boa Morte; São Bento; São Amaro, Iconografia Bispo; Nossa Senhora das Lamentações; Santa Maria Madalena no Calvário; São João

			Evangelista no Calvário; Menino de Deus; Presépio.
		Escultura Arquitetónica	dois Plintos.
	Epigrafia	Epigrafia	Indulgenciário.
	Espólio Documental	Espólio Documental	dois Missais; Documento Papal.
	Metais	Metais	duas Lanternas.
	Mobiliário	Mobiliário Religioso	dois Oratórios; Pia de Água Benta; seis Castiçais; Arcaz.
	Ourivesaria	Ourivesaria	Cruz de Altar; duas Cruzes Processionais; Cálice e Patena; três Custódias; três Coroas; Píxide; Resplendor.
	Pintura	Pintura	Pintura Cristo Crucificado.
	Têxteis	Paramentaria	Casula; Estola; duas Alvas; Bandeira da Associação das Filhas de Maria.

Fonte: Autoria própria

Impulsionado pelo Ministero per i Beni Culturali e Ambientali (Itália), o Thesaurus - Vocabulário de Objetos do Culto Católico, foi fruto de um projeto internacional, que contou com a coordenação da Dr^a Sandra Vasco Rocca, do Istituto Centrale per il Catalogo e la Documentazione, sendo a versão portuguesa coordenada pela Professora Doutora Natália Correia Guedes, em colaboração com a Universidade Católica Portuguesa (Rocca e et.al, 2004). Para além de “contribuir para a identificação de objetos e o esclarecimento das suas funções” (Guedes, 2004: 15), este Thesaurus organiza uma categorização e terminologia rigorosas, aplicável unicamente a bens litúrgicos, tornando-se num instrumento orientador fundamental para as instituições museológicas com acervo de natureza eclesiástica, como é o caso do MASCL (Rocca e et.al, 2004). Para cumprir essas funções, o Thesaurus estipula cinco categorias – Mobiliário religioso, Linhos e guarnições de uso litúrgico, Objetos religiosos, Paramentos religiosos e Instrumentos de música litúrgica – as quais se ramificam em diversas subcategorias (Apêndice D).

Ao contrário do MatrizNet, o critério orientador para o campo da categorização do Thesaurus é a função litúrgica dos objetos. Aliás, constata-se que as subcategorias enfatizam, não só a utilidade dos bens, mas também os relaciona com os rituais litúrgicos em que o seu uso é mais significativo. Através da observação da Tabela 3, a qual apresenta a categorização do acervo do MASCL, de acordo com a terminologia estipulada pelo Thesaurus, percebe-se que os objetos museológicos se enquadram nas categorias Mobiliário religioso, Objetos religiosos e Paramentos religiosos. Dentro desta classificação, a maior parte dos objetos do MASCL inscrevem-se na segunda categoria, sendo depois distribuídos por cinco subcategorias, nomeadamente, Insígnias eclesiásticas, Objetos de devoção, Objeto relacionado com a Eucaristia, Objeto relacionado com as Procissões e Objeto relacionado com o Altar.

Tabela 3 – Categorização do acervo do MASC, segundo Thesaurus - Vocabulário de Objetos do Culto Católico

Categoria	Subcategoria	Objetos do MASCL
Mobiliário Religioso	Altars e seus acessórios	dois Plintos
	Mobiliário relacionado com os sacramentos	Pia de Água Baptismal
Objetos Religiosos	Insígnias eclesiásticas	Documento Papal
	Objeto de devoção	duas imagens de Nossa Senhora da Lapa; Nossa Senhora da Conceição; Santa Filomena; São Francisco de Xavier; São José; Santa Ana; Santo André; São Sebastião; Santa Rita; Santa Luzia; Santo António; Senhora da Boa Morte; São Bento; São Amaro; Iconografia Bispo; Nossa Senhora das Lamentações; Santa Maria Madalena no Calvário; São João Evangelista no Calvário; Menino de Deus; Presépio; Pintura Cristo Crucificado; dois Oratórios; três Coroas; Resplendor; Indulgenciário
	Objeto relacionado com a Eucaristia	Cálice e Patena; três Custódias; Píxide; dois Missais
	Objeto relacionado com as	duas Lanternas; duas

	Procissões	Cruzes Processionais; Bandeira da Associação das Filhas de Maria.
	Objeto relacionado com o Altar	três Jarras; Cruz de Altar; seis Castiçais.
Paramentos Religiosos	Acessórios das vestes e paramentos litúrgicos	Estola
	Vestes litúrgicas exteriores	Casula
	Vestes litúrgicas interiores	duas Alvas

Fonte: Autoria própria

Após se compreender a organização do campo de categorização do MatrizNet e do Thesaurus, e a sua aplicação ao acervo MASCL, defende-se que, aquando da renovação das fichas de inventário, o campo de categorização siga a sistematização e terminologia do Thesaurus. Apesar de tal sugestão poder parecer contrária ao terceiro objetivo da declaração de princípios do Museu – “Definir uma política de gestão de coleções que garanta a conservação e que esteja de acordo com as normas e diretrizes da Direção Geral do Património Cultural” (RMVNF; 2019: 52) – considera-se que esta terminologia é mais respeitadora da natureza e da função original dos objetos, visto que a vertente artística, utilizada em exclusivo como critério orientador pelo MatrizNet, surge aqui secundarizada, já que essa não era uma dimensão primária do objeto.

2.2.3. O Programa de Atividades do MASCL

Atualmente, o MASCL oferece um programa de atividades e iniciativas que visam reanimar o espaço museológico, procurando despertar o interesse das pessoas ao convidá-las para conhecer a sua história e acervo. Através da observação da Tabela 4, pode-se afirmar que, nos últimos cinco anos, o MASCL assistiu a um crescimento gradual do número de visitantes (Alcina Gonçalves, comunicação pessoal), sendo que no ano de 2019 acolheu um total 1073 pessoas²⁵ (CMVNF, 2020a).

Tabela 4 – Número de visitantes nos últimos cinco anos do MASCL

Ano 2015	Ano 2016	Ano 2017	Ano 2018	Ano 2019
486	306	281	466	1073

Fonte: Autoria própria

²⁵ Segundo o Relatório Anual de Atividades do MASCL (2020a) do ano de 2019, o total de 1073 pessoas resultam da soma entre os 423 visitantes que participaram nas visitas-orientadas (um total de 193 pessoas) e nas oficinas (um total de 230 pessoas), com as 373 pessoas que visitaram o MASCL, de modo livre, ou seja, sem marcação prévia.

Desde abril de 2014 que o MASCL se encontra aberto ao público às terças-feiras de manhã (10h-13h) e às quintas-feiras de tarde (14h30-17h), estando atualmente presente um funcionário da Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal que recebe os visitantes. Como não existe um guia especializado em permanência no Museu, tornou-se necessário criar uma estratégia comunicativa que melhor fornecesse um conhecimento geral sobre a história do edifício e do acervo, visto que a própria museografia não providencia esse tipo de enquadramento. Por conseguinte, em maio de 2018, no âmbito do Dia Internacional dos Museus, foi lançada a Folha de Sala (Anexo N), planeada e concebida por elementos da equipa da RMVNF e do Gabinete do Património Cultural da Divisão de Cultura e Turismo (Mariana Jacob, comunicação pessoal). Esta Folha de Sala apresenta num dos versos uma breve cronologia da história do Museu e no verso oposto remete para a iniciativa *Objeto em Destaque*²⁶. De início realizada mensalmente, esta atividade consiste em nomear um objeto do acervo do MASCL e proporcionar ao público uma informação sucinta sobre o mesmo²⁷. Contudo, ficou estabelecido que, a partir de janeiro de 2020, esta estratégia comunicativa passava a renovar-se apenas trimestralmente (Eva Cordeiro, comunicação pessoal).

O programa de atividades do MASCL abrange também visitas orientadas, oficinas e um roteiro, os quais funcionam dentro do horário do Museu, mas necessitando de marcação prévia. As visitas orientadas realizam-se desde a origem do Museu²⁸, sendo que quem as assegura é um membro da equipa da RMVNF, ou um membro da equipa do MASCL. Já as quatro oficinas existentes foram criadas em 2015 e estão a cargo da equipa da RMVNF. Deve ser referido que desde 2018/19, o Serviço Educativo tem sido alvo de reestruturação, num trabalho colaborativo participado entre os elementos da Paróquia, a equipa do Museu e a RMVNF (José Nogueira, comunicação pessoal).

²⁶ A Iniciativa “Objeto em Destaque” encontra-se disponível *online*.

Objeto em Destaque maio a dezembro 2018:

<file:///C:/Users/UTILIZ~2.DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala18.pdf>;

Objeto em Destaque janeiro a dezembro 2019:

<file:///C:/Users/UTILIZ~2.DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf>;

Objeto em Destaque de janeiro a dezembro 2020:

<file:///C:/Users/UTILIZ~2.DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala20.pdf>

²⁷ Desde agosto de 2018 que a Dr^a Eva Cordeiro, membro da equipa RMVNF é a responsável pelo estudo e elaboração da atividade do *Objeto em Destaque* (Mariana Jacob, comunicação pessoal)

²⁸ Desde a inauguração do MASCL até ao ano de 2014, o Museu só abria quando havia marcação para visitas orientadas a cargo do Dr. António Martins Vieira. A partir do ano de 2014, a CMVNF estabeleceu o horário fixo já indicado – terças-feiras, das 10h às 13h, e quintas-feiras das 14h30 às 17h – e assegurou o funcionário necessário à sua abertura. As visitas orientadas continuaram a ser realizadas pelo Dr. António Martins Vieira até ao ano de 2018.

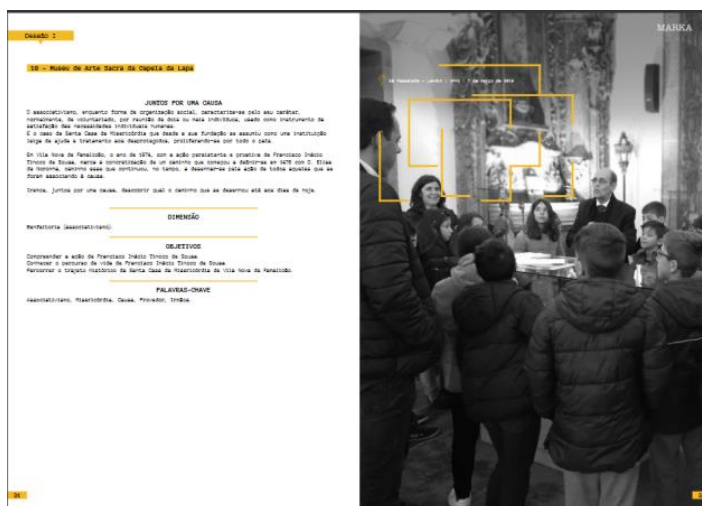
Relativamente às oficinas, três delas destinam-se ao público infanto-juvenil, mais particularmente a estudantes do 1º e 2º ciclos do ensino básico. A primeira, designada *Conta a Conta se faz uma Dezena*, convida os participantes a produzirem uma dezena religiosa²⁹. Já a oficina *A Magia do Caminho* propõe a criação de velas. A terceira oficina, *Anjo da Guarda, Minha Companhia*, consiste na criação de anjos, através da reciclagem de materiais usados. Com o intuito de dar a conhecer a história do MASCL, estas três oficinas são pretexto para transmitir uma melhor compreensão do conceito de museu, desenvolvendo, simultaneamente, a motricidade fina e a destreza manual dos visitantes. Por fim, a quarta oficina, *Talha de Papel*, destina-se apenas ao público do 2º ciclo do ensino básico e consiste na transposição, através da técnica do decalque, de elementos característicos do barroco, tendo como inspiração os retábulos do Museu. Para além de dar a conhecer a história do edifício do Museu e de explorar conceitos como museu, arte e barroco, esta oficina permite aos seus participantes apurar as suas capacidades imaginativas e criativas (CMVNF, 2019).

Desenvolvido, no ano letivo 2018/2019, no âmbito do projeto *Marka...a tua identidade*, uma parceria entre o Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco e a RMVNF, o Roteiro *Juntos por uma Causa* (Figura 20) integra igualmente o programa de atividades do MASCL e tem como público-alvo o 1º ciclo do ensino básico, mais particularmente os alunos do 4º ano. Com o intuito de dar a conhecer a ação da Santa Casa da Misericórdia, os participantes percorrem locais históricos associados a esta Sede, terminando o percurso no MASCL, onde se encontra a sepultura do primeiro Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Francisco Tinoco de Sousa³⁰ (CMVNF, 2019).

²⁹ “Objeto de devoção constituída por uma fieira de dez contas de rosário, tendo suspensa uma fieira mais curta rematada por cruz” (Rocca e et.al, 2004: 141).

³⁰ O Roteiro *Juntos por uma Causa* consiste num percurso pela cidade de quatro vias, sequenciais, com a seguinte ordem: a Rua Direita, Avenida 25 de abril, Rua Júlio Araújo, Rua Barão da Trovisqueira, Avenida 25 de abril e Rua Ernesto de Carvalho. Durante o Roteiro passa-se por locais históricos, associados tanto à história de Vila Nova Famalicão, como também à Santa Casa da Misericórdia, nomeadamente, a 2ª Sede da Santa Casa da Misericórdia, Praça 9 de abril com o Monumento aos Mortos da 1ª Grande Guerra, a atual Sede da Santa Casa da Misericórdia, o Jardim 1º Maio e, por fim, o MASCL.

Figura 20 – Roteiro Juntos Por Uma Causa



Fonte: https://issuu.com/municipiodefamalicao/docs/livrodigit_al_os_brasileiros_torna-viagem

Desde do ano de 2010, o MASCL celebra, em conjunto com as outras instituições museológicas de Vila Nova de Famalicão, o Dia Internacional dos Museus e a Noite Europeia dos Museus. Em 2019, o Museu participou com três oficinas – *Conta a Conta se Faz uma Dezena*, *A Magia do Caminho* e *Anjo da Guarda, Minha Companhia* –, tendo convidado a bailarina Francisca Marinho, da ARTIS – Academia de Bailado de Vila Nova de Famalicão, para realizar uma dança contemporânea dentro do espaço museológico (Anexo O). Já em dezembro de 2019, no âmbito da iniciativa *Férias de Natal Municipais – Dias em Cheio*, o MASCL realizou a atividade *Férias de Natal no Museu* que consistiu na construção de um presépio com material reciclado.

Embora este programa de atividades oferecido pelo MASCL possa ser tido como cativante e coeso, a equipa museológica demonstra vontade de tornar o Museu num espaço mais dinâmico e interativo. A proposta museológica a ser apresentada no Capítulo seguinte, ao mesmo tempo que procura pôr em práticas as orientações teóricas salientadas no Capítulo 1, tem necessariamente também de levar em linha de conta o conjunto de informações e condicionantes acabadas de referir.

Capítulo 3

Musealizar o Espaço Religioso

Tal como o MASCL, muitos foram os bens móveis e imóveis religiosos que, por diversas razões, sofreram um processo de musealização, adquirindo assim, novas funções e significados. Esta recontextualização museológica dos objetos não se assume, na maioria dos casos, como problemática, porém, no que respeita aos objetos religiosos, este processo pode ser controverso, devido à forte ligação afetiva e espiritual que a comunidade crente possui com os mesmos. Este terceiro e último Capítulo centra-se, numa fase inicial, no modo como os bens pertencentes à Igreja Católica foram musealizados desde o século XVIII, quando surgem estes museus, até ao século XXI, fazendo, posteriormente, um paralelismo com o processo de musealização da antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa. Depois desse enquadramento histórico e reflexivo, procede-se a uma análise crítica do MASCL e suas vertentes de ação apresentadas no Capítulo anterior. Por fim, este Capítulo 3 termina com a apresentação de uma proposta museológica para o MASCL.

3.1. Museu de Arte Sacra: Percursos da sua Musealização

A musealização do património religioso resulta num processo de grande complexidade e, simultaneamente, de uma profunda delicadeza. Por se assumirem como símbolos de fé, cultura e história, os objetos e espaços religiosos têm para a comunidade católica profundas significações, não só ao nível espiritual, mas até mesmo em termos afetivos. É neste sentido que o processo de musealização de bens religiosos exige uma responsabilidade acrescida, que se tem tornado mais consciente na atualidade. Porém, até se chegar a essa percepção, é útil compreender um pouco melhor como é que o

processo de musealização de objetos e espaços religiosos começou por acontecer e como tem vindo a ser alterado.

Ao longo dos séculos, a Igreja Católica foi produzindo e conservando todo um conjunto de objetos de cariz especificamente litúrgico e ritual, ou de carácter religioso mais alargado, cujas dimensões simbólicas se manifestavam também através do seu labor artístico e dos materiais nobres em que eram fabricados. É possível referir desde objetos de ourivesaria e pinturas até mobiliário, passando pelos têxteis. Decorrente dos próprios processos históricos de transformação social acelerada ocorridos na modernidade, sensivelmente a partir do século XVIII, esses objetos tornam-se também merecedores de atenção em si mesmo, entendidos como património, o que justificará o seu novo estatuto como “arte sacra”. Este movimento traduzir-se-á na constituição de “coleções de arte sacra”, cuja formação em Portugal vai beneficiar de dois acontecimentos particulares. Com a promulgação da extinção das Ordens Religiosas, a 30 de maio de 1834, desencadeia-se um processo de recolha, inventariação e classificação de bens que, até então, tinham permanecido dentro da esfera religiosa, mas que agora são valorizados sobretudo por via da sua componente artística (Costa, 2011b; Roque, 2011). O resultado final desta operação levará à dispersão dos objetos religiosos, cujo destino será determinado através da avaliação do seu valor material e artístico. Assim, houve objetos que foram refundidos ou vendidos a particulares, ao passo que outros chegaram a ser devolvidos à Igreja por o destaque ser atribuído à função litúrgica. Em simultâneo, cerca de um terço dos bens provenientes das Ordens Religiosas extintas foram entregues à Casa da Moeda, sendo outros doados a instituições de ensino e cultura (Roque, 2011). Segundo António Costa (2011b), destes últimos é possível saber, com certeza, que 207 objetos integraram coleções de museus.

Já dentro da instituição museológica, estes objetos – religiosos, mas categorizados em particular como peças de “arte sacra” – eram expostos em função do seu valor artístico, patrimonial e histórico e, ao serem conjugados com suportes expositivos diversos, orientavam a atenção do visitante para as suas características estéticas e materiais. Em consequência disso, esta primeira fase de musealização de bens religiosos estabeleceu os critérios expositivos que se tornaram dominantes, os quais procuram destacar a vertente artística e as características materiais dos objetos, ocultando ou desatendendo, assim, a dimensão funcional/litúrgica e simbólica dos mesmos. Esta tendência, estabelecida no século XIX, vai ser depois reforçada no século

XX com a ajuda de um segundo acontecimento que marca o contexto histórico português. Com a implementação da República e com a subsequente promulgação da Lei de Separação do Estado das Igrejas, a 20 de abril de 1911, desenvolve-se um novo processo de recolha e inventariação de bens religiosos, sendo também muitos templos católicos expropriados pelo Estado. Muitos destas edificações são convertidas em museus regionais (Costa, 2011b; Roque, 2011), verificando-se que, apesar desta designação, neles se continua a assistir ao “primado do valor patrimonial e artístico; ordenação por tipologias materiais; critérios decorativos a presidir ao arranjo museográfico; e uma exaustiva ocupação do espaço expositivo” (Roque, 2011: 136).

Estas perspetivas e práticas tornam-se correntes na musealização dos bens religiosos e contribuem para a conceção do “museu de arte sacra” como uma instituição cultural que expõe sobretudo objetos litúrgicos, mas olhando-os apenas através da sua vertente material e artística. O discurso que acompanha a exposição tende a ser intencionalmente organizado para orientar o olhar dos visitantes para os respetivos aspetos formais e estéticos dos objetos, moldando a sua leitura e interpretação por essa via. Ao ocultar outras vertentes dos objetos, muito em particular a vertente funcional/litúrgica e simbólica, este museu de arte sacra promove a descontextualização dos objetos, mesmo que estes surjam expostos em antigos templos religiosos, agora convertidos em espaços museológicos. Além disso, a própria museografia utilizada neste espaço expositivo convertido – isto é, o modo como os objetos estão dispostos no espaço, os suportes expositivos utilizados e a ausência de qualquer narrativa expositiva – pretende exaltar, ainda mais, essa vertente artística e material dos bens exibidos, reforçando assim, a descontextualização dos mesmos (Roque, 2011).

Mas se estas são as práticas nascidas no século XVIII e tornadas dominantes durante muito tempo, a partir do início do século XXI, o processo de musealização dos bens religiosos vai sofrer profundas alterações. Com a publicação da Carta Circular *A Função Pastoral dos Museus Eclesiásticos*, produzida em 2001, pela Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja (CPBCI), uma outra vertente dos objetos religiosos passa a merecer destaque, ao mesmo tempo que é cunhada também uma outra designação para o museu que os abriga. Este documento centra o seu foco no que designa como “museus eclesiais”, entendendo-os como as instituições museológicas que são tuteladas pela Igreja Católica. Mas, em simultâneo, a CPBCI adverte também os museus com coleções de natureza religiosa para que reconheçam a importância de

realçar, nos seus discursos, a vertente funcional e, acima de tudo, a vertente simbólica dos objetos litúrgicos. Para além de defender a necessidade de se fornecerem informações que elucidem os visitantes sobre o sentido teológico dos bens expostos, a CPBCI apela, também, para que os critérios de seleção dos objetos em exposição se apoiem mais na sua componente simbólica, litúrgica e devocional (Roque, 2011; Afonso, 2013).

Devem ainda ser salientados outros dois aspetos que a Carta Circular apresenta como orientação para a ação dos museus eclesiásticos. De acordo com este documento, este museu, além de exercer as funções museológicas tradicionais – conservar, investigar, comunicar e expor bens – possui também e necessariamente uma função pastoral, ou seja, a de evangelizar as pessoas (CPBCI, 2001). Essa função pastoral deverá traduzir-se em abordagens de sensibilização a favor dos princípios e valores católicos, e cristãos em geral, mas essas abordagens podem ser igualmente mecanismos pelos quais se expressam e comunicam preocupações profundamente humanistas acerca de diversas facetas da sociedade. Aliás, a Carta Circular afirma que o museu eclesiástico é “um lugar que documenta o desenvolvimento da vida cultural e religiosa, para além do génio do Homem, com o fim de garantir o presente” (CPBCI, 2001: introdução), sendo que os bens eclesiais se assumem como património específico da comunidade cristã, mas simultaneamente, “pela singular dimensão universal do anúncio cristão, pertencem de certa forma a toda a Humanidade” (CPBCI, 2001: 1.1.). Neste sentido, o modelo de museu eclesiástico proposto não tem contornos estritamente religiosos, mas antes abrange um conjunto de valores humanistas e éticos com os quais se entende ser possível ajudar a incentivar uma maior consciência antropológica dos visitantes. Importa, também, referir que a maior parte das orientações da Carta Circular estão em sintonia com as diretrizes da Nova Museologia. Tal verifica-se quando o documento, ao reconhecer a importância dos museus agirem como animadores culturais, defende que se impulse a colaboração com outras instituições civis, para a concretização de projetos em comum, bem como a criação de um programa de atividades complementares aos percursos temáticos das exposições (CPBCI, 2001).

Um outro aspeto sobre o qual a Carta Circular se debruça diz respeito às relações do museu eclesiástico com a comunidade crente e não-crente. É claramente referido que o museu eclesiástico deve fazer “referência ao território, de modo a colocar em evidência o seu tecido histórico, cultural, social e religioso” (CPBCI, 2001: 2.1.2). É por

essa via que o museu eclesiástico pode colocar a sua ação museológica ao serviço das entidades eclesiásticas locais, servindo, por exemplo, a catequese, os escuteiros, o próprio templo, a paróquia e a diocese (CPBCI, 2001). Assim, a Carta Circular de 2001 defende uma ação museológica orientada para a colaboração e a participação da comunidade cristã, vendo isso como uma atuação complementar à ação da própria Igreja. Embora o museu eclesiástico, segundo a Carta Circular, esteja “prioritariamente destinado à comunidade cristã, deverá ser frequentado também por um público de diversas condições culturais, sociais e religiosas” (CPBCI, 2001: 4.1.). Através desta citação, percebe-se que, apesar da Carta Circular ter consciência da pluralidade de culturas e crenças dos potenciais visitantes do museu eclesiástico, subsiste uma priorização do público cristão em relação a outros públicos. Em certa medida, tal focagem é compreensível já que assenta na partilha de crenças e características entre a comunidade cristã e o museu eclesiástico, o que permite pensar que este, através das suas práticas, complementar a ação da diocese, da catequese ou dos escuteiros. Ora, tal privilégio é compreendido, em certa medida, no sentido em que, devido à partilha de características e crença entre a comunidade cristã e o museu eclesiástico, este consegue, através das suas práticas, complementar a ação da diocese, catequese e escuteiros. Todavia, é crucial que, da mesma forma que este museu adote abordagens participativas e inclusivas em relação à comunidade católica, ou cristã, também procure aplicá-las a outro tipo de públicos, através da criação de programas expositivos e de atividades abrangentes, que respeitem as culturas e crenças de todos os visitantes. É ao renunciar a um discurso impositivo e invasivo nas suas práticas, que o museu eclesiástico conseguirá envolver todas as subcomunidades circundantes. Aliás, ao incluir e apelar à participação de subcomunidades, crentes e não-crentes, este museu possibilita uma nova leitura dos objetos litúrgicos e devocionais, proporcionando novas narrativas a serem exploradas em futuras iniciativas culturais.

Tendo em consideração os desenvolvimentos descritos em relação ao caminho percorrido quanto à musealização de bens religiosos, é possível encontrar como que a concomitância das duas posturas assinaladas no processo de musealização da antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa, e sua constituição como Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa. Como já referido no capítulo 2, havia uma discordância flagrante entre os elementos da Comissão Instaladora em relação ao propósito e ação do MASCL: Monsenhor Joaquim Fernandes pretendia que o Museu adotasse uma função de

evangelização, enquanto o Dr. António Martins Vieira e o Dr. Artur Sá da Costa defendiam que o Museu funcionasse como um centro cultural centrado na valorização do seu acervo. Há que compreender que estas duas posições advêm também do respetivo estatuto profissional dos membros da Comissão Instaladora. Ou seja, ao primeiro, então Cónego da Paróquia de Santo Adrião de Vila Nova de Famalicão, parecia-lhe crucial que o Museu desempenhasse uma função religiosa, a qual seria evidenciada através da exposição dos objetos pela sua função litúrgica e significado teológico. Já os outros dois membros da Comissão Instaladora, que tinham formação na área da História e exerciam cargos em pelouros da Cultura, demonstravam maior preocupação em exaltar a vertente artística e formal dos objetos, de modo a incentivar o estudo das coleções e do edifício. Como o Dr. António Martins Vieira acabou por desempenhar um papel mais ativo ao nível da museografia, o MASCL resultou numa instituição que refletia a conceptualização dominante do museu de arte sacra, apenas centrado na valorização das características estéticas e materiais dos objetos expostos. Contudo, nos últimos tempos, é possível assinalar também algum paralelismo com os posteriores desenvolvimentos descritos, já que a equipa do MASCL, com o auxílio da RMVNF, parece estar sensível e procura seguir as orientações da Carta Circular da CPBCI. Isso transparece não só no sentido de passar a equacionar informações relativas à função, devoção e simbolismo dos objetos do acervo, através da iniciativa *Objeto em Destaque*, como também na ambição de adotar uma prática mais colaborativa com as comunidades, crente e não-crente, circundantes.

Tendo em atenção os desenvolvimentos relativos ao processo de musealização dos bens religiosos em geral, e o processo de musealização do MASCL, a proposta museológica que se apresenta nas páginas seguintes pretende conciliar a função pastoral da instituição – assente em princípios e valores humanistas e na promoção da ligação à comunidade, que pode não ser exclusivamente católica – e a valorização do acervo enquanto arte sacra. Para tal, torna-se necessário encontrar um equilíbrio entre as duas vertentes da musealização do património religioso – a vertente funcional e simbólica com a vertente material e artística – de modo a alcançar uma contextualização que abranja todas as dimensões dos objetos e do antigo templo católico.

3.2. Considerações Iniciais do MASCL

Depois de ter apresentado o MASCL no Capítulo 2, torna-se agora necessário realizar uma leitura analítica de determinados aspetos relativos ao seu espaço expositivo e programa de atividades. Com esta análise pretendo salientar os pontos fortes e os pontos fracos do Museu, de modo a fazer sobressair os aspetos que precisam de ser melhorados para se contribuir, assim, para uma ação museológica mais dinamizadora.

Apesar do MASCL estar situado no centro da cidade de Vila Nova de Famalicão, conferindo-lhe uma localização favorável, o seu horário de funcionamento – terça-feira de manhã (das 10h à 13h) e quinta-feira de tarde (das 14h30 às 17h) – surge como uma desvantagem significativa, pois tem de ser nesse período bastante restrito que o Museu recebe os seus visitantes e realiza as visitas-orientadas e as atividades dos Serviços Educativos, para as quais é preciso marcação prévia. Para além de só estar aberto duas partes de dia durante a semana, não chegando a estar disponível por um dia inteiro, o MASCL também está encerrado ao fim de semana. Tal horário dificilmente corresponderá às necessidades e disponibilidade dos seus dois principais públicos-alvos – o público infanto-juvenil (sobretudo em contexto escolar) e o público sénior – afetando, assim, a ação do Museu, bem como a sua procura e, principalmente, as suas visitas. Embora se compreenda que esta limitação de funcionamento se deva à falta de recursos humanos por parte da equipa do MASCL, estando assim dependente dos recursos cedidos pela RMVNF, seria importante ampliar o horário de funcionamento para outros dias da semana, ou de fim de semana, de modo a fornecer mais alternativas que coincidessessem com a disponibilidade, tanto dos dois públicos-alvos, como de outros tipos de públicos. Uma das estratégias que o Museu pode adotar para alargar o seu horário será incentivar as subcomunidades circundantes a desempenharem um papel mais ativo no MASCL, através do voluntariado. De acordo com as Normas de Funcionamento do Programa de “Voluntariado de Museus” (2020), estipuladas pela CMVNF, este pode ocorrer de forma pontual, em que o voluntário cumpre, no máximo, 25h, ou então de forma continuada, subdividida em curta duração (de 26h a 3 meses), média duração (de 3 meses a 6 meses) e longa duração (período superior a 6 meses). Quanto à duração de forma continuada, o voluntário é orientado por um Orientador Institucional, que faz parte da equipa museológica (CMVNF, 2020b). Conjugando estas diversas possibilidades, o MASCL conseguiria, de forma gradual, estar mais disponível

para receber os seus visitantes e, até mesmo, ampliar a sua oferta cultural, tornando assim, a sua ação mais dinamizadora.

Para a comunidade circundante, um dos pontos mais controversos do MASCL foi a retirada das imagens religiosas dos retábulos e a sua distribuição pelas 15 vitrinas espalhadas pelo espaço interior da Capela. Todas compostas por um plinto branco e uma área maior em vidro, as vitrinas apresentam tamanhos diversos, conforme a dimensão dos objetos que albergam (Apêndice E). Como já referido anteriormente, foi o Dr. António Martins Vieira quem projetou as vitrinas, defendendo a necessidade da sua existência não só por razões de conservação das peças, mas também, porque, segundo a sua visão, se as imagens se tivessem mantido nos retábulos, a antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa não se teria tornado um museu, e sim num monumento. Ora, um museu e um monumento, como duas entidades culturais, diferem entre si a vários níveis, mas, o recurso a vitrinas não é um aspeto distintivo entre eles. Esta ideia das vitrinas, como um elemento que, por si só, transformariam o espaço em museu é uma visão não muito consistente, nem em sintonia com as atuais linhas teóricas e práticas da Nova Museologia. Por outro lado, também não foi apoiada por todos os elementos da Comissão Instaladora. O Monsenhor Joaquim Fernandes não concordou, desde o início do processo de musealização da Capela, com a transferência das imagens dos retábulos para o interior de vitrinas. Mas no final, a opinião do Dr. António Martins Vieira prevaleceu. Deve ser reconhecido que as vitrinas têm a vantagem de salvaguardar os objetos expostos, pois permitem a circulação do ar, evitando, assim, uma aceleração da degradação dos bens. No entanto, essa será a sua única vantagem porque as dimensões e proporções das vitrinas congestionam o espaço expositivo, suprimindo a relação harmoniosa entre os objetos expostos e o interior do edifício. Devido, também, às suas amplas dimensões, a circulação do visitante pelo espaço expositivo não se realiza com muita fluidez, sendo esta ainda mais condicionada durante as visitas orientadas e aquando das atividades oferecidas pelo Museu.

Deve ser referido também um outro suporte expositivo, um armário com superfícies em vidro, que também expõe nove objetos (Figura 21). Ao contrário das vitrinas, este armário, não permite a circulação do ar, o que potencia um ambiente prejudicial para próprios objetos. Aliás, por vezes, verifica-se o embaciamento na superfície de vidro, resultante da variação de temperatura (Figura 22). Assim sendo, a substituição destes suportes expositivos apresenta-se como crucial, não só para uma

melhor conservação dos bens, como também, para uma gestão do espaço expositivo mais equilibrada e fluída.

Figura 21 – Armário



Fonte: Autoria própria

Figura 22 – Embaciamento no vidro do armário



Fonte: Autoria própria

Há ainda a considerar um último suporte expositivo: os retábulos. Embora as imagens tenham sido retiradas dos retábulos, desde a sua origem, o MASCL tem exposto objetos do seu acervo nas banquetas dos três retábulos da Capela. Ao longo do tempo, os bens exibidos nestes suportes foi variando, mas consistiu sempre em objetos de pequenas dimensões, como as jarras, os castiçais, a cruz de altar e o indulgenciário. Relativamente a este suporte, não se condena a sua utilização; aliás, até se incentiva, defendendo a sua utilização como suporte expositivo, sobretudo para as imagens do acervo do Museu. Atente-se a que, no caso dos castiçais e da cruz de altar, este suporte pode proporcionar uma melhor e mais imediata contextualização desses bens e, consequentemente, uma leitura mais perceptível das suas funções e relação com o espaço envolvente. Nesse sentido, defendo que os retábulos propiciam uma melhor contextualização do que a oferecida pelo recurso às vitrinas e armário. Estes dois últimos suportes evidenciam as características materiais e artísticas dos objetos, orientando para aí a atenção do visitante, o qual, em consequência, não foca a sua leitura interpretativa nos significados religiosos, litúrgicos ou culturais dos objetos. Pelo contrário, o recurso aos retábulos facilitará uma leitura mais simbólica e/ou funcional das peças.

Analisando em concreto a questão da contextualização, verifica-se que a maioria dos objetos do MASCL são exibidos de forma descontextualizada em relação às suas funções e significados originais. Isso acontece, não só devido a se recorrer às vitrinas e ao armário, mas também, pelo modo como os objetos estão dispostos no espaço expositivo como um todo. A ausência de uma narrativa expositiva que pudesse elucidar o visitante sobre as funções e significados dos bens mostrados, das relações entre eles e da sua relação com o edifício, faz com que estes estejam expostos por si só, como peças a serem admiradas em si mesmo e não pelo que possam sugerir ou significar. Ora, se este centramento no objeto *per se* é algo cada vez mais questionável em qualquer instituição museológica; no caso do MASCL torna-se especialmente incompreensível, pois assim se desatende ao facto dos objetos estarem expostos no seu contexto original de utilização, no duplo sentido de ocuparem o espaço religioso da antiga Capela e da proveniência de todos ter uma relação direta com o território de Vila Nova de Famalicão. Importa frisar esta premissa: não se subscreve que os objetos devam ser o foco das exposições. Aliás, de forma ainda mais clara, defende-se que os objetos devem sobretudo constituir-se como pretextos para a exploração de temas, como meios que orientem a linha de leitura de uma exposição. A propósito, portanto, da exposição patente no MASCL, defende-se que ela devia, pelo menos, procurar desenvolver uma contextualização mais abrangente dos seus objetos; ir mais além da sua exclusiva interpretação artística e material, facultando algum enquadramento sobre o sentido teológico, litúrgico e cultural dos objetos. Assim, defende-se a necessidade do MASCL introduzir inovações no seu programa expositivo, fazendo-o assentar nas premissas da Nova Museologia, nomeadamente, construindo narrativas expositivas com base em temáticas que explorem novas leituras e perspetivas.

Ainda quanto ao atual modo de apresentação dos bens no MASCL, importa discorrer sobre os elementos textuais utilizados, nomeadamente, os texto-legenda e a Folha de Sala. Relativamente aos primeiros, eles estão dispostos, por norma, à frente ou do lado esquerdo do objeto, estando dentro das vitrinas, do armário, em cima das banquetas dos retábulos, ou ainda afixados à parede (como é o caso das duas lanternas, da pia de água benta e de um dos plintos), como se pode observar na Figura 23. Destaco, contudo, que, em alguns casos, estes elementos textuais passam despercebidos, pois a sua disposição está quase ao nível do chão – como acontece com três imagens de

amplas proporções e com a cruz processional (Figura 24) – ou então, encontra-se num local de difícil acesso, como é o caso do elemento textual das duas lanternas.

Figura 23 – Texto-legenda do Plinto e da Pia de Água Benta



Fonte: Autoria própria

Figura 24 – Texto-legenda da Cruz Processional

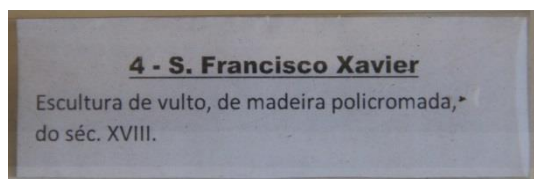


Fonte: Autoria própria

Além disso, constata-se uma incoerência na estrutura destes textos-legenda. Os que são utilizados para as imagens (Figura 25) e para a pintura (Figura 26) fornecem as seguintes informações: o número de inventário, a designação do objeto, o material, a técnica e a data de produção. Se se pretender uma abordagem mais contextualizada dos objetos ou usá-los como meios para dar a ver uma determinada temática, esses dados não chegam. Torna-se crucial que eles sejam ampliados ao nível da função e significado e, como se trata de imagens, abordar também a iconografia. De modo a evitar o uso de textos descritivos extensos e exaustivos, uma solução alternativa seria o recurso a meios digitais, como o *QR Code*³¹, que cada vez mais é utilizado pelas instituições museológicas, pois consegue fornecer, de forma acessível e eficaz, diversas informações sobre os objetos.

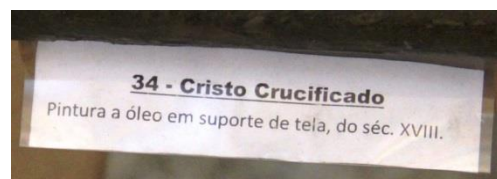
³¹ O *QR Code* consiste num código bidimensional para cuja leitura é preciso fazer um *scanner* através de um *handy scanner*, *handy terminal*, um *scanner* fixo, ou ainda, a partir das câmaras fotográficas de dispositivos móveis, como *smartphones* ou *tablets*. A sua utilização é gratuita e compatível com os diferentes sistemas operativos, como o iOS, Android, Windows, entre outros (Freitas, 2017).

Figura 25 – Exemplo de texto-legenda de uma imagem



Fonte: Autoria própria

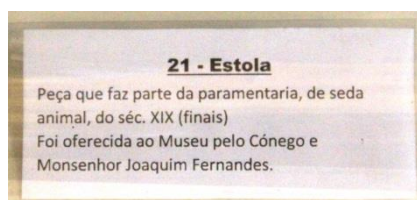
Figura 26 – Texto-legenda da pintura Cristo Crucificado



Fonte: Autoria própria

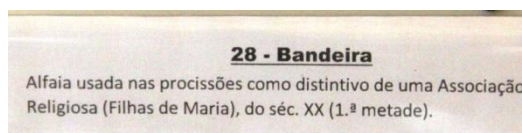
Já para os restantes bens, constata-se que, apesar dos textos-legenda manterem o número de inventário e a designação do objeto, uma das outras informações (material, técnica e data de produção) pode surgir omitida; ou então, ser acrescentado outro tipo de informação, como a proveniência (para os objetos que resultaram de doações, o texto-legenda identifica o doador, como se pode observar na Figura 27); o contexto em que o objeto é utilizado (Figura 28); a sua função (Figura 29); ou ainda, introduzidos dados mais específicos sobre os bens (Figura 30). Importa, também salientar que, quando se trata de bens idênticos – como no caso das três jarras, das duas lanternas e dos seis castiçais – há apenas um texto-legenda para todos, o que se considera compreensível, por se tratar de objetos que formam um conjunto.

Figura 27 – Exemplo de texto-legenda



Fonte: Autoria própria

Figura 28 – Exemplo de texto-legenda



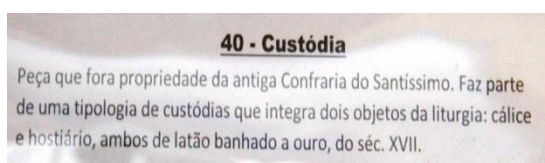
Fonte: Autoria própria

Figura 29 – Exemplo de texto-legenda



Fonte: Autoria própria

Figura 30 – Exemplo de texto-legenda



Fonte: Autoria própria

Tendo em consideração a estrutura e conteúdo destes elementos textuais, considera-se que se aproximam da noção de legenda, recorrente no modelo museológico tradicional, a qual fornece informações insuficientes para uma potencial contextualização. Embora, em alguns casos, os textos-legenda proporcionem informações sobre a função dos objetos, e em que contextos são utilizados, não passam de meras referências que pouco, ou nada, elucidam o visitante. Verifica-se, também, que estes textos-legenda não abordam o sentido religioso ou espiritual dos bens, tratando-se assim, de uma grave lacuna. Além disso, pode também questionar-se a utilidade do número de inventário nos elementos textuais. Considera-se que este tipo de informação é útil para a equipa museológica e, até, imprescindível para a organização interna do acervo, mas, para os visitantes, podia ser ocultada, por não fornecer qualquer contributo significativo para a leitura e interpretação do objeto e, muito menos, para a história que se queira contar através dele. Torna-se, assim, crucial re-pensar e renovar o formato, estrutura e conteúdo destes elementos textuais, pois é evidente que, atualmente, eles não proporcionam uma contextualização razoável, nem uma interpretação que convide os visitantes a refletir sobre a informação que lhes está a ser transmitida.

No que diz respeito à Folha de Sala (Anexo N), ela surge como uma estratégia comunicativa potencialmente mais rica, por conseguir abordar de forma sucinta e eficaz o MASCL e os objetos que alberga. Num dos versos da folha é apresentada uma cronologia com breves informações sobre a história do Museu, de modo a que os visitantes, sobretudo aqueles que não agendaram visita-orientada, acedam a uma breve biografia do MASCL e do seu edifício. Já no outro verso, é apresentada a iniciativa *Objeto em Destaque*. Embora esta iniciativa seja renovada trimestralmente, sendo que em cada nova edição é abordado um objeto diferente, a cronologia e as informações apresentadas no outro verso, mantêm-se iguais.

Em comparação com os textos-legenda, o *Objeto em Destaque* amplia e explora de modo mais efetivo diferentes dimensões dos bens. Para além de fornecer, de forma sucinta, informações mais técnicas – como o número de inventário, a designação do objeto, as suas medidas, as suas características materiais e técnicas, data de produção e proveniência – esta iniciativa disponibiliza algo mais. Num texto breve e genérico, o *Objeto em Destaque* explora não só a iconografia, a história, a função e o culto dos bens, mas procura também descrevê-los sob a perspetiva artística e pode, por vezes, apresentar informações particulares sobre o objeto, ou ainda, estabelecer uma relação

com Vila Nova de Famalicão. Aponta-se, apenas, uma única desvantagem relativa a esta iniciativa: como é renovada trimestralmente, abordando em cada nova edição um novo objeto, impossibilita a permanência da contextualização de todos os bens do MASCL. Caso o Museu tivesse sempre disponível um funcionário especializado, acessível para responder a possíveis dúvidas de visitantes livres, esta lacuna poderia ser facilmente colmatada.

Contudo, constata-se que esta abordagem parcial das peças provém também da inexistência de um estudo aprofundado sobre o acervo. Importa realçar que, o desconhecimento da biografia, das características e das diversas dimensões funcionais e simbólicas dos objetos, resulta numa profunda limitação que dificulta a criação de abordagens capazes de desvendar e aprofundar novas narrativas. Estas, por sua vez, permitiriam inovações no espaço museológico, confrontando o público com novas perspetivas enriquecedoras da sua experiência no Museu. Como o MASCL não conhece em profundidade os seus objetos e a relação destes com a comunidade de Vila Nova Famalicão, verificam-se restrições no desenvolvimento de possíveis exposições, ou outras iniciativas, que poderiam contribuir de forma significativa para uma ação museológica renovada. Há que compreender que os membros da comunidade circundante tiveram um contacto direto com a antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa e com os seus objetos. Logo, essas ligações poderiam ser exploradas, por exemplo, para procurar atender à relação que possuem com estes bens e quais os significados que lhes atribuem. Neste sentido, salienta-se uma necessidade urgente em estudar os bens do acervo, de um modo aprofundado para, assim, o MASCL poder agir como um potencial espaço ativo, interativo e de diálogo com o seu público e com a comunidade circundante.

Quanto ao programa de atividades do MASCL, verifica-se que os visitantes que mais frequentam o Museu e participam nas visitas orientadas e outras atividades são, como já referido, os públicos sénior e infanto-juvenil. Sobre as quatro oficinas e o roteiro disponibilizados, reconhece-se que estas iniciativas possuem uma organização coesa, assente em objetivos sólidos e conseguem alcançar o equilíbrio certo entre interação e ampliação de conhecimentos dos participantes. Já as visitas orientadas – as quais se iniciam com uma visão geral da história do edifício, passando depois para uma abordagem dos objetos do acervo em si – traduzem-se, sobretudo, numa perspetiva artística dos bens. Embora da parte dos guias haja tentativas de abordar alguma

dimensão funcional e simbólica, o modo como isso é feito não é suficientemente atrativo para que o público, principalmente o infanto-juvenil, revele interesse por essas vertentes, aderindo mais facilmente à abordagem artística. Ainda que se compreenda a razão da grande incidência na dimensão estética e material dos objetos, reforço a importância de também se tentar abordar a sua função e o sentido teológico e/ou cultural, para uma mais ampla contextualização dos objetos e, conseqüentemente, uma leitura e interpretação mais abrangente, dinâmica e até problematizadora. Por conseguinte, faz-se notar a necessidade de se procurar desenvolver uma abordagem que consiga conciliar a dimensão artística das peças com as suas dimensões funcional e simbólica.

Considera-se, ainda, que o programa de atividades deveria incluir mais iniciativas que convidassem e conseguissem atrair a comunidade circundante a participar no espaço museológico. Um dos constrangimentos do MASCL é a relação distante que possui com a comunidade envolvente, havendo até, pessoas que não o aceitam como espaço museológico, devido à sua ligação ao espaço e edifício do Museu ser anterior à existência deste e radicar na relação afetiva e simbólica com a antiga Capela. O MASCL precisa de organizar atividades que apelem à participação, interação e diálogo com as várias subcomunidades locais que o rodeiam mostrando-se ao seu serviço, procurando ouvir os seus interesses e necessidades e sobre eles refletir no seu espaço. Assim, é necessário que o Museu amplie o seu programa de atividades, de modo a tornar a sua ação mais dinamizadora, inclusiva e colaborativa com as comunidades circundantes.

3.3. Proposta Museológica para o MASCL

Tendo em consideração o contexto do MASCL apresentado até agora, e as respetivas reflexões por ele suscitadas, elaborou-se uma proposta museológica que consiste num novo programa expositivo, com aproximação à comunidade circundante, e um programa de atividades que aproveita os recursos já existentes e, simultaneamente, procura desvendar novos aspetos da comunidade. Além disso, a proposta também se centra num plano museográfico que, por sua vez, inclui a sugestão de novos suportes expositivos e uma ampliação do espaço expositivo; novas estratégias comunicativas para uma melhor divulgação das iniciativas; materiais mediadores associados à

exposição e, ainda, a sugestão de um perfil para os mediadores culturais. Através desta proposta, pretende-se contribuir para uma mais consistente ação museológica do MASCL, procurando dinamizá-lo para, assim, funcionar como um centro de partilha e interação com as subcomunidades circundantes. De modo a atingir estes objetivos, foi necessário organizar uma reunião com pessoas ligadas a diferentes grupos de públicos e instituições da comunidade de Vila Nova de Famalicão. Esse encontro ocorreu no dia 17 de julho de 2020, pelas 9h30, via plataforma *online Zoom*, e contou com a participação de intervenientes³² de diversas áreas como, religiosa, municipal, cultural, pedagógica e social. Os contributos recolhidos permitiram construir uma proposta mais aproximada à realidade das subcomunidades famalicenses e que procura responder às suas expectativas e necessidades.

A proposta organiza-se através de um cronograma para três anos, sendo que, para cada ano, atribuiu-se uma palavra-chave – retirada da Declaração de Princípios do MASCL (2019) – que orienta as iniciativas sugeridas. Optou-se por esta estruturação, não apenas para tornar mais evidente a ligação dos dois programas propostos, com a missão, visão e a ação do MASCL, mas também para demonstrar que as iniciativas sugeridas não foram planeadas para o curto prazo, havendo sempre a preocupação destas poderem perdurar a longo prazo. As palavras-chave selecionadas foram: *Humanidade*, para o Ano 1 (Apêndice F); *Encontro*, para o Ano 2 (Apêndice G); *Fé*, para o Ano 3 (Apêndice H). O critério que determinou esta escolha, foi optar por palavras cujo sentido e significado não fosse exclusivamente religioso e que, simultaneamente, favorecessem relacionamentos com as abordagens participativas e inclusivas das iniciativas propostas. Nesse sentido, existem iniciativas que são ativadas nos três anos, de forma regular e assídua, enquanto que outras, devido à sua natureza e conteúdo, apenas são realizadas num ano em particular, por melhor corresponderem ao teor semântico da palavra orientadora. Em relação às iniciativas, mais especificamente ao programa expositivo proposto, este abrange um conjunto de exposições temporárias, temáticas e com diferentes dimensões que, por sua vez, possuem atividades

³² O grupo de intervenientes da reunião do dia 17 de julho de 2020 era constituído por: Padre Francisco Carreira (diretor do MASCL), Dr. José Nogueira (membro da equipa museológica), Professor Alexandre Lemos (catequista e professor primário); Dr^a Mariana Jacob (elemento da equipa nuclear da RMVNF); Dr^a Eva Cordeiro (elemento da equipa nuclear da RMVNF); D.Alcina Gonçalves (elemento da equipa nuclear da RMVNF); Professor Rui Mesquita (professor de música); Professora Cristina Goulão (professora bibliotecária); Dr. António Gonçalves (artista, curador da Galeria Municipal Ala da Frente); Dr^a Marta Correia (psicóloga, Museu de Cerâmica Artística da Fundação Castro Alves); Dr^a Isabel Cunha (responsável pelo grupo seniores do Município de Vila Nova de Famalicão); Dr. Ricardo Ribeiro (secretário-geral da Associação de Moradores das Lameiras).

complementares associadas. Importa também referir que, para uma melhor compreensão, tanto do cronograma, como da programação, é necessário estabelecer conexão entre a leitura deste subcapítulo e os conteúdos reunidos e apresentados a partir do Apêndice F até ao Apêndice J, pois estes disponibilizam informações sistematizadas, suportando visualmente o cronograma e a programação propostos. Como já anteriormente mencionado, os Apêndices F, G e H apresentam o cronograma, sendo que cada um deles corresponde a um ano. Aí, será possível observar e perceber com pormenor quais as exposições e atividades a ativar em cada ano e em que momento. Já os Apêndices I e J – ambos com várias subdivisões – contém as fichas técnicas de cada iniciativa, fornecendo indicações com algum pormenor para a realização efetiva das mesmas.

De modo a organizar uma proposta que concilie a dimensão religiosa com a dimensão profana, construí o cronograma com base em datas comemorativas, celebradas quer pelo calendário litúrgico, quer pelo calendário do município de Vila Nova de Famalicão. O Apêndice K apresenta as datas celebrativas com maior impacto na região, as quais foram identificadas com o auxílio do Dr. José Nogueira e a equipa da RMVNF. Do conjunto de datas indicadas, apenas selecionei algumas (Tabela 5), aquelas que pela sua natureza e significado proporcionavam uma melhor potenciação das iniciativas propostas. E no que diz respeito ao Calendário Litúrgico, nem todas as celebrações selecionadas figuram na programação dos três anos. Assim, os dias de Santo Amaro, de São Bento e de São Francisco Xavier são, unicamente, ativados no Ano 1; o Dia da Nossa Senhora da Lapa é apenas celebrado no Ano 2. Além disso, embora não sugira nenhuma iniciativa para o Pentecostes, mantenho no cronograma, a Quarta-Feira de Cinzas, Páscoa e Pentecostes, para que fique evidente como o Calendário Litúrgico fornece orientação ao cronograma construído.

Tabela 5 – Datas comemorativas assinaladas no Cronograma

Calendário Litúrgico	Calendário do Município
Dia Santo Amaro (15 de janeiro); Quarta-Feira de Cinzas (fevereiro/março); Dia São José (19 de março); Páscoa (março/abril); Pentecostes (maio/junho);	Dia do Pai (19 de março); Dia Nacional dos Centros Históricos (28 de março); Dia Internacional dos Monumentos e Sítios (18 de abril);

Dia Santo António (13 de junho); Dia São Bento (15 de julho); Dia Nossa Senhora da Lapa (8 de setembro); Dia da Paróquia de Santo Adrião de Vila Nova de Famalicão (1º Domingo de outubro); Dia São Francisco de Xavier (3 de dezembro); Natal (25 de dezembro)	Dia Internacional dos Museus (18 de maio); Dia da Criança (1 de junho); Dia dos Avós (26 julho); Celebrações do Dia do Concelho (21 a 29 de setembro); Jornadas Europeias do Património (setembro); Natal (25 de dezembro)
--	---

Fonte: Autoria própria

A calendarização decidida procura uma melhor compatibilização e articulação entre o conteúdo da palavra-chave orientadora e a natureza e significado dos dias comemorativos. Importa, ainda, salientar que a UNESCO, a cada ano, estipula para o Dia Internacional Dos Museus e Sítios, Dia Internacional dos Museus, Noite Europeia dos Museus e Jornadas Europeias do Património um tema que tem por função orientar as atividades desenvolvidas pelas instituições culturais. Como não se tem conhecimento prévio do tema a ser definido para cada ano, não se atribui nenhuma iniciativa para essas datas. No entanto, assinalo estas quatro datas, por considerar importante a participação do MASCL nestes eventos de celebração do património das instituições culturais.

3.3.1. Plano Museográfico

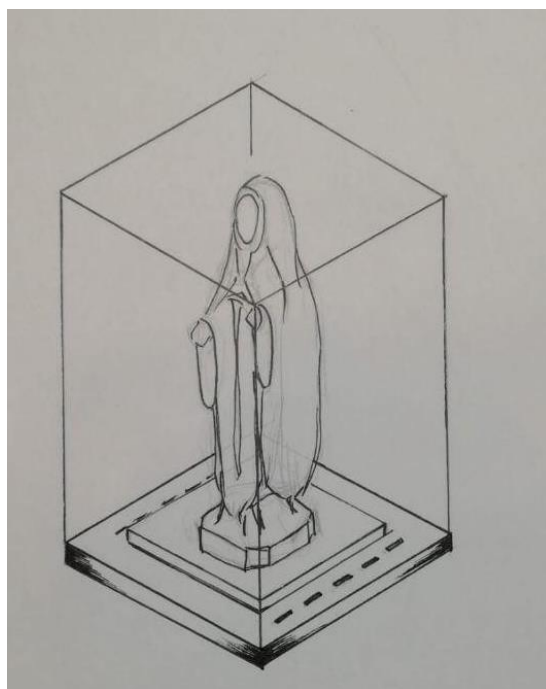
O plano museográfico sugerido nesta proposta pode ser dividido em duas partes: novos suportes expositivos e a ampliação do espaço expositivo. Optou-se por abordá-las separadamente, pois trata-se de dois aspetos que, embora se relacionem um com o outro, devem ser apresentados e refletidos de forma independente.

3.3.1.1. Novos Suportes Expositivos

Como referido anteriormente, o MASCL utiliza como suportes expositivos as banquetas dos três retábulos, as 15 vitrinas e um armário de madeira envidraçado. Devido aos constrangimentos que as vitrinas e o armário acarretam ao espaço expositivo e à conservação dos objetos, sugere-se que o MASCL recorra a outros suportes

expositivos, que promoveriam uma maior fluidez ao espaço e uma salvaguarda mais eficaz aos bens museológicos. Neste sentido, propõe-se o aproveitamento de estruturas do próprio Museu – os retábulos, os dois oratórios e o arcaz – como suportes expositivos; mas também, a instalação de novos suportes na parede. O material destes novos suportes deverá ser o aço, por assegurar boa resistência. Terá de possuir uma elevada nobreza termodinâmica, revestido com tubos, ou películas de resina de natureza adequada. Os objetos aí expostos deverão estar protegidos por uma campânula de acrílico. De maneira a assegurar a circulação de ar, sugere-se que no suporte de aço haja pontos de entrada de ar para, assim, não interferir no acrílico. A Figura 31 consiste num esboço dos suportes expositivos propostos³³.

Figura 31 – Esboço dos suportes expositivos propostos



Fonte: Rita Silva

Relativamente aos objetos expostos nas mísulas e nichos dos retábulos, sugere-se que estes sejam colocados numa base de acrílico, podendo existir uma base de papel neutro, ou uma outra película neutra, entre a base e o objeto. Caso seja necessário reforçar a segurança dos objetos, propõe-se a utilização de um suporte que os ampare, como ilustra a Figura 32. Todavia, antes da sua aplicação é necessário analisar o volume

³³ O esboço foi concebido pela Rita Silva, aluna da Licenciatura de Design Industrial do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave.

dos bens e a sua relação com o suporte expositivo e com o espaço e, só caso de se verificar instabilidade na sua exposição, é que se deve recorrer a esse suporte. A sua utilização deverá ser discreta, e quanto ao material, este deve ser de metal com elevada nobreza termodinâmica, revestido com tubos, ou películas de resina de natureza adequada.

Figura 32 – Exemplo de suporte expositivo



Fonte: Pinterest

Salienta-se que, ao retirar os objetos das vitrinas e colocá-los nos novos suportes expositivos propostos, eles se tornam mais vulneráveis aos seguintes agentes de degradação:

- Forças Físicas: geradas pelo movimento de funcionários e visitantes dentro do espaço museológico, pelo tráfego urbano exterior, ou por sismos (Caple, 2011);
- Contaminantes: resultantes de poluentes ou partículas, tanto provenientes do exterior do Museu (sistemas de ventilação ou visitantes), como do interior (libertação de gases de alguns materiais dos artefactos ou equipamentos utilizados pelo Museu) (Ana-Maria e Ion, 2015);
- Temperatura e Humidade Relativa: as condições meteorológicas exteriores são, frequentemente, refletidas no interior dos museus, ao que se adiciona os efeitos de aquecimento, de iluminação e dos visitantes, fazendo com que o ambiente interior possa ser bastante variável. A existência de variações frequentes de temperatura e humidade relativa põem em causa o bem-estar dos objetos (Museums Galleries Scotland, 2009);
- Pestes: trata-se da presença de organismos nocivos para os bens (como os fungos, bactérias, microorganismos e insetos) (Sousa e et.al, 2007).

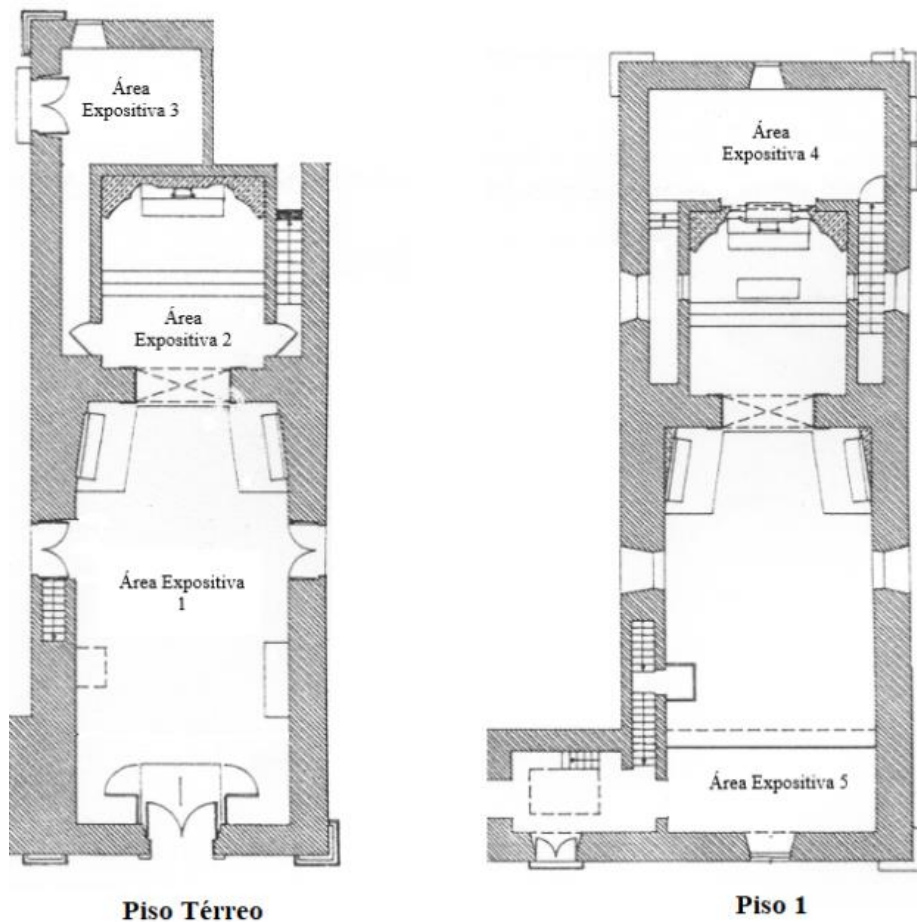
Atualmente, existem estratégias e mecanismos que ajudam a monitorizar, controlar e diminuir o impacto da deterioração causada por estes agentes. Algumas dessas estratégias/mecanismos estão disponibilizadas no Apêndice L. Contudo, acrescenta-se, ainda, a importância do MASCL desenvolver um plano de gestão de conservação preventiva, de modo a conseguir prevenir e proteger os objetos do seu acervo, dos diversos riscos e perigos a que estarão sujeitos, dentro e fora da instituição.

3.3.1.2. Ampliação do Espaço Expositivo

Atualmente, o espaço expositivo do MASCL compreende apenas as antigas áreas litúrgicas da Capela, nomeadamente, a nave e o presbitério. Mas existem, ainda, mais três espaços com potencial expositivo que, porém, ou são utilizados para armazenamento de equipamentos e materiais dos serviços educativos, ou estão desativados. Procurando aproveitar esse recurso, e como pode ser observado na Figura 33, sugere-se uma ampliação do espaço expositivo, o que possibilitará a realização de exposições temporárias, em simultâneo com a exposição permanente.

No seguimento desta ampliação expositiva para as outras três áreas integrantes do MASCL, sugere-se uma nova disposição dos objetos expostos, tendo já em consideração os novos suportes expositivos propostos. Esta reorganização dos bens pelas áreas expositivas é bastante pormenorizada, pois especifica os objetos e quais os suportes expositivos a utilizar. Um dos principais critérios, que determinou as disposições escolhidas foi procurar distribuir os objetos pelas respetivas áreas que evidenciavam as suas funções originais e o seu sentido teológico para, assim, promover uma melhor compreensão dos seus significados primários.

Figura 33 – Ampliação do espaço expositivo



Fonte: Autoria própria

Por conseguinte, na Área Expositiva 1 (Figura 34) encontra-se a maior parte da Imaginária, a qual é exposta nos suportes expositivos da parede e nos retábulos, existindo apenas duas imagens expostas num plinto e numa vitrina. Quanto à seleção das imagens a serem dispostas nos retábulos, esta foi feita já a pensar numa exposição temporária, composta por quatro imagens, propondo a sua exposição nas mísulas e nicho dos dois retábulos. Importa, também, salientar que neste primeiro espaço expositivo, um dos oratórios serve como suporte expositivo para o objeto nomeado como *Objeto em Destaque*, pois considera-se essa uma forma de dar mais visibilidade ao próprio oratório e aproximá-lo à sua função primária.

Sugestão de Objetos Expostos

6 Imagens nos retábulos

Retábulo Lado Direito

- Nossa Senhora da Conceição, nicho central,
- Santa Luzia, mísula lateral direita
- S. Amaro, mísula lateral esquerda

Retábulo Lado Esquero

- S. Francisco Xavier, nicho central
- S. Bento, mísula lateral direita
- S. António, mísula lateral esquerdo

5 Imagens na parede lado direito

- S. Sebastião
- Santa Rita
- S. José
- Santa Ana
- Nossa Senhora da Lapa (nº. inventário 7)

1 Imagem ao centro

- Nossa Senhora da Boa Morte exposta numa vitrina

3 Jarras na banqueta do retábulo lateral direita

2 Castiçais na banquetta do retábulo lateral esquerda ○

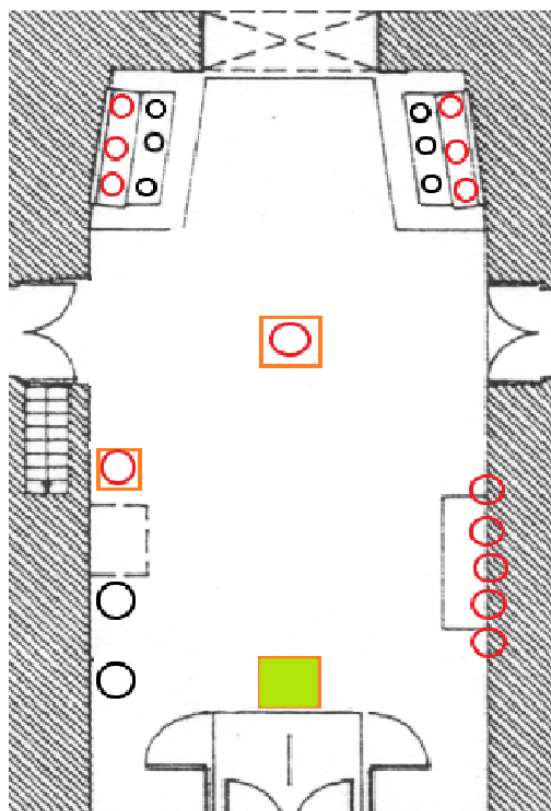
Indulgenciário na banquetta do retábulo lateral esquerda

Oratório “Objeto em Destaque” num plinto

Santa Filomena num plinto na parede lado esquerdo

Plinto (nº. inventário 48) parede lado esquerdo 

Pia de Água Benta parede lado esquerdo



Fonte: Autoria própria

Já na Área Expositiva 2 (Figura 35) mantém-se a disposição da cruz de altar e dos quatro castiçais na banqueta do retábulo-mor. Nas suas mísulas e nicho, colocam-se três imagens, incluindo a da Nossa Senhora da Lapa. Através da visualização da fotografia do Anexo I, percebe-se que, inicialmente, estas imagens se encontravam neste retábulo-mor, o que reforça a pertinência de sugerir a sua exposição neste suporte.

Figura 35 – Área Expositiva 2

Sugestão de Objetos Expostos

4 Castiçais na banqueta do retábulo-mor ○

Cruz de Altar na banqueta do retábulo-mor ○

3 Imagens no retábulo-mor 

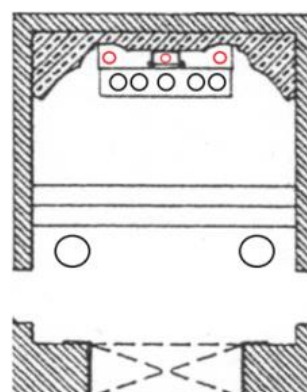
- Nicho central, Nossa Senhora da Lapa (nº. inventário 1)

- Mísula Lateral Esquerda, Santo André

- Mísula Lateral Direita, Iconografia Bispo

Documento Papal ○

Pintura ○



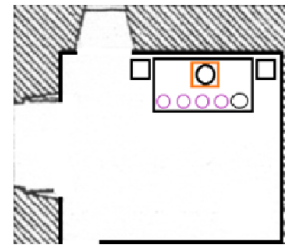
Fonte: Autoria própria

A Área Expositiva 3 (Figura 36) corresponde à antiga sacristia onde, atualmente, estão armazenados os equipamentos e materiais utilizados nas atividades dos serviços educativos do MASCL. Sugiro que, para transformar este espaço numa área expositiva, estes equipamentos – mesas, cadeiras e outros materiais – sejam armazenados no Cartório Paroquial (localizado a cerca de 50 metros do MASCL). Uma outra alternativa seria substituí-los por equipamentos mais flexíveis – ou seja, com a capacidade de serem montados e desmontados – e serem guardados, ou no Cartório Paroquial, ou na área mais estreita da antiga Sala do AHPSA, no piso superior. Realizada essa operação, no espaço da antiga sacristia sugere-se a exposição dos paramentos dentro do arcaz, sendo que uma das alvas, a casula e a estola formariam um conjunto. Alerta-se para o facto de que, para isso, é necessário a existência de um papel ou película neutra, entre estes três paramentos. Por cima do arcaz, o segundo oratório exporia uma das cruzes processionais

Sugestão de Objetos Expostos

Paramentos (2 Alvas + Casula + Estola) dentro do arcaz

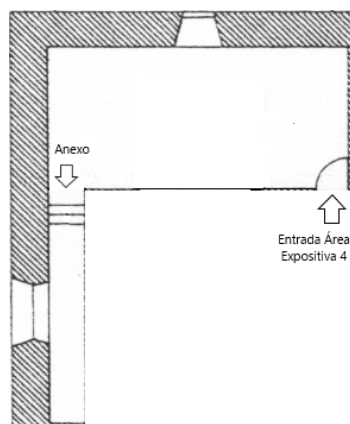
Paramentos (2 Alvas + Casula + Estola) dentro do arcaz

☐

Fonte: Autoria própria

No piso superior existe uma sala onde, outrora, funcionou o AHPSA. Sugiro que se divida este espaço em duas partes: a Área Expositiva 4 e um anexo. Para tal, é necessário separá-los fisicamente, ou seja, colocar uma porta, ou outro tipo de elemento separador, como se pode observar na Figura 37.

Figura 37 – Área Expositiva 4 e Anexo



Fonte: Autoria própria

A Área Expositiva 4 (Figura 38) contém as alaias litúrgicas que, devido ao seu elevado valor pecuniário, surgem expostas na parede, dentro de uma vitrina. Além disso, é neste espaço que estão dispostas três imagens, que são visíveis do piso térreo devido a uma abertura na parede do retábulo-mor. Uma vez mais, a fotografia do Anexo I mostra que, inicialmente, estas imagens estavam nesse espaço, fazendo, portanto, todo

o sentido voltar a sugerir aí a sua exposição³⁴. Aliás, pelas dimensões das imagens e pelo modo como foram executadas, percebe-se que a intenção original era que fossem vistas numa posição superior, e não numa perspetiva frontal.

Figura 38 – Área Expositiva 4

Sugestão de Objetos Expostos

7 Objetos na Vitrina da parede direito

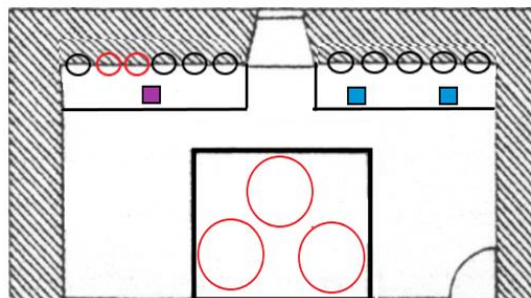
- 3 Custódias 
- Cálice e Patena 
- Pixide 
- 2 Missais em dois pintos 

3 Imagens 

- Nossa Senhora das Lamentações
- Santa Madalena
- S. João Batista

6 Objetos na Vitrina da parede esquerda

- 3 Coroas 
- Plinto (nº. inventário 20) 
- Menino Deus 
- Presépio 
- Cruz Processional (nº. inventário 27) num plinto 



Fonte: Autoria própria

Apesar de para a Área Expositiva 5 não sugerir a disposição de objetos do MASCL, considera-se que este espaço tem potencial expositivo. Deverá ser utilizado para a exposição de bens resultantes de iniciativas colaborativas com outras unidades museológicas da RMVNF, ou com outras instituições artísticas e pedagógicas. Embora o espaço seja mais estreito que o das restantes Áreas Expositivas, isso não se coloca como um constrangimento, sendo apenas necessário pensar numa organização proporcional e fluída entre as dimensões do espaço e as dos objetos a serem expostos.

Além da utilização dos cinco espaços referidos, propõe-se ainda ativar o acesso à torre sineira, pois tornar-se-ia numa atração para os visitantes. Contudo, é preciso adotar

³⁴O ângulo em que a fotografia do Anexo I foi registada não permite visualizar, de forma evidente, as imagens de Nossa Senhora da Lapa e de Santa Maria de Madalena no Calvário.

as devidas medidas de segurança, nomeadamente reforçar a proteção no corrimão das escadas e instalar barreiras na torre, para evitar possíveis acidentes.

A ampliação expositiva defendida apresenta uma limitação flagrante ao nível da acessibilidade, pois o acesso às áreas expositivas do piso superior, e à torre sineira, é feito por escadas bastante estreitas, tornando-se a sua utilização um desafio, ou até mesmo uma impossibilidade total, para visitantes de mobilidade reduzida. Tem-se consciência de que na parte teórica deste Projeto se defendeu o princípio do acesso equitativo para todo o tipo de públicos. Entendo, contudo, que esse posicionamento não obriga a desconsiderar ou desvalorizar totalmente as capacidades expositivas destas áreas, cuja ativação irá acrescentar vantagens ao Museu. É preciso ter consciência de que cada espaço museológico tem as suas limitações e constrangimentos, sendo crucial reconhecer, valorizar e beneficiar as suas potencialidades. Assim sendo, importa pensar em soluções para ultrapassar aquela limitação. Sugere-se que, no piso térreo, seja instalado um *QR Code* que, quando decodificado, permitirá aceder a uma plataforma digital que apresenta imagens dos bens expostos nas áreas superiores, e a respetiva informação sobre eles. Seria pertinente que se disponibilizassem imagens de diferentes perspetivas dos objetos (frontal, retaguarda e perfil) e que o visitante conseguisse fazer *Zoom In* e *Zoom Out*. Propõe-se que, no caso da torre sineira, se fotografe a vista que esta proporciona numa amplitude de 360° – atualmente existem câmaras fotográficas com essa capacidade e fotógrafos e empresas capazes de fornecer esses serviços – e, através de um *software*³⁵, se torne a imagem interativa. Com estas alternativas pretende-se que o público com mobilidade reduzida consiga igualmente desfrutar de uma experiência imersiva e interativa.

3.3.2. Programa Expositivo

Em simultâneo com a exposição permanente, propõe-se a realização de quatro exposições temporárias, cuja temática se relaciona com a palavra-chave orientadora do respetivo ano, como já referido. Além disso, estas exposições foram pensadas com diferentes vertentes, as quais pretendem facilitar a aproximação do MASCL à comunidade circundante e, simultaneamente, promover a reflexão e o espírito crítico dos visitantes. Assim, uma exposição é orientada pela intenção de conciliar a dimensão

³⁵ Atualmente existem *softwares*, uns gratuitos, outros não, como *Concept3D*, *EyeSpy360*, *DivelnStudio*, entre outros.

social com a dimensão religiosa; outra, está dependente da participação das subcomunidades circundantes; enquanto as duas restantes foram pensadas visando a colaboração com algumas unidades museológicas da RMVNF. Salienta-se que, para cada exposição se concebeu uma atividade complementar.

Para cada ano existe uma exposição, com duração de seis meses, de modo a que, na outra metade do ano, esteja ativa a exposição permanente do MASCL. Todavia, no Ano 2, para além da exposição temporária de seis meses, pensou-se numa outra exposição, cujo período ativo seria de 40 dias, correspondendo ao período católico da Quaresma que se inicia com a Quarta-feira de Cinzas, terminando com a Páscoa. Estes limites temporais evidenciam, uma vez mais, a preocupação em conciliar a dimensão religiosa com a dimensão profana, aquando do planeamento das iniciativas e da sua organização no cronograma.

Importa salientar que o Apêndice I disponibiliza as fichas técnicas de cada exposição, bem como, de cada atividade complementar. Mas a estrutura destas fichas técnicas é diferente nos dois casos. Ou seja, enquanto as fichas das exposições são constituídas por cinco campos – Descrição, Público-alvo, Local de realização, Calendarização e Observações – as fichas das atividades complementares, para além destes cinco campos, apresentam também o campo Objetivos e Serviço Responsável. Foi para facilitar a expressão escrita que, nas fichas técnicas das exposições, não consta o campo Objetivos, surgindo em vez disso explicitados os propósitos de cada exposição na Descrição, o que torna desnecessária a existência daquele outro campo. Destaca-se, também que, em relação ao campo Observações, este apenas surge quando é preciso fornecer outro tipo de indicações úteis para a realização das iniciativas.

Por conseguinte, e tendo em consideração todo o cronograma dos três anos as quatro exposições são:

- *Os Humanitários da Fé*, exposição de foco religioso com dimensão social, com duração de seis meses. Sugere-se os seguintes objetos do MASCL a integrarem a exposição: São Amaro, Santo António, São Bento e São Francisco Xavier (Figura 39). A atividade complementar a esta exposição é uma mesa-redonda cujo título é *Os Traços Humanitários de Jesus Cristo*.

Figura 39 – Sugestão de objetos do MASCL para a exposição *Os Humanitários da Fé*



Fonte: Autoria própria

- *A Minha Antiga Capela da Lapa*, exposição participativa, com duração de seis meses. Esta exposição seria composta por objetos do MASCL – sugere-se as duas imagens da Nossa Senhora da Lapa (Figura 40) – e ainda objetos cedidos pelas subcomunidades de Vila Nova de Famalicão que estejam relacionados com o antigo templo católico. Para esta exposição pensou-se como atividade complementar num Pedipaper, a percorrer os espaços litúrgicos da antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa. Importa referir que, apesar de não se calendarizar nenhuma iniciativa para o Dia Internacional dos Museus, como já anteriormente referido, no caso desta exposição, a sua inauguração será uma exceção. Considera-se que seria um evento propício para assinalar aquele Dia que celebra as instituições museológicas, em virtude da sua abordagem participativa para com a comunidade famalicense.

Figura 40 – Sugestão de objetos do MASCL para a exposição *A Minha Antiga Capela da Lapa*



Fonte: Autoria própria

- *O Diálogo entre o Surrealismo e a Arte Sacra*, exposição colaborativa com a Fundação Cupertino de Miranda, com duração de 40 dias. Sugere-se que esta exposição seja composta, no máximo, por cinco objetos do MASCL e por dois ou três objetos do acervo da Fundação Cupertino de Miranda. Contudo, a seleção dos objetos deverá ser pensada com ponderação, pois é preciso ter em consideração que a maioria dos artistas surrealistas se manifestavam contra a religião, sobretudo a religião cristã. Torna-se, assim, fundamental que os objetos a serem integrados nesta exposição não desrespeitem as ideologias dos artistas e que, simultaneamente, promovam uma reflexão sobre a religião e a essência do surrealismo³⁶. Como atividade complementar propõe-se uma oficina de desenho intitulada como *Arte Sacra sob o Olhar Surrealista*.
- *Os Símbolos de Fé*, exposição colaborativa com Museu da Guerra Colonial, com duração de seis meses. Esta exposição seria composta por objetos do MASCL – sugerem-se as 20 imagens de santos e figuras bíblicas – e objetos do Museu da Guerra Colonial, como o Baú (Figura 41) e outros objetos pertencentes à secção *A religiosidade – as influências da igreja e do capelão militar no contexto de guerra bem como a cultura e as crenças religiosas de cada combatente*. Para uma melhor compreensão da seleção do objeto Baú, passa-se a citar o seu texto-legenda:

“O Baú de Guerra (mala onde o militar guardava os haveres na guerra) é o elemento mais significativo para o combatente que esteve na Guerra Colonial (1961 – 1974). Ele acompanhou-o na ida para a guerra, durante a permanência na colónia em que esteve mobilizado, voltou com ele no final da comissão militar e é guardado com todo o carinho, respeito e segredo entre todos os objetos e recordações mais importantes que possui. No baú estão guardadas as “marcas boas e más” deste contexto de guerra: fotografias; diários; correspondência; condecorações; fardamento; armas; e arte...”.

³⁶ Em 2017, a exposição *Lugares (In)visíveis*, organizada pela RMVNF, conseguiu juntar objetos de duas unidades museológicas religiosas – Museu Cívico e Religioso de Mouquim e Museu de Arte Sacra de São Tiago das Antas – e da Fundação Cupertino de Miranda, sem desrespeitar as ideologias dos artistas surrealistas. O tema que interligava estes objetos era a “Luz”, sendo que os bens dos museus religiosos eram dois pares de castiçais (cada par pertencia a um destes museus), enquanto que o objeto da Fundação Cupertino Miranda era uma obra de Cruzeiro Seixas, constituída por vela, faca e castiçal. Este conjunto de objetos era, ainda, acompanhado por um excerto de um poema de Mário Cesariny que tinha como tema a Luz. O Anexo P apresenta uma fotografia desse conjunto expositivo.

A atividade complementar para esta exposição consiste numa visita-jogo que explora os significados dos objetos do MASCL e do Museu da Guerra Colonial.

Figura 41 – Sugestão de objeto do Museu da Guerra Colonial para a exposição *Os Símbolos de Fé*



Fonte: Museu da Guerra Colonial

3.3.3. Programa de Atividades

O programa de atividades abrange iniciativas que foram planeadas, tanto de forma isolada – isto é, cuja organização e concretização depende da equipa dos serviços educativos do Museu – como também, em colaboração com outras unidades museológicas da RMVNF, ou ainda, com grupos sociais e artísticos da região. Neste sentido, consegue-se agrupar as iniciativas em três grupos principais:

- Iniciativas do MASCL: Inventário Participativo; Ampliação da iniciativa *Objeto em Destaque*; *É a Hora de um Conto!*; *A Minha Coleção*; Mesa-Redonda *O Sagrado no Feminino: A Representação da Mulher na Arte Sacra*.
- Iniciativas em colaboração com algumas unidades museológicas da RMVNF: roteiro *A Rota do Sagrado*; oficina *A Construção de um Ícone*; Mesa-Redonda *Lei da Separação do Estado das Igrejas: Impacto no Património Religioso*.
- Outras Iniciativas: Teatro; Concerto; Oficina de Movimento; Colaboração com Artistas; Sessões de Catequese; Aulas de Desenho/Arquitetura.

As fichas técnicas de cada uma destas atividades encontram-se no Apêndice J, cujos campos são os seguintes: Descrição, Objetivos, Público-Alvo, Local de Realização, Calendarização, Serviço Responsável e Observações. Tal como nas fichas técnicas do programa expositivo, também nas fichas do programa de atividades, o campo de Observações só surge caso seja necessário especificar outras indicações relevantes para a realização das iniciativas.

As atividades acima mencionadas apresentam: umas, um carácter mais interativo e dinâmico, enquanto outras, por sua vez, fornecem apoio numa vertente mais teórica e reflexiva. Por exemplo, enquanto iniciativas como o Inventário Participativo e a Ampliação da iniciativa *Objeto em Destaque* se centram em sessões com as subcomunidades, visando o diálogo sobre o acervo do MASCL ou outros bens de Vila Nova de Famalicão; as atividades *É a Hora de um Conto!*, *A Minha Coleção*, *A Rota do Sagrado* e *A Construção de um Ícone* apelam para uma vertente mais criativa e proativa dos participantes. Por outro lado, iniciativas como as de Teatro, Concerto, Oficina de Movimento, Colaboração com Artistas, Sessões de Catequese e Aulas de Desenho/Arquitetura permitem que o MASCL se torne num espaço multifacetado, isto é, para além de se assumir como museológico, também possa funcionar como um palco para manifestações artísticas, ou ainda, como um espaço de sala de aula. Já a iniciativa Mesa-Redonda visa impulsionar o diálogo e a reflexão sobre assuntos que conjugam a dimensão religiosa com a dimensão cultural.

Com a exceção das iniciativas Mesa-Redonda, que são eventos pontuais, todas as outras atividades ocorrem de forma regular. Enquanto o Inventário Participativo e a Ampliação da iniciativa *Objeto em Destaque* se realizam trimestralmente, as restantes atividades são ativadas nos dias comemorativos. Faz-se notar, no entanto, que no caso da Colaboração com Artistas, das Sessões de Catequese e das Aulas de Desenho/Arquitetura, estas não foram assinaladas no cronograma por dependerem de acordos colaborativos com as instituições artísticas, religiosas e pedagógicas.

Importa salientar que para o Dia da Paróquia de Santo Adrião (no primeiro domingo do mês de outubro) se sugere a realização de um roteiro pelos museus da Paróquia³⁷, incluindo também outros espaços religiosos a ela pertencentes. Ao contrário

³⁷ MASCL, Museu Cívico e Religioso de Mouquim, Museu da Confraria da Nossa Senhora do Carmo de Lemenhe, Museu de Arte Sacra de São Tiago das Antas.

das outras atividades, esta não possui uma ficha técnica, pois a sua estrutura, ação e objetivos são semelhantes ao roteiro *A Rota do Sagrado*, sendo que a única diferença é a inclusão de uma visita a mais uma unidade museológica (que não pertence à RMVNF, desde 2018) e a outros espaços religiosos.

A maioria das atividades proposta destina-se ao público infanto-juvenil e ao público sénior, sendo que algumas delas conseguem juntar estes dois públicos. Salienta-se que para estes dois públicos se deve atentar para disponibilidades e necessidades diferentes:

- O público sénior possui uma maior disponibilidade durante a semana, nomeadamente, às terça-feira, quarta-feira e quinta-feira. Deve-se ter em consideração que este tipo de público pode apresentar mobilidade física reduzida, ou motricidade fina limitada (Isabel Cunha, comunicação pessoal). Neste sentido, as atividades que exigem uma ágil mobilidade física e motricidade fina, não foram destinadas para este tipo de público.

- O público infanto-juvenil tem uma maior disponibilidade dentro do horário do contexto escolar ou durante o fim de semana (Alexandre Lemos, comunicação pessoal).

3.3.4. Estratégias Comunicativas

Para que os programas expositivo e de atividades possam vir a ser valorizados pela comunidade de Vila Nova de Famalicão, torna-se necessário que sejam divulgados da forma mais eficaz possível. A divulgação da oferta cultural do Museu pelos meios ditos tradicionais – cartaz, panfletos, etc – dificilmente será eficaz para todos os públicos-alvo, pelo que se apostará em outras estratégias comunicativas alternativas, como sejam os meios digitais, por um lado, e o contacto pessoal, por outro. Neste sentido, sugere-se:

A) Meios Digitais do Município de Vila Nova de Famalicão e da Paróquia de Santo Adrião

Os programas de atividades e expositivo do Museu devem ser divulgados através das plataformas *online* utilizadas pela RMVNF³⁸, CMVNF³⁹ e Paróquia de Santo

³⁸ Facebook da RMVNF: <https://www.facebook.com/rededemuseusdevilanovadefamalicao/>

³⁹ Agenda Municipal de Vila Nova de Famalicão: <https://www.cm-vnfamalicao.pt/agenda-municipal>
Facebook do Município de Vila Nova de Famalicão: <https://pt-pt.facebook.com/municipiodevnfamalicao>

Adrião⁴⁰. Quanto maior o nível de divulgação da oferta cultural pelos meios digitais, maior será o seu alcance.

B) Construção de *site* para o MASCL

Cada vez mais, as pessoas procuram a oferta cultural de instituições museológicas recorrendo à consulta dos seus respetivos *sites*. Torna-se, portanto, crucial que o MASCL detenha o seu próprio *site*, disponibilizando através dele toda a informação, relativa quer à sua missão e declaração de princípios, quer acerca da sua oferta cultural e contactos. Sugere-se que a criação e gestão deste *site* resulte de um trabalho colaborativo entre a RMVNF e a equipa do MASCL, sendo que esta última poderia receber algum tipo de formação básica sobre comunicação digital.

C) Reunião com Escolas, Centros de Dia, Catequese, Escuteiros

Através do contacto pessoal, a comunicação da oferta cultural do Museu é mais direta e assertiva. Além disso, estes contactos pessoais, promovem o conhecimento mútuo e a troca de opiniões entre a equipa museológica e os utentes do Museu, que podem determinar futuras atividades e colaborações. Salienta-se que o programa de atividades deve ser apresentado às escolas, e outras instituições sociais e pedagógicas pela altura do final do ano letivo (mês de junho). Ao apresentar antecipadamente a oferta cultural do Museu para o ano seguinte, permite-se ao corpo docente das escolas que insiram as iniciativas do Museu nas suas programações do próximo ano letivo (Alexandre Lemos, comunicação pessoal). No caso dos Centros de Dia, a estratégia da informação antecipada tem a mesma lógica. Contudo, torna-se necessário relembrar com alguma antecedência (no mês anterior ao da atividade), cada iniciativa a ser realizada. (Isabel Cunha, comunicação pessoal).

Propõe-se que o(s) elemento(s) da equipa museológica responsável(eis) pela comunicação do programa de atividades às instituições sociais e pedagógicas, tenha(m) o seguinte perfil:

- Domínio de *active listening skills*, ou seja, boa capacidade para ouvir, de modo atento, evidenciando recetividade e flexibilidade a comentários e opiniões;

⁴⁰Site da Paróquia de Santo Adrião de Vila Nova de Famalicão: <https://www.diocese-braga.pt/stoadriaovnf/>

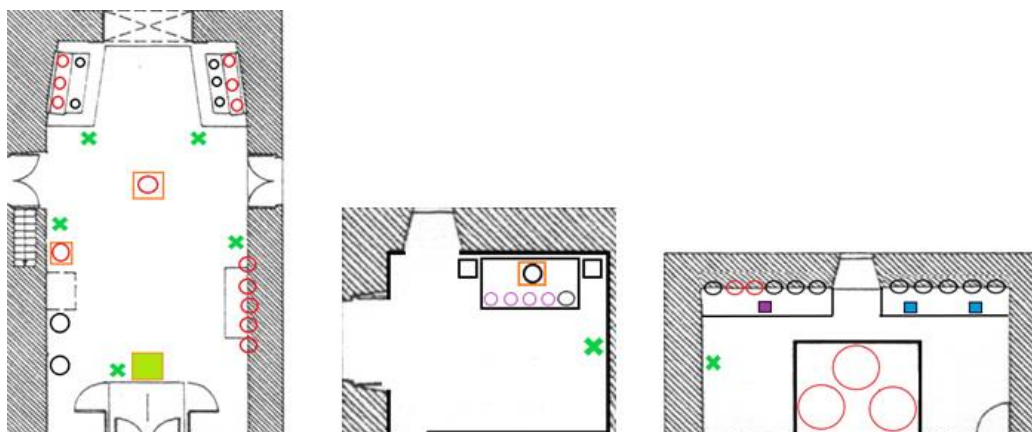
- Capacidade de comunicação objetiva e facilidade na criação de contactos empáticos para com o público;

- Capacidade de adaptar o seu discurso e postura a diferentes públicos e contextos.

3.3.5. Materiais Mediadores

Havendo a possibilidade de ocorrerem, em simultâneo, uma exposição permanente e outra temporária, pensou-se em materiais mediadores que conseguissem servir as necessidades de ambos os exercícios expositivos. Além disso, procurou-se definir meios mediadores que, não só permitissem a contextualização sociocultural e/ou religiosa dos objetos, mas também que fossem dinâmicos e, dentro do possível, apelassem à participação dos visitantes. Neste sentido, pensou-se que, para cada conjunto de objetos expostos, seria instalado um *QR Code*, o qual permitirá aceder à imagem e a informações acerca de cada objeto exposto em determinada secção, como se pode observar na Figura 42.

Figura 42 – Sugestão da localização do QR Code, assinalada com cruz verde



Fonte: Autoria própria

Caso o visitante pretenda saber mais sobre determinado objeto, clica na respetiva imagem e logo surgirá um texto com espaços em branco para serem completados com as palavras-chave fornecidas. Se colocar a palavra-chave errada, o sistema não a aceitará, sendo que o visitante terá de tentar novamente, até acertar. Depois do texto ficar completo de forma correta, o visitante acederá a uma informação mais completa sobre o objeto – dados como proveniência, materiais, técnica, descrição, mas também a

sua função e/ou significados particulares – estabelecendo-se também, ligações com outros objetos das restantes unidades museológicas da RMVNF. A Figura 43 apresenta o exemplo de um texto sobre a imagem de São Francisco Xavier a ser completado com um exercício deste tipo, sendo que a parte a negro corresponde ao texto a ser aplicado à exposição permanente, enquanto a parte a vermelho se aplica à exposição *Os Humanitários da Fé*.

Figura 43 – Exemplo de texto a ser completado



O _____ foi um dos principais fundadores da Companhia de Jesus, em 1540. Dedicou a sua vida como _____, em países do Oriente, como _____ e Índia, onde fundou algumas igrejas. Iria a falecer na _____, em 1552, tendo sido canonizado por _____, em 1622. Um dos seus milagres mais conhecidos, foi durante a sua viagem à China, ao tentar acalmar uma tempestade, atirou o seu _____ ao mar. Quando já se encontrava em terra, surge um caranguejo com o objeto numa das suas pinças e entrega-o a S. Francisco Xavier. Por isso, os seus atributos são o crucifixo, o _____, um escravo e um _____.

Escultura do século _____ que representa o santo com uma batina preta, um _____ e uma murça. Na sua mão direita segura um crucifixo, enquanto que a mão esquerda aponta para o mesmo.

S. Francisco Xavier é uma das figuras da exposição "Os Humanitários da Fé" por ter transmitido valores humanitários como, a _____, o respeito pelo o outro, a _____ e a generosidade.

Gratidão Missionário Crucifixo Roquete S. Francisco Xavier Japão Compaixão XVIII China Caranguejo Gregório X Livro

Fonte: Autoria própria

3.3.6. Perfil dos Mediadores Culturais

Cada vez mais se reconhece a importância e o impacto que os mediadores culturais podem ter no decorrer das visitas ao museu, ou noutras instituições culturais, tornando a experiência do visitante mais cativante e inesquecível. Neste sentido, sugere-se que o(s) mediador(es) do MASCL se enquadre(m) no seguinte perfil:

- Formação em Museologia ou outras áreas académicas que contribuam para desenvolver sensibilização acerca do conceito de Museu e Património;
- Capacidade de comunicação de modo expressivo (objetiva) e facilidade em criar relações de empatia com o público;
- Capacidade de trabalhar em equipa;

- Capacidade de adaptar o seu discurso e postura a diferentes públicos e contextos;
- Capacidade de mediação, de um modo lúdico e pedagógico.

Inicialmente solicitada para abranger apenas um programa expositivo e de atividades, a proposta foi ganhando outras dimensões, tornando-se assim numa proposta museológica multifacetada. Com o objetivo central de dinamizar a ação do MASCL e conseguir aproximá-lo das subcomunidades circundantes, estou convicta de que a proposta possa vir a ser útil e, espero, seja futuramente implementada.

Considerações Finais

Ao pretender romper com o museu tradicional, o movimento da Nova Museologia revolucionou as perspectivas e práticas museológicas, existentes desde o século XVIII, e impulsionou a reflexão sobre qual a natureza da instituição museológica, quais as suas funções e propósitos e quais as abordagens mais defensáveis para a sua ação. Este movimento teórico-reflexivo não define o museu apenas como instituição artístico-cultural, mas antes como multifacetada, possuindo também uma vertente pedagógica, de lazer, política e, sobretudo, uma vertente social. Embora as coleções continuem a merecer a sua atenção, o novo modelo museológico defendido pela Nova Museologia já não orienta a sua ação para elas, mas, antes, para os seus públicos, procurando adotar práticas que sirvam as suas necessidades e expectativas. Nesse sentido, por parte das equipas museológicas passa a manifestar-se a vontade e a necessidade de conhecer os seus visitantes, bem como a comunidade circundante, a qual pode ainda não ser visitante, mas pretende-se que venha a ser, para assim desenvolver abordagens participativas e inclusivas, permitindo uma relação dos públicos e comunidades com o *seu* museu. Ao dar voz aos seus visitantes e subcomunidades envolventes, ou apresentar-se como um espelho dos seus interesses e preocupações, o museu alcança um diálogo com essas entidades, contrariando a relação unilateral estabelecida no modelo museológico tradicional. Porém, acima de tudo, deve haver maior preocupação em quebrar com a mediação autoritária do museu tradicional e, cada vez mais, surge valorizada a mediação assente numa interpretação multifacetada. Ou seja, em vez de, simplesmente, se procurar transmitir saberes formais aos visitantes, não lhes dando sequer a liberdade de os questionar, verifica-se que, atualmente, os museus adotam modelos interpretativos mais desafiadores para os seus próprios funcionários: em vez de assentes apenas na transmissão de informação, procura-se promover a

reflexão crítica entre os públicos, de modo a que estes desenvolvam uma participação social ativa. Um dos meios de mediação mais utilizado pelos museus continua a ser a exposição, mas agora é-lhe reconhecida não apenas a sua capacidade comunicativa, mas também outras potencialidades, como a de poder atuar como uma estratégia capaz de contribuir para o envolvimento do museu com as respetivas comunidades circundantes.

O edifício do MASCL e os objetos que alberga são bens muito acarinhados pela comunidade, devido a uma forte ligação afetiva e espiritual que com eles foi criada, mas não enquanto elementos constituintes de uma instituição museológica. O MASCL é ainda, frequentemente, visitado por pessoas que o perspetivam como o antigo templo católico que outrora foi. É dessa forma que muitos famalicenses relembram aquele espaço, daí “fazer-lhes confusão” as imagens terem sido retiradas dos altares e sido dispostas dentro de vitrinas. Estes comportamentos e queixas das pessoas tornavam evidente que era necessário consciencializar e sensibilizar a comunidade para a mudança de estatuto do espaço, mas também, fazê-la entender que tal mudança não precisa, necessariamente, de assentar numa relação marcada pelo afastamento entre ambas as partes. Por outro lado, era também evidente que o MASCL precisava de uma renovação do seu espaço expositivo, visto que as vitrinas, pelas suas dimensões e pela sua disposição, congestionam fortemente o espaço. Foi tendo em consideração estas duas vertentes de ação que comecei a desenhar o planeamento de um programa expositivo e de um programa estratégico para envolvimento da comunidade e renovação do MASCL, verificando-se, durante o andamento do processo, a necessidade de ampliar a proposta e incluir a sugestão de outras dimensões, como as estratégias comunicativas ou os materiais mediadores associados às exposições pensadas. Os elementos orientadores que se revelaram cruciais durante o desenvolvimento do Projeto, além das premissas da Nova Museologia e da Interpretação Temática, de Sam Ham (Ham, 1992; Ham e Weiler, 2003), foram a ligação afetiva da comunidade famalicense ao edifício e objetos do MASCL e, a preocupação em planear iniciativas que concilhassem uma dimensão religiosa e uma dimensão profana, capazes de levar em consideração a vertente dos significados espirituais e litúrgicos dos bens e a sua vertente artística.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho surgiram dúvidas, desafios e obstáculos que, de uma forma imediata ou paulatina, foram superados com o auxílio da orientadora do Projeto, do Dr. José Nogueira, e dos elementos da RMVNF, nomeadamente a Dr^a Mariana Jacob e a Dr^a Eva Cordeiro. Importa, contudo, destacar as

dificuldades que mais se fizeram sentir ao longo da realização do trabalho. Uma delas centra-se na escassa informação existente sobre o acervo do MASCL e correspondente inventariação pouco rigorosa dos objetos, o que me fornecia apenas um conhecimento limitado sobre as diversas dimensões sociais, culturais ou litúrgicas dos bens. Ora, de modo a planear exposições e atividades para e com as subcomunidades daquele espaço social, era necessário deter um conhecimento sólido e coeso sobre os objetos museológicos em questão, pois estes servem como pretexto para essas iniciativas. Tentando colmatar essa lacuna de um conhecimento pouco aprofundado acerca de todos os bens do Museu, consegui recolher e reunir informações genéricas acerca da função, significado e iconografia de alguns objetos através da consulta dos materiais da iniciativa *Objeto em Destaque*. Todavia, de forma a mais eficazmente ultrapassar esta limitação, realizei ainda uma breve pesquisa acerca da função, sentido teológico e iconografia de todos os objetos do acervo do MASCL, cuja síntese apresento no Apêndice A. A intenção era compreender minimamente as suas dimensões religiosas e sociais, o que me permitiria planear iniciativas que tivessem em consideração essas mesmas dimensões. No entanto, importa frisar, mais uma vez, a necessidade urgente de iniciar um estudo aprofundado do acervo do MASCL, bem como de renovar as fichas de inventariação existentes de acordo com uma terminologia científica normalizada, questão sobre a qual o presente Projeto também fornece algum apoio.

Outro conjunto de dificuldades particulares do Projeto cruza-se com a pandemia Covid-19 e o período de confinamento a que o país esteve sujeito de março a maio de 2020. Uma das consequências mais negativas para o Projeto foi tornar impossível uma aproximação efetiva à comunidade de Vila Nova de Famalicão, com recolha de opiniões e perspetivas de forma direta e pessoal, com o objetivo de elaborar possíveis iniciativas para o MASCL, como inicialmente pensado. Esta aproximação à comunidade circundante era tida como fundamental para o planeamento de exposições e atividades, pois a vertente teórica deste trabalho defende a importância de auscultar as necessidades e expectativas das subcomunidades, de modo a projetar iniciativas capazes de responder às mesmas, assentes em abordagens participativas e inclusivas. Este obstáculo foi rodeado com o auxílio da equipa da RMVNF e do Dr. José Nogueira, realizando uma reunião, através da plataforma *online Zoom*, com indivíduos ligados a diferentes entidades e/ou potenciais públicos da comunidade famalicense. Este encontro *online* permitiu ainda evidenciar um outro aspeto: provou que, cada vez mais, a ação dos

museus exige um carácter interdisciplinar, pois a atual proposta foi enriquecida pela junção de perspetivas de diversas áreas como a social, religiosa, cultural, artística e pedagógica. Será através destas conexões interdisciplinares que os museus conseguirão atuar como agentes sociais e cumprir as suas funções, proporcionando experiências únicas aos seus visitantes.

Além disso, a pandemia e a quarentena obrigaram também a limitar as visitas efetuadas ao MASCL para a recolha ou confirmação de dados, por vezes sentidas como cruciais para o desenvolvimento do trabalho. Ainda assim, desde o aparecimento da pandemia em Portugal, realizei mais duas visitas ao Museu. Numa delas reuni com o Dr. António Gonçalves e o Dr. José Nogueira, tendo como objetivo central averiguar a possibilidade de novos suportes expositivos. A segunda visita foi para medir as vitrinas e fazer um último registo fotográfico de alguns elementos arquitetónicos e dos objetos. Devo também reconhecer que muitos dos dados utilizados sobre o MASCL foram cedidos pela equipa museológica da RMVNF, ou pelo Dr. José Nogueira. Por causa da impossibilidade de contacto pessoal, as reuniões de orientação passaram a realizar-se em formato digital, através da plataforma *online Zoom e E-mail* ou via telefónica. Apesar da comunicação ter sido coerente, eficaz e regular, ainda assim lamento não ter podido beneficiar das reuniões de orientação presenciais.

A superação de todas estas dificuldades permitiu atingir os objetivos delineados. O Projeto concretizado, apesar de todas as dificuldades inesperadas que se lhe colocaram, não detém um carácter demasiado abstrato, tendo sido possível aproximá-lo à realidade e necessidades da comunidade de Vila Nova Famalicão. Por isso, conseguiu-se construir uma proposta assente em abordagens participativas e inclusivas, em sintonia com as premissas da Nova Museologia, e construir uma programação que conseguirá promover uma aproximação e uma comunicação com os cidadãos de Famalicão e seus visitantes, num diálogo estreito entre eles e o MASCL.

Para concluir, não tenho dúvidas de que a realização deste Projeto será um marco fundamental no meu percurso pessoal, académico e profissional. Além de ter exigido um apuramento da minha capacidade de organização e disciplina, enriqueceu de forma relevante os meus conhecimentos e permitiu-me desenvolver capacidades profissionais essenciais, como sejam a capacidade relacional com todos os envolvidos, a comunicação oral e escrita e a persistência na prossecução de objetivos.

Referências

Afonso, André das Neves. (2013). Os museus eclesiásticos e a sua função pastoral. Obsáculos e necessidades no Patriarcado de Lisboa. In Revista Vox Musei arte e património. 1 (1). p. 86-100. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9112/2/ULFBA_PER_Andr%C3%A9%20das%20Neves%20Afonso.pdf

Ames, M. (1994). Cannibal Tours, Glass Boxes and The Politics of Interpretation. In S. M. Pearce (Ed.), *Interpreting Objects and Collections*. London: Routledge Taylor&Francis Group.

Ana-Maria, B. & Ion, S. (2015). Monitoring of Pollutants in Museum Environment. *Present Environment and Sustainable Development*, 9(2). Disponível em: http://pesd.ro/articole/nr.9/nr.2/10432%20-Volume9_issue_2%2014_paper.pdf

Anico, Marta & Peralta, Elsa. (2006). Introdução. *Património e Identidades*. Oeiras: Celta Editora

Anico, Marta. (2008). Significados e Práticas Museológicas. Reimaginação e procura de novos sentidos. *Arquivos da Memória: Outro País – novos olhares, terrenos clássicos*. p.26-46. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia. Disponível em: http://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/03_Marta_Anico.pdf

Beck, L., & Cable, T. (1998). *Interpretation for the 21th Century: fifteen guiding principles for interpreting nature and culture*. Champaign: Sagamore Publishing

Belcher, Michael. (1991). *Exhibitions in Museums*. Leicester: Leicester University Press.

Bennett, Tony. (1995). *The Bird of The Museum: History, Theory, Politics*. London: Routledge Taylor&Francis Group

Braz, Ivo. (2016). O que exatamente torna os museus de hoje tão diferentes, tão atraentes?’. *Revista Midas*, 6, p. 1-11. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/952>

Brulon, Bruno. (2013). Da artificação do sagrado nos museus: entre o teatro e a sacralidade. *Anais do Museu Paulista*, 21 (2), p.155-175. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/anaismp/issue/view/6222>

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2012a). *Declaração de Princípios*. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Vila Nova de Famalicão.

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2012b). *Protocolo para a Gestão Partilhada do Museu de Arte Sacra (Capela da Lapa) de Vila Nova de Famalicão*. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Vila Nova de Famalicão.

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2019). Plano de Atividades Educativas: Ano Letivo 2019/2020. Disponível em: http://www.famalicaoeducativo.pt/_apresentacao_servicos_educativos

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2020a). *Relatório Anual de Atividades: Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa, 2019*. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Vila Nova de Famalicão.

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2020b). *Normas de Funcionamento Programa de “Voluntariado nos Museus”*. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2.DES/AppData/Local/Temp/dg_23-03_nfpvmuseus.pdf

Carvalho, Ana. (2015). *Diversidade Cultural e Museus no século XXI: o emergir de novos paradigmas*. Tese de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora.

Caple, C. (2011). Introduction to Part Two, Section 1 - Agents of Deterioration: Physical Forces (handling and moving) & Security. In *Preventive Conservation in Museums*. London: Routledge.

Clifford, James. (1997). *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press

Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja. (2001). *A função pastoral dos museus eclesiais*. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/pcchc/documents/rc_com_pcchc_20010815_funzione-musei_po.html

Costa, P. (1997). Museu de Arte Sacra Nossa Senhora da Lapa, A Escola da Fé. *Cidade Hoje*, 11.

Costa, Artur Sá da. (2011a). Museus de Famalicão - Justificar-se-á a criação de uma rede?. *Boletim Cultural Vila Nova de Famalicão, III*, p.299 – 321. Disponível em <https://www.cm-vnfamalicao.pt/boletim-cultural>

Costa, António Manuel Ribeiro Pereira da. (2011b). *Museologia da Arte Sacra em Portugal (1820-2010) Espaços, momentos, museografia*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra

Costa, Artur Sá da & Vieira, António Martins. (2020). *Entrevista ao Dr. Artur Sá da Costa e Dr. António Martins Vieira/Entrevistadora: Isabel Silva*. RMVNF, Vila Nova de Famalicão.

Crooke, Elizabeth. (2006). *Museums and Community. A Companion to Museum Studies*, editado por Sharon MacDonald, Oxford: Blackwell Publishing.

Crooke, Elizabeth. (2007). *Museums and Community: ideas, issues and challenges*. New York: Routledge Taylor&Francis Group.

Davis, Peter. (2007). Place Exploration: museums, identity, community. *Museums and Their Communities*, editado por Sheila Watson, New York: Routledge Taylor&Francis Group.

Direção-Geral do Património Cultural. (s/d). *Normas de Inventário*. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-movel/normas-de-inventario/>

Duarte, A. (2013). Nova Museologia: os Pontapés de Saídas de uma Abordagem ainda Inovadora. *Revista Museologia e Património*, 6 (1), p.99-117. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>

Ferguson, Bruce. (2005). Exhibitions Rhetorics: Material Speech and Utter Sense. In Reesa Greenberg, Bruce Ferguson, Sandy Nairne (Ed.), *Thinking About Exhibitions*. London: Routledge Taylor&Francis Group.

Fernandes, Monsenhor Joaquim. (2020). *Entrevista ao Monsenhor Joaquim Fernandes/Entrevistadora: Isabel Silva*. RMVNF, Vila Nova de Famalicão.

FREITAS, Elisa (2016). Objetos [com]textos?. Ensaaios e Práticas em Museologia. Porto: Universidade do Porto. vol. 5, p. 40-55. Disponível em: https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/NGA4LPIDS331QQ8APS_SJVJLECUNMDE.pdf

Freitas, Andreia Roseiro Rodrigues Pereira de. (2017). *QR Code – Tendência de Evolução Comercial no Ponto-de-Venda Físico de Retalho*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Europeia.

Fyfe, Gordon. (2006). *Sociology and the Social Aspects of Museums. A Companion to Museum Studies*, editado por Sharon MacDonald, Oxford: Blackwell Publishing

Galla, A. (2008). The First Voice in Heritage Conservation *International Journal of Intangible Heritage*, 3, p.10-25. Disponível em: <https://www.ijih.org/volumes/article/31>

Golding, Viv. (2013). Collaborative Museums: Curators, Communities, Collections. *Museums and Communities: Curators, Collections and Collaboration*, editado por Viv Golding e Wayne Modest, New York: Bloomsbury Academic

Guedes, Natália Correia. (2004). Introdução. *Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico*, editado por Sandra Vasco Rocca, Natália Correia Guedes. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view>

Ham, Sam. (1992). *Environmental Interpretation – a practical guide for people with big ideas and small budgets*. Colorado: North America Press.

Ham, Sam H. & Weiler, Betty. (2003). Interpretation is Persuasive When Themes are Compelling. *Interpret Scotland* (8) Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/239766598_Interpretation_is_Persuasive_When_Themes_are_Compelling

Hees, Luciana Justiniani. (2018). *Interpretar a Paisagem: Proposta de um Centro Interpretativo para a Sede de Petrópolis do Parque Nacional da Seera dos Órgãos*. Tese de Mestrado. Porto: Universidade do Porto

Hooper-Greenhill, Eilean. (2000). *Museums and the Interpretation of Visual Culture*. London: Routledge Taylor&Francis Group.

Hooper-Greenhill, E. (2003). *Museums and the Shaping of Knowledge*. New York: Routledge Taylor&Francis Group.

Hooper-Greenhill, E. (2007). *Museums and Education: purpose, pedagogy, performance*. New York: Routledge Taylor&Francis Group.

Hutchison, Mary. (2013). “Shared Community”: Collaboration, Curatorial Voice, and Exhibition Design in Canberra Australia. *Museums and Communities: Curators, Collections and Collaboration*, editado por Viv Golding e Wayne Modest, New York: Bloomsbury Academic

ICOM. (1972). Mesa-Redonda de Santiago do Chile. In *Cadernos de Sociomuseologia* 15 (15): p.111-121, editado por Judite Primo. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Disponível em: <http://www.minom-portugal.org/docs-santiago1972.pdf>

ICOM. (1984). Declaração de Quebec. In *Cadernos de Sociomuseologia* 15 (15): p.223-225, editado por Judite Primo. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Disponível em: <http://www.minom-portugal.org/docs-quebec1974.pdf>

ICOM. (2017). *Code of Ethics for Museums*. Paris: ICOM

ICOMOS. (2004). Carta Ename para a Interpretação de Sítios Patrimoniais Culturais. Québec: ICOMOS.

Jones, Kenneth C., & Gaudin, Anthony J. (1983). *Introdução à Biologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kirshenblatt-Gimblett, B. (1991). Objects of Ethnography. In *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museum display*. London: Smithsonian Institution Press.

Kreps, Christina. (2009). Foreword. *Museums as Places for Intercultural Dialogue: Selected Practices from Europe*, editado por Simona Bodo, Kirsten Gibbs, e Margherita Sani, 4-5. Dublin: MAP for ID Group.

Leite, G. C.. (1939) *A Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa erecta na cidade do Porto*; Porto: Emp. Industrial Gráfica do Porto

Lidchi, H. (1997). The Poetics and the Politics of Exhibiting Other Cultures. In T. O. University (Ed.), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* London: SAGE.

Lord, Barry. (2002). Planning and Managing Temporary Exhibitions. *The Manual of Museum Exhibitions*, editado por Barry Lord e Gail Dexter Lord. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

Lourenço, Andreia. (2014). Reflexões sobre diversidade de representações, de públicos e de estratégias interpretativas. *Revista Midas*, 4, p.1-13. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/664>

MacDonald, G. & Alsford, S. (1989). *A Museum for the Global Village: the Canadian Museum of Civilization*. Hull: Canadian Museum of Civilization.

MacDonald, Sharon. (2006). Expanding Museum Studies: An Introduction. *A Companion to Museum Studies*, editado por Sharon MacDonald, Oxford: Blackwell Publishing

MacDonald, Sharon & Basú, Paul. (2007). Introduction: Experiments in Exhibition, Ethnography, Art and Science. *Experiments in Exhibition*. Oxford: Blackwell Publishing.

MacLeod, Suzanne & Hanks, Laura Hourston & Hale, Jonathan. (2012). Introducing: Museum Making – The Place of Narrative. *Museum Making: Narratives, Architectures, Exhibitions*, editado por Suzanne MacLeod, Laura Hourston Hanks, Jonathan Hale. Nova York: Routledge Taylor&Francis Group.

May, Margaret. (2002). Exhibition Ideas: Integrating the Voices of Communities and Audiences. *The Manual of Museum Exhibitions*, editado por Barry Lord e Gail Dexter Lord. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

Museums Galleries Scotland. (2009). Monitoring Temperature and Humidity in Museums. In M. G. Scotland (Ed.). Scotland: Museums Galleries Scotland.

Moutinho, Mário. (1993). Sobre o Conceito de Museologia Social. *Cadernos de Sociomuseologia*, 1 (1): p.5-6. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>

Nascimento, Virgínia Glória & Alves, Alice. (2016). *O património integrado em monumentos em funcionamento*. Paper apresentado no Congresso Ibro-Americano, Património: suas matérias e imatérias. Lisboa. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/310806333_O_patrimonio_integrado_em_monumentos_em_funcionamento

Nicks, Trudy. (2005). Introduction. *Museums and Source Communities*, editado por Laura Peers, Alison K. Brown. Londres: Routledge Taylor&Francis Group.

Pinho, Elsa Garrett & Freitas, Inês da Cunha. (2000). *Normas Gerais: Artes Plásticas e Artes Decorativas*. Lisboa: Instituto Português de Museus. Disponível em: http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/Download/Normas/AP_AD_NormasGerais.pdf

Pomian, K. (1984). Coleção. In *Enciclopédia: 1. Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Queimado, Paulo & Gomes, Nivalda. (s/d). *Conservação e Restauro de Arte Sacra, Escultura e Talha em Suporte de Madeira – Manual Técnico*. Disponível em: https://elearning.iefp.pt/pluginfile.php/49978/mod_resource/content/0/manual_formadores_FINAL.pdf

Rede Museus de Vila Nova Famalicão. (2019). Ser Museu: Da Necessidade ao Desafio de Definir a Missão. *Ser e Fazer Museu no Século XXI*. Nº:1. Disponível em: https://issuu.com/municipiodefamalicao/docs/redemuseu_livro

Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). *Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view>

Roque, Maria Isabel. (2011). A exposição do sagrado no museu. *Comunicação e Cultura: Sagrado e Modernidade* (11): 129-146. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/08.-Maria-Isabel-Roque.pdf>.

Sandell, Richard. (1998). Museums as Agents of Social Inclusion. *Museum Management and Curatorship* 17 (4): 401–418. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09647779800401704>

Sandell, Richard. (2007). Museums and the Combating of Social Inequality: roles, responsibilities, resistance. *Museums and Their Communities*, editado por Sheila Watson. New York: Routledge Taylor&Francis Group.

Scheiner, Tereza Cristina. (2010). *Património, Museologia e Sociedades em Transformação: Reflexões sobre Museu Inclusivo*. Paper presented at the Conferência Magistral. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10283.pdf>

Shelton, Anthony. (2013). Critical Museology, A Manifesto. *Museum Worlds Advances in Research* 1 (1): p.7-23. Disponível em: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/museum-worlds/1/1/air-mw010102.xml>

Sousa, Conceição Borges de & Carvalho, Gabriela & Amaral, Joana & Tissot, Matthias. (2007). *Plano de Conservação Preventiva: Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Lisboa: Instituto dos Museus e Conservação.

Tilden, F. (1977). *Interpreting our Heritage* (3rd ed.). Chapel Hill: University of North Caroline Press.

Torrico, Juan Agudo. (2006). Património e Discursos Identitários. *Património e Identidades*. Oeiras: Celta Editora

Valdés Sagüés, María del Carmen. (1999). *La Difusión Cultural en el Museo: Servicios destinados al gran público*. Gijón: Ediciones Trea.

Vergo, Peter. (1989). *The New Museology*. London: Reaktion Books.

Vieira, António Martins. (2009) História da Capela da Lapa e o Museu. In *Boletim Cultural Vila Nova de Famalicão*, III Série (5), p. 49-59. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/boletimcultural_5.pdf

Weil, Stephen. (2007). The Museum and The Public. *Museums and Their Communities*, editado por Sheila Watson, New York: Routledge Taylor&Francis Group.

Wild, Bianca. (2017). Os Ecomuseus e Museus Comunitários e os Desafios da Acessibilidade e da Inclusão. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 6 (12): 180-191. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16357>

Anexos

Anexo A – Certificado de Participação no IV Encontro da RMVNF, dia 25 de novembro de 2019



Fonte: Rede Museus de Vila Nova de Famalicão

Anexo B – Certificado de Participação no IV Encontro da RMVNF, dia 26 de novembro de 2019



Fonte: Rede Museus de Vila Nova de Famalicão

Anexo C – Fotografia da Fundação Cupertino de Miranda



Fonte: Município de Vila Nova de Famalicão

Anexo D – Fotografia da Casa de Camilo Castelo Branco – Museu.Centro de Estudos



Fonte: Thalita Sbragio

Anexo E – Fotografia do Museu da Guerra Colonial



Fonte: Thalita Sbragio

Anexo F – Fotografia do Museu da Confraria da Nossa Senhora do Carmo de Lemenhe



Fonte: Município de Vila Nova de Famalicão

Anexo G – Fotografia do Museu de Arte Sacra da Igreja de São Tiago de Antas



Fonte: Município de Vila Nova de Famalicão

Anexo H - E-mail do Professor Doutor Francisco Ribeiro da Silva, Mesário da Cultura da Venerável Irmandade da Nossa Senhora da Lapa

Re: FW: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva. Museu de Arte Sacra da Antiga Capela da Lapa, Vila Nova de Famalicão ➤ Caixa de entrada x



Francisco Ribeiro da Silva <fribeirodasilva@gmail.com>
para mim, Manuela ▼

quinta, 7/05, 11:33 ☆ ↩ ⋮

Drª Isabel Silva

Os meus cumprimentos.

Sobre a questão que me coloca, é verdade que o Padre Ângelo Sequeira, missionário apostólico natural de S. Paulo, Brasil, fundador da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, da cidade do Porto, pregou em diversos locais do Norte de Portugal e até da Galiza, e seguramente pregou em V.N. de Famalicão. O Arquivo da Irmandade da Lapa, que actualmente não está acessível ao público, guarda alguns livros onde se referem as terras por onde passou o padre, incluindo nelas Vila Nova de Famalicão. Porquê os livros? Porque o Padre Ângelo, no decorrer da pregação, pedia contributos para a edificação da Igreja da Lapa, inscrevendo como irmãos da mesma Irmandade os que assim contribuíam.

Sabemos também que o Padre Ângelo levava consigo pequenas imagens de Nossa Senhora da Lapa, porque o Pároco de Esposende, nas Memórias Paroquiais de 1758, escreve o seguinte: «A Igreja tem sete altares...outro de Nossa Senhora da Lapa com sua capela, cuja imagem ahi colocou o reverendo Ângelo de Sequeira, Micionario Apostolico pregando mição nesta villa».

Creio ter respondido ao que me pergunta. Votos de bom trabalho.

Cordialmente

Francisco Ribeiro da Silva

Fonte: Autoria própria

Anexo I – Fotografia da Representação da Cena do Calvário



Fonte: JMFilgueiras

Inaugurado o Museu de Arte Sacra na Capela da Lapa

O Cônego Monsenhor Joaquim Fernandes tem levado a sua vida a sonhar com obras de Igreja, sociais, culturais e artísticas e bem assim de enriquecimento e valorização da nossa e sua terra a todos os níveis.

Pois na passada sexta-feira foi, para aquele cidadão e bem assim para todos os famalicenses que têm amor à sua terra e às obras que a valorizam, mais um dia de plena satisfação, de alegria, com a inauguração, no decorrer de uma cerimónia simples mas de elevado significado, do Museu de Arte Sacra do Arciprestado de Famalicão que, conforme já referimos, só foi possível com a união de muitas boas vontades que foram desde o sonhador da obra, da Câmara Municipal na pessoa do seu presidente, dos elementos da Comissão Instaladora, da Fundação Cupertino de Miranda e de cerca de quarenta industriais da nossa terra que colaboraram financeiramente.

Presidiu à inauguração o Arcebispo Primaz de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, com a presença do Presidente da Câmara, do Presidente da Assembleia Municipal, do Monsenhor José Fernandes da Silva, do sr. José João Peixoto, da Fundação Cupertino de Miranda, de industriais do concelho que colaboraram, etc., etc.

O Cônego Monsenhor Joaquim Fernandes, contente pela conclusão de mais um projecto que sonhou, saudou o prelado bracarense e realçou a sua disponibilidade para vir sempre que solicitado a Famalicão associar-se a momentos de relevo, aludindo a que veio mais vezes a Famalicão que os seus antecessores no cargo, referiu duas facetas sempre demonstradas por D. Eurico Nogueira, ou seja, o seu amor e dedicação à sua família e à sua terra, realçou o trabalho e empenhamento desenvolvido por diversas pessoas para que fosse possível agora a sua inauguração.

O historiador famalicense dr. António Martins Vieira historiou todo o passado da Capela da Lapa, os pormenores da sua restauração e adaptação a Museu de Arte Sacra, as pessoas que trabalharam com dedicação, a intervenção de pessoas conhecedoras da matéria para que aquele Museu ficasse uma autêntica obra de arte e bem assim a necessidade dos estudantes irem ali recolher elementos culturais, artísticos e a boa doutrina, especificando os pormenores riquíssimos quer do templo em si, quer das obras de arte que fica a albergar e que deverá ser orgulho de todos os famalicenses pelo seu valor artístico, cultural e histórico.

O Presidente da Câmara começou por referir a dedicação e as qualidades do Monsenhor Joaquim Fernandes, a quem se fica a dever aquela obra e a terminar a referência àquela «pessoa de belos ideais, uma árvore serena mas carregada ainda de muita coisa para dar aos famalicenses», disse: «Estou convencido que ainda nos vai dar muitas alegrias e felicidades». Elogiou de seguida a recepção dos industriais, que considerou generosos e extraordinários, disse, em referência ao templo em apreço que as paróquias do Arciprestado vão corresponder àquela iniciativa e à obra. A terminar, o Dr. Agostinho Fernandes disse: «Esta é uma obra que está como testemunho da Fé, obra que fica para a posteridade porque a vida passa de pressa».

Encerrou a breve e simples, mas significativa cerimónia o Arcebispo Primaz de Braga que começou por agradecer as referências e aludir à sua família e sua terra para dizer: «Venho aqui sempre com muito gosto para presenciar estas iniciativas que dão corpo e personalidade a uma cidade e esta obra é bem o apreço pela Cultura. Este Museu é uma alavanca ao serviço da Cultura e a suscitar a atenção da Juventude». Referindo-se à inutilização duma capela, disse: «Se não faz falta como capela, se não é necessária para o culto, ficará ao serviço da Cultura e da Igreja, constituindo também um bom serviço prestado à cidade».

«Seria bom que o Arciprestado colaborasse, para que tantas coisas úteis e de história fossem salvaguardadas e veneradas, pois também a Igreja está interessada em manter tudo que constitui o património artístico e cultural», disse o Prelado bracarense, que terminou dizendo: «Dou-lhes as minhas felicitações e congratulo-me com esta obra extraordinária. Parabéns e continuam a engrandecer esta terra, não só materialmente mas também culturalmente».

F. C.



O Arcebispo Primaz de Braga, com o Arcipreste e o Presidente da Câmara Municipal, na inauguração do Museu da Lapa

Fonte: Autoria própria

Amanhã será inaugurado o Museu de Arte Sacra Nossa Senhora da Lapa. Uma obra idealizada por Monsenhor Joaquim Fernandes desde que a Capela da Lapa deixou de interessar como centro de culto, ficando desta forma preenchido um espaço que faltava na cidade. «É a fé concretizada dos nossos antepassados, uma escola de fé para a juventude e uma ponte que liga o passado ao presente» consideram os responsáveis pelo projecto.

Paulo Costa

Museu de Arte Sacra Nossa Senhora da Lapa

A ESCOLA DA FÉ



Membros da Comissão Instaladora do Museu de Arte Sacra

O Museu de Arte Sacra de Vila Nova de Famalicão abre, a partir de amanhã, ao público. Uma estrutura idealizada por Monsenhor Joaquim Fernandes e que foi agora concretizada. Um museu cujo recheio é constituído por objectos ligados ao culto religioso e consta de imagens, paramentaria, coroas em ouro e prata, castiçais, documento pontifício, tela, cruzes, processionais, retábulos, pinturas em suportes de madeira e granito, entre outros.

Na passada quinta-feira a Comissão Instaladora, representada por Monsenhor Joaquim Fernandes, António Vieira, Monsenhor José Fernandes da Silva e Agostinho Fernandes, apresentou à comunicação social o Museu de Arte Sacra Nossa Senhora da Lapa.

O Museu começou por se desenvolver desde o início da construção da Igreja Matriz. Monsenhor Joaquim Fernandes, ainda pároco de Famalicão, reuniu à sua volta uma Comissão Instaladora, que numa primeira fase angariou fundos, reunindo cerca de 40 mil contos. «Par disso foi-se pensando no restauro do edifício. A obra foi dirigida pelo eng. Jorge Mesquita. «Na arte arquitectural interveio a firma Iari, de Guimarães; Martinho Lobo Ferreira, responsável pela reinte-

gração, consolidação e desinfectação do forro com pinturas; para o restauro das imagens, três estagiários da Escola Superior de Restauro e Conservação de Pontevedra, Espanha; dr. Isabel Dias Costa, responsável pelas pinturas em suporte de Madeira e retábulos; Luís Pinto da Silva, técnico do Gabinete de Arqueologia, para as pinturas em suporte de granito e, finalmente, o eng. electrotécnico, Ferreira da Costa, na instalação da electricidade e seus derivados» informou o historiador dr. António Vieira.

O responsável pela paróquia de Famalicão, Monsenhor José Fernandes da Silva, "proprietário" do museu, considerou a Capela da Lapa um «monumento histórico de muito valor» e sublinhou o trabalho do "pai" desta obra realizada com «uma grande sabedoria». A Capela da Lapa, assim designada desde o século XVIII, era o local de culto da paróquia até à construção da Igreja Matriz e foi sendo «enriquecida de valores arquitectónicos importantes para a cultura desta cidade». Aliás,

segundo o pároco de Famalicão, a «maioria da riqueza artística do país está ligada à Igreja».

Desde que a Capela da Lapa deixou de interessar como centro de culto e dado a necessidade de congregar os elementos de valor artístico «pensou-se, e bem, transformá-la num Museu de Arte Sacra».

A obra é da Igreja

Para Monsenhor Joaquim Fernandes «um homem que não tem a dimensão da fé é um homem troncado». Idealizou esta obra e de pressa conseguiu aliados. O objectivo era restaurar um espaço valioso que estava em deterioração, restituindo a sua forma primitiva e dando-lhe a importância que teve noutros tempos.

«A obra é da Igreja e está praticamente paga» assegura Monsenhor Joaquim Fernandes, realçando a importância do apoio da Câmara Municipal (10 mil cts), da Fundação Cupertino de Miranda (3 mil cts) e das empresas privadas

(27 mil cts), que desde logo «mostraram-se disponíveis a colaborar».

Com a abertura deste museu fica preenchido um espaço que faltava nesta cidade. «Os nossos antepassados têm um passado digno de louvor na história de Famalicão. Tudo o que há de sagrado na Capela da Lapa é como que a fé concretizada dos nossos antepassados».

O Museu de Arte Sacra que amanhã é inaugurado representa a «escola de fé, num edifício nobre, digno de ser ver. Era preciso vir ao de cima para que a nossa juventude pudesse ter ali uma escola onde se pudesse explicar e mostrar a fé dos nossos antepassados».

Visivelmente satisfeito pela obra que idealizou e concretizou, Monsenhor Joaquim Fernandes dá por terminada a «minha actividade em Famalicão», sem nunca, no entanto, «deixar de me interessar pela minha terra».

A ideia teve um «objectivo fundamental: o restauro da Capela» adiantou o historiador António Vieira, que considera esta obra uma

«memória viva» ou a «ponte que liga o passado ao presente. Que seja um complemento das escolas e que entre no currículo dos alunos, numa perspectiva inter-disciplinar». António Vieira pretende estender este museu ao arciprestado de Famalicão e espera recolher ainda muitas peças de valor, apelando à compreensão dos responsáveis pelas paróquias. «Acreditamos que ainda há muitas peças valiosas espalhadas pelo concelho, que gostaríamos de as ver aqui reunidas».

Para o presidente da autarquia, Agostinho Fernandes, esta operação permitiu que todas as peças - cerca de 60 - fossem recuperadas, «mercê de uma equipa superior em termos de qualidade técnica». A autarquia «não fez mais do que lhe competia: dar o arranque para que estas coisas aconteçam». O autarca reconhece que «estamos perante uma obra não acabada, mas que agora começa», na esperança de alargar os seus espaços, dado que há ainda muito de valor para recolher.

IMOBILIÁRIA JÚLIO & CARLOS

Sociedade de Mediação Imobiliária, Lda.



AVº 25 de Abril,
Ed. Coperal Sol
Loja nº 13
4760 VN Famalicão
Tel: 319 261

VENDE-SE Apartamentos Prontos

FAMALICÃO: T1+1 - 8.000 c

T1, c/garagem - 9.500 c.

T2, c/gar. - 15.500 c

T3, c/gar. - 17.500 c./Ed. Dallas

T3, c/gar. p/2 carros - 18.000 c.

T2, c/garagem - 13.500 c.

VERMOIM: T2 - 8.500 c.

GAVIÃO: T1 - 8.500 c.

BRAGA: T3, c/aparcamento - 13.000 c.

APARTAMENTOS DE LUXO, NO

CENTRO DA CIDADE - BOM PREÇO

Em Construção

T2 - 11.000 c. — cidade

T2 + 1 - 13.100 c. — cidade

T2 - 106 m2 - c/aparcamento 13.000 c.

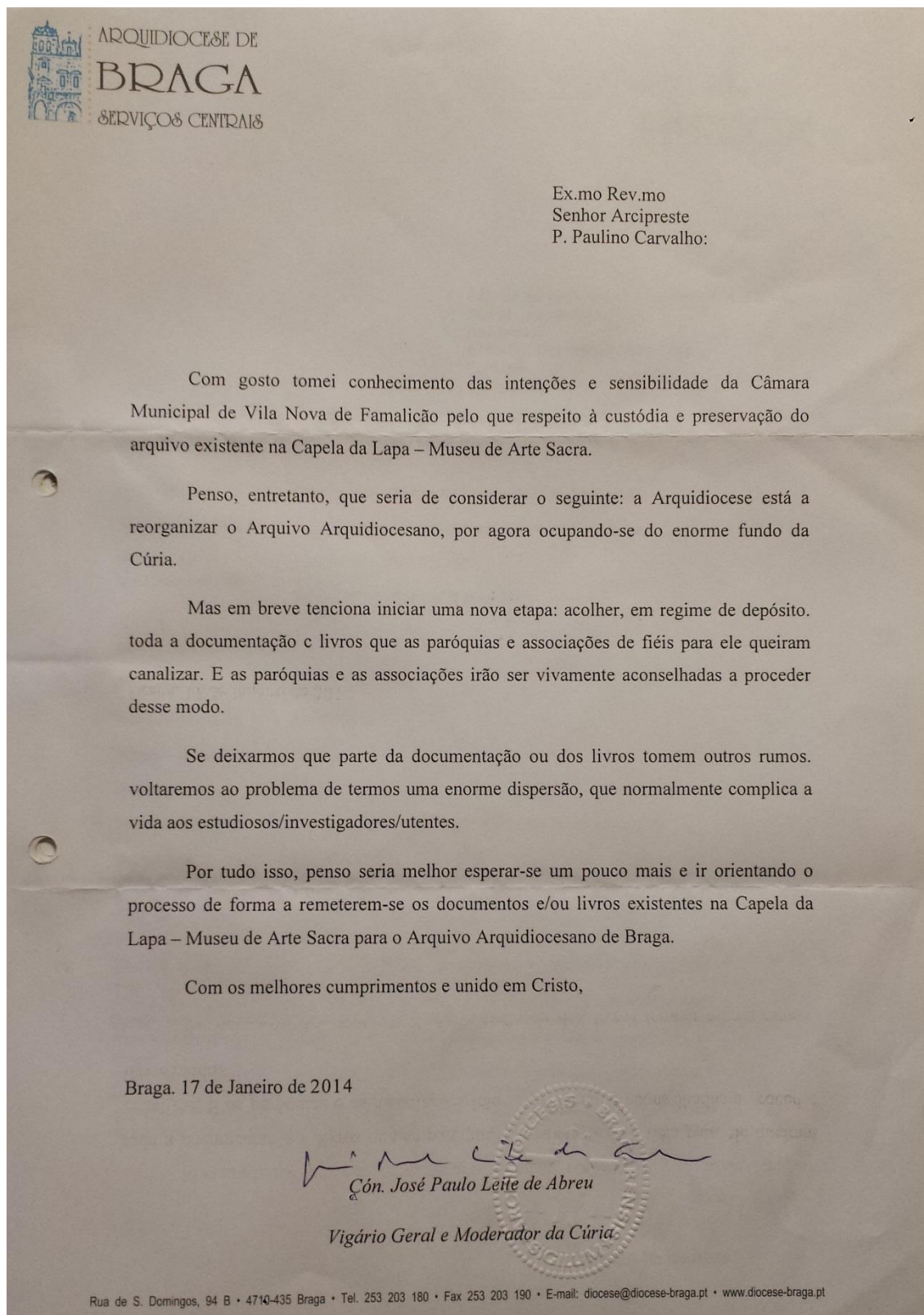
T3 - 124 m2 - c/aparcamento 15.750 c.

T3 - 140 m2 - c/aparcamento 16.000 c.

VENDE-SE SALÃO TOTALMENTE MOBILAR
C/LICENÇA DE CAFÉ SNACK-BAR
RESTAURANTE - GAVIÃO

Fonte: Autoria própria

Anexo L – Carta da Arquidiocese de Braga, Serviços Centrais, 17 de janeiro de 2014



Fonte: Autoria própria

Anexo M – Declaração de Princípios do MASCL

Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa

Visão

Ser lugar de evangelização e de redescoberta daquilo que, cultural e espiritualmente, pertence à comunidade, para o bem da casa comum, que é o mundo.

Missão

Criar espaços de encontro e reflexão que promovam a consciência antropológica do mundo e do sentido da vida, através das dimensões espirituais da Arte Sacra.

Cinco objetivos

1. Facilitar o acesso regular do público;
2. Desenvolver o estudo, a inventariação e a documentação da coleção do museu;
3. Criar condições de conservação preventiva, de restauro e de segurança;
4. Dar a conhecer a coleção do museu e desenvolver, de forma sistemática, programas de mediação e atividades educativas que tragam um novo olhar sobre este legado;
5. Procurar conhecer melhor o nosso público, para o fidelizar, aumentar e diversificar.

Cinco ações

1. Estimular o voluntariado no museu estabelecendo acordos com outras instituições, públicas e privadas;
2. Criar protocolos com instituições, tendo em vista complementar o inventário e estudar e documentar a coleção;
3. Definir uma política de gestão de coleções que garanta a conservação e que esteja de acordo com as normas e diretrizes da Direção Geral do Património Cultural;
4. Difundir conteúdos sobre o museu nas plataformas da arquidiocese, do arceprelado, das comunidades paroquiais, dos estabelecimentos de ensino e do posto de turismo;
5. Criar protocolos com universidades para o estudo dos públicos e desenvolver métodos de avaliação da satisfação.

Palavras inspiradoras

Escuta – Evangelho – Espiritualidade – Fé – Humanidade



Fonte: https://issuu.com/municipiodefamalicao/docs/redemuseu_livro

Anexo N – Folha de Sala do MASCL

MUSEU DE ARTE SACRA
CAPELA DA LAPA



SÉCULO XVI

A girês da Capela do Lopo não ser encontrada, nos documentos, datada de 26 de junho de 1677, que mencionava a existência de uma Ermião de São Sebastião em Santa Maria da Talera de Vila Nova de Foz Côa.

SÉCULO XVIII

Reconstrução da Capela,
Ateneia do orago de São Sebastião pela a Nossa Senhora
do Lapa

SÉCULO XIX (1878)

Inauguração de Hospital da Misericórdia.
A Capela é cedida à Santa Casa da Misericórdia de Vila Rica ou Favela, para ser usada em benefício a favor o seu genitor. Este Hospital presta socorro até à entrada em funcionamento do Hospital de São João de Deus (atual Capela Hospital de Métra And, em 1946). Posteriormente transferido para suas instalações e Centro Nacional de Vila Rica de Favela, em 1946, a Igreja, após o seu uso, foi doada para a Universidade de São Paulo.

1890

Inauguração da Terra Sineira.
Foram ainda executadas obras de ampliação da rede e da fachada principal da Capela, com o objetivo de se obter um quadrilátero com a fachada da Hospital da Misericórdia, permitindo o alinhamento dos vários edifícios.

SÉCULO XX (1964)

Inauguração do novo Hospital.
A Capela volta à jurisdição da Paróquia e retoma as funções de serviço religioso e Capela Menoriana.

1993

Com a inauguração do Centro Pastoral, Português e da Matriz Nova com Capela Mortuária, regista-se, por consequência da falta de utilização, um processo de degradação do estado de conservação da Capela da Lapa.

1995-1997

1995-1997

Criação de uma comissão instaladora para implementação de um museu na Capela da Lapa.

Obras de recuperação da Capela e restauro das obras de talha, pintura e imagiária. No interior foram montadas as áreas de culto originais tais como a nave com coro-alto e pórtico, a capela-mor e o presbitério, as retábulos do

21 DE NOVEMBRO DE 1997

23 DE NOVEMBRO DE 1997
Inauguração do Museu de Arte Sacra da Capela de Lapa e do Arquivo Histórico da Paróquia de Santa Adria de Villa Nova de Fozzalião. Este Arquivo é constituído por documentação diversa sobre a Paróquia de Santa Maria Madalena e Santa Adria, entre os séculos XVI e XX, contribuindo para o conhecimento da história da paróquia, da freguesia e do concelho.

SÉCULO XXI (8 DE MAIO DE 2012)

SECOLO XXI (18 DE MAIO DE 2012)
Protocolo de gestão partilhada do Museu entre a Fábrica da Igreja da Paróquia de Santo André e o Município de Vila Nova de Fátima

26 DE NOVIEMBRE DE 2012

O Museu integra a Rede de Museus de Vila Rica de Fênix



SANTO AMARO

Escultura de veta,
madeira polirromada;
série 3031
48,5 x 17 x 12 cm
Proveniente da Capela da Lagoa
Imperial nº 15.

"Irmão Amaro, vai depressa procurar Plácido, que está prestes a afogar-se."

São Bento, século VI

[illegible]

O **objeto em destaque** trata-se de uma escultura do corpo inteiro, de Santa Aneta, em madeira poliacetada. Encontra-se habido horizontal, negro com alics descolados, membros largos e abertos sobre a cabeça. A cabeça está parcialmente esculpida descolada de um tronco. No peito a tórax, aos pés a tórax e na mão esquerda o clero do busto. Na base ornamentada da escultura há uma "do Aneta".

01/06/2019

[illegible]

www.bcaulic.com

Wladimir Iliich Tchernov de São Paulo, 1913-1992 - nasceu em 23.12.1913 em um "transilvano sem fronteira", primeiro Príncipe de Sória, Duque de Bessarabie e de Wá Nissa, do Parlamento (1953-1970), presidente da Câmara Municipal de Vila Nova Petrópolis (1970-1971) e primeiro governador da construção e municipal de Movimento. Em 1. junho de 1975, os seus restos mortais foram trasladados do Cemitério Oriental de São Paulo para o Cemitério de Lapa, ficando sepultado em família, ao lado da esposa e de dois filhos.

CONTRIBUTOR INFORMATION

[illegible]

POUR LE PONTON

[illegible]

FAMALICÃO
 2017-2018
 100 ANOS
 100 ANOS
 100 ANOS

CONTACTO
 Largo Trece de Souza, 4760-100 Via Nova de Fátima
 Tel.: 252 200 800 / museucentrosul@maizca.org
 N.º 124 / 26.34 / 1.881.31 / 19.72

HORARIO
Lerna: 14h00 - 15h00 (quinta: 14h30 - 17h00)
Excepciones: no lecturas los días de feriados

Anexo O – Programação do Dia Internacional dos Museus e da Noite Europeia dos Museus 2019

PROGRAMAÇÃO REDE DE MUSEUS
ENTRADA LIVRE *INSCRIÇÃO OBRIGATÓRIA

DIA 16

Sala da Assembleia Municipal (edifício da Câmara Municipal)
Conferências Ser MuSeu.
17h00 | Geral / Profissionais dos museus

As conferências "Ser MuSeu" marcam o início da programação do Dia Internacional dos Museus em Vila Nova de Famalicão, com o objetivo de refletir sobre o conceito e a definição de museu e partilhar o resultado do projeto "Ser MuSeu", desafio lançado à Rede de Museus para (re) pensar as missões dos seus membros.

Este momento contará com a presença da Direção Regional de Cultura do Norte (diretor: António Ponte), ICOM - Portugal (direção: José Gameiro) e Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DCTP/CITCEM, Alice Semedo).



DIA 17 HORÁRIO 10h00 – 17h30

9 Museu da Indústria Têxtil da Bacia da Ave
• **Eu uso Termotebe e o meu pai também!** (Casa da Esquina). Oficina de teatro de 17 a 19 | Geral

10 Museu Adentro - O silêncio das máquinas. Visita dramatizada 15h00 | Geral / Escolar

11 Fundação Cupertino Miranda
• **Ao longo do longo caminho*** Pedipaper 9h30 | 11h00 | 14h00 | 16h00 | Escolar

12 Cruzeiro Selvas - As Cartas do Rei Artur Cinema 10h00 | Escolar

13 Fundação Castro Alves - Museu de Cerâmica Artística
• **Narrativas artísticas para memória*** Atelier de cerâmica 10h00 | Escolar / Sénior

14 Um Olhar para o Museu de Cerâmica Artística. Visita 10h00 | 14h00 | Geral

15 Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa
• **Conta a conta se faz a dezena*** Oficina 10h00 | Escolar

• **A Magia do Caminho*** Oficina 15h00 | Sénior

4 Museu Nacional Ferroviário - Núcleo de Lousado
• **A Suspeita**, de José Miguel Ribeiro* Curta de animação 10h00 | 11h00 | 14h30 | Escolar

5 Casa-Museu Soledade Malvar
• **Santa Antónia** Visita ao objeto em destaque 10h00 | 14h30 | Sénior

7 Museu do Automóvel
• **Mini - Uma Grande Família** Visita à exposição 10h30 | 11h00 | 16h30 | Geral

2 Museu Bernardino Machado
• **Portugal, um segredo partilhado*** Poesia 11h00 | Escolar

8 Museu da Guerra Colonial
• **Guerra Colonial: Uma história por contar*** Exposição 11h00 | 15h30 | Escolar / Sénior

1 Casa de Camilo - Museu Centro de Estudos
• **A comédia da marmitta*** (OLE) Teatro 21h00 | Geral / Escolar

DIA 19 HORÁRIO 10h00 – 17h30

Praca Dona Maria II
• **13 museus, 1 viagem!** Roteiro 10h00 | 15h00 | Geral / Famílias

• **De duas rodas aos museus.** Passeio de bicicleta 09h00 | Geral / Famílias

7 Museu do Automóvel
• **Mini - Uma Grande Família.** Visita à exposição 10h30 | 11h00 | 16h30 | Geral

8 Museu da Guerra Colonial
• **Guerra Colonial: Uma história por contar.** Visita à exposição 11h00 | 15h30 | Geral

9 Casa-Museu Soledade Malvar
• **Palavras Soltas** Visita com poesia 11h00 | 16h00 | Geral

5 Museu da Indústria Têxtil da Bacia da Ave
• **Eu uso Termotebe e o meu pai também.** (Casa da Esquina). Estreia da peça 15h30 | Geral

4 Museu Nacional Ferroviário - Núcleo de Lousado
• **Ferramodellismo HQ.** Colecionismo 14h30 | Geral

• **Origem**, de Angelina Silva. Exposição 15h30 | Geral

• **The Portisan Seed**, de Filipe Miranda. Lançamento álbum 16h00 | Geral

6 Fundação Castro Alves - Museu de Cerâmica Artística
• **Grupo de Cavaquinhos da Fundação Castro Alves.** Concerto 15h30 | Geral

1 Casa de Camilo - Museu Centro de Estudos
• **Com Garrett no coração**, de Fernando Gomes (Casa de Nô). Comédia Musical 16h00 | Geral

11 Museu da Confraria de N.º Sr.ª do Carmo de Lemenhe
• **Fronteira** (ACE). Performance 18h00 | Geral

DIA 18 HORÁRIO DIA 10h00 – 17h30
NOITE 21h00 – 23h00

9 Fundação Castro Alves - Museu de Cerâmica Artística
• **Cerâmica Artística para grávidas*** Workshop 10h00 | Geral / Adultos

4 Museu Nacional Ferroviário - Núcleo de Lousado
• **Uma Viagem no Tempo.** Visita 10h30 | 14h30 | Geral

• **Jazz/Improvisação**, com Paulo Gomes* (O Eixo do Jazz). Workshop 15h30 | Geral / Músicos / Estudantes de música

• **Há Jazz no Museu - MAP** - (O Eixo do Jazz). Concerto 18h00 | Geral

10 Museu de Arte Sacra da Capela da Lapa
• **Anjo da Guarda, minha companhia...** Oficina 10h00 | 15h00 | Famílias

• **Abriço/Odalasca**, com Francisco Marinho (ARTIS). Dança 22h00 | Geral

8 Museu da Guerra Colonial
• **Guerra Colonial: 1961-1974.** Ciclo de Documentários de época 10h00 | 15h00 | Geral / Famílias

• **Guerra Colonial: Uma história por contar.** Visita à exposição 11h00 | 15h30 | Geral

• **Poesia e Trauma**, com Diego Santos (NAQ) Performance 17h00 | Geral

• **África na Dança** (FITDANCE). Espetáculo 21h00 | Geral

1 Casa de Camilo - Museu Centro de Estudos
• **Vol. 4 das Obras de Camilo Castelo Branco.** Apresentação 16h00 | Geral / Adultos

• **Boas Indústrias.** Noite no museu das 16h00 às 11h00 | Escolar

Praca Dona Maria II
• **13 museus, 1 viagem!** Roteiro 10h00 | 15h00 | Geral / Famílias

6 Fundação Cupertino Miranda
• **Pedipaper - Ao longo do longo caminho*** Sábados em família 15h00 | Famílias

• **Cruzeiro Selvas - Ao longo do longo caminho.** Visita à exposição 17h00 | Geral

9 Casa-Museu Soledade Malvar
• **Ligados em Rede - Museus de Vila Nova de Famalicão.** Exposição 15h00 | Geral

• **Ao redor da Mesa*** Visita oficina 16h30 | Geral

• **Museu Adentro. Sintam a casa!** Visita dramatizada 21h00 | Geral

5 Museu da Indústria Têxtil da Bacia da Ave
• **International Surrealism Now - CANCELADO** de Santiago Ribeiro. Exposição 16h30 | Geral

• **Aula aberta de Canto**, com Ana Celeste Ferreira (ACE) 17h00 | Geral

2 Museu Bernardino Machado
• **Lindy Hop** (O Eixo do Jazz). Baile 23h00 | Geral

• **Há Noite no Museu!** (Chez Café/Café). Festa das 23h00 às 04h00 | Geral

Fonte: Município de Vila Nova de Famalicão

Anexo P – Parte da exposição *Lugares (In)visíveis*, organizada pela RMVNF



Fonte: Município de Vila Nova de Famalicão

Apêndices

Apêndice A – Acervo do MASCL

Objeto	Informação	Imagem	Referência
Nossa Senhora da Lapa (inv.nº1)	<u>Datação:</u> Século XVIII (3ºQuartel) <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> Durante uma campanha militar do general mouro Almançor na Península Ibérica, um conjunto de religiosas, com medo da destruição, conseguiu fugir do mosteiro levando uma imagem de Nossa Senhora, a qual esconderam numa gruta (lapa). Aí permaneceu durante anos, até que, em 1498, uma menina muda, encantada pela imagem, decidiu ficar com ela. A mãe dessa menina, ao perceber que a sua filha se descuidava das suas responsabilidades pastorais, ameaçou queimar a imagem e, quando ia atirá-la para as chamas, a filha gritou “Não! Minha mãe! É a Nossa Senhora!”. Este milagre deu origem ao culto da Nossa Senhora da Lapa, em Portugal e mais tarde no Brasil. Contudo, foi no século XVIII que a sua devoção se intensificou, devido à ação do Padre Ângelo de Sequeira, responsável pela construção de igrejas em Portugal e Espanha.		<u>Informação</u> Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais. (s/d). <i>Nossa Senhora da Lapa</i>. Disponível em: http://www.bcdp.org/doc/s/n.sra.lapa.pdf Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Senhora da Lapa</i>. <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Senhora da Lapa</i>.

Nossa Senhora da Conceição (inv.nº2)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “A Imaculada Conceição simboliza a concepção da Virgem Maria sem pecado, que havia sido contemplada pela graça divina. A sua festa litúrgica celebra-se desde o século VII, apesar de só ter sido inserida no calendário litúrgico em 1476, pelo Papa Sisto IV. Em Portugal, a devoção a Nossa Senhora da Conceição é bastante antiga e ligada aos grandes acontecimentos decisivos para a independência e identidade nacional. Ao longo dos tempos a devoção popular foi crescendo e criando raízes com a fundação de irmandades a ela dedicadas, sendo a mais antiga de 1589. A 25 de março de 1646, em plena Guerra de Restauração contra a Espanha, o Rei de Portugal, D. João IV proclamou, por provisão régia, que Nossa Senhora da Conceição seria a Rainha e Padroeira de Portugal. A 8 de dezembro de 1854, a Igreja viveu o auge de toda esta riqueza teológica e celebrativa, através da Bula Pontifícia <i>Ineffabilis Deus</i>, de Pio IX, que definiu solenemente o dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria.”		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Senhora da Conceição</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque, Dezembro 2018</i>. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala18.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Senhora da Conceição</i>
---	--	--	--

Santa Filomena (inv.nº3)	<u>Datação:</u> Século XX <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “Santa Filomena, virgem e mártir cristã do século III, chega à Igreja Católica em 1833 através das revelações privadas à Irmã Maria Luísa de Jesus (1799-1875). Sobre a vida da jovem mártir pouco se sabe até à descoberta do seu túmulo e da inscrição <i>Pax tecum Filumena</i> (que a paz esteja contigo Filomena), nas catacumbas romanas de Priscilla, a 25 de maio de 1802. A devoção a Santa Filomena é, desde logo, difundida por toda a Itália e, daqui levada aos quatro cantos do mundo, através da emigração italiana dos finais do século XIX. Porém, esta Santa é também a protagonista de uma das mais controversas histórias de vida entre a hagiologia católica (vida religiosa dos santos). Em fevereiro de 1961, o Papa João XXIII anuncia que Santa Filomena, Virgem e Mártir, foi abolida do calendário litúrgico por não haver provas concretas da sua existência. Ainda que tenha esmorecido, o culto a Santa Filomena não foi totalmente erradicado, mantendo-se ainda hoje em alguns lugares como Mungnano del Cardinale (Itália), cujo Santuário é local de peregrinação.”		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santa Filomena</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, Agosto 2018. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala18.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santa Filomena</i>
-------------------------------------	--	--	--

São Francisco Xavier (inv.nº4)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “S. Francisco Xavier (Navarra, 1506 – Sanchoão, 1552) foi um dos principais fundadores da Companhia de Jesus, em 1540. A ela dedicou a sua vida como missionário nos países do Oriente, sobretudo no Japão, na Índia – onde fundou algumas igrejas –, e na China, onde viria a falecer em 1552. Foi canonizado por Gregório X no ano de 1622. Um dos seus milagres mais conhecidos e representados aconteceu durante a sua viagem à China quando, ao tentar acalmar uma tempestade, atirou o seu crucifixo ao mar. Quando já se encontrava em terra, triste por não ter o crucifixo, surge um caranguejo com o objeto numa das suas pinças e devolve-o a S. Francisco Xavier. Por isso, os atributos associados a este santo podem ser um caranguejo, um escravo, um crucifixo ou ainda um livro”.		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Francisco Xavier</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque, Outubro, Novembro, Dezembro 2020</i> Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala20.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Francisco Xavier</i>
São José (inv.nº5)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> Descendente da família de David, S. José foi marido de Maria e pai adotivo de Jesus. Pouco se conhece da vida de S. José, podendo as informações serem escassas e contraditórias. Contudo, sabe-se que ele era carpinteiro, e profundamente dedicado a Maria e a Jesus, mostrando um lado afetuoso e protetor para com eles. Relativamente ao casamento com Maria, Deus é que iria escolher o marido, ao fazer germinar uma flor na vara deixada no Templo, por um homem descendente da família de David. Devido a este episódio, um dos atributos de S. José, para além dos utensílios de carpintaria, é uma vara		<u>Informação</u> Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais (s/d). <i>S. José. Diocese do Porto</i> Muela, Juan Carmona. (2011). <i>Iconografia de los Santos</i>. Madrid: Akal. Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. José</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins &

	florida. Por norma, S. José aparece representado em cenas familiares, podendo estar a segurar o Menino Jesus nos seus braços, ou então, a ampará-lo. Embora na Idade Média seja representado como um ancião, a partir do século XV passa a ser representado como um homem adulto. S. José é o patrono da boa morte, dos artesãos e pais de família e, apesar do seu culto ter sido generalizado no século IX, foi através da ação dos Beneditinos e Franciscanos que a devoção a S. José ganhou maior intensidade. Além disso, os Carmelitas também contribuíram para a propagação da figura de S. José pela Europa. Já no século XIX, o Papa Pio IX, declarou S. José como o padroeiro da Igreja universal, introduzindo a celebração do Patrocínio de S. José. Salienta-se, ainda, a intervenção do Papa XI, o qual promoveu o culto oficial do santo, e a ação do Papa XII, que introduziu a festa de S. José Operário, ainda hoje celebrada no dia 1 de maio.		Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. José</i>
Santa Ana (inv.nº6)	<u>Datação:</u> Século XVII <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> Descendente da família de David, Santa Ana é a mulher de S. Joaquim, mãe de Maria e avó de Jesus Cristo. O seu culto foi difundido pelos franciscanos e jesuítas, seguindo a doutrina que Maria teria sido concebida sem o pecado original. Em 1584, o Papa Gregório XIII declarou o dia 26 de julho como a celebração de Santa Ana. Como atributos, a Santa Ana apresenta um livro e Maria, enquanto criança. Um dos episódios mais representados é o momento de concepção de Maria, no qual a Santa Ana e o S. Joaquim se abraçam em frente às Portas Douradas. No século XIV surgiu também a representação de uma cena familiar afetiva, na qual estão representados a		<u>Informação</u> Muela, Juan Carmona. (2011). <i>Iconografia de los Santos</i>. Madrid: Akal. Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Ana</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque, Julho 2018</i>. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala18.pdf

	Santa Ana, Maria e o Menino Jesus. Mais tarde, no Barroco, surge uma outra representação de Santa Ana a ensinar Maria a ler.		<u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Ana</i>
Nossa Senhora da Lapa (inv.nº7)	<u>Datação:</u> Século XVIII (3º Quartel) <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> Durante uma campanha militar do general mouro Almançor na Península Ibérica, um conjunto de religiosas, com medo da destruição, conseguiu fugir do mosteiro levando uma imagem de Nossa Senhora, a qual esconderam numa gruta (lapa). Aí permaneceu durante anos, até que, em 1498, uma menina muda, encantada pela imagem, decidiu ficar com ela. A mãe dessa menina, ao perceber que a sua filha se descuidava das suas responsabilidades pastorais, ameaçou queimar a imagem e, quando ia atirá-la para as chamas, a filha gritou “Não! Minha mãe! É a Nossa Senhora!”. Este milagre deu origem ao culto da Nossa Senhora da Lapa, em Portugal e mais tarde no Brasil. Contudo, foi no século XVIII que a sua devoção se intensificou, devido à ação do Padre Ângelo de Sequeira, responsável pela construção de igrejas em Portugal e Espanha.		<u>Informação</u> Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais. (s/d). <i>Nossa Senhora da Lapa</i>. Disponível em: http://www.bcdp.org/doc/s/n.sra.lapa.pdf Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Senhora da Lapa</i>. S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque, Setembro 2019</i>. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Senhora da Lapa</i>.

Santo André (inv.nº8)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> Santo André foi encontrado por Jesus Cristo enquanto pescava no lago Tiberíades e, juntamente com o seu irmão S. Pedro, foi dos primeiros a ser convidado para o Apostolado. O governador romano, Egeas, ao descobrir que a sua esposa tinha sido convertida ao cristianismo por Santo André, mandou-o chamar e ordenou-lhe que ele fizesse um sacrifício aos deuses pagãos. Convicto da sua fé cristã, Santo André não cedeu. Perante a sua resistência, Egeas, depois de flagelar Santo André, amarrou-lhe as mãos e os pés a uma cruz. Santo André ficou pendurado na cruz durante dois dias, sem nunca parar de rezar, vindo acabar por falecer. Este martírio é o mais representado e, apesar de não haver documentos que refiram a forma da cruz, esta é representada, desde o século XV, com o formato aspada de braços oblíquos. Neste sentido, os atributos associados ao Santo António são a cruz aspada e o peixe. Santo André é considerado o padroeiro dos peixeiros e é, também, invocado pelas mulheres que procuram marido para desposar.		<u>Informação</u> Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais (s/d). <i>Vida, representações e iconografia de Santo André</i>. Diocese do Porto. Muela, Juan Carmona. (2011). <i>Iconografia de los Santos</i>. Madrid: Akal. Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santo André</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santo André</i>
----------------------------------	---	--	--

São Sebastião (inv.nº9)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “São Sebastião nasceu em Narbonne, França, no século III. Seus pais eram naturais de Milão, cidade onde Sebastião cresceu. Com a exceção do seu martírio e da sua sepultura, poucos são os factos sobre a sua vida que estão comprovados. Cristão dedicado, enveredou pela carreira militar com o único propósito de ajudar confessores e mártires a não renunciarem à fé cristã. Denunciado a Diocleciano, foi acusado de traição e condenado à morte por flechas. Apesar de ter sido dado como morto foi encontrado ainda com vida, por Irene. Recuperado, apresentou-se perante Diocleciano reafirmando a sua fé. Enfurecido por ver o homem que julgava morto, o Imperador ordenou que fosse chicoteado até à morte e que seu corpo fosse lançado no esgoto público de Roma. Luciana, a quem Sebastião apareceu em sonhos, resgatou o corpo e mandou-o sepultar nas catacumbas de Via Ápia. Em Portugal, o culto a este Santo fortaleceu-se no século XVI. Dom Sebastião (1557-1578), Rei de Portugal, foi batizado com o seu nome por ter nascido a 20 de janeiro, dia da morte do mártir.”		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Sebastião</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque, fevereiro 2019</i>. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Sebastião</i>
------------------------------------	--	--	---

Santa Rita (inv.nº10)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “Natural da cidade italiana de Cássia, foi concebida milagrosamente por pais estéréis, de idade avançada. Após esposar-se com um homem violento e, posteriormente, enviuvar, Santa Rita integrou um convento agostiniano no qual ficou até à sua morte. O episódio mais memorável da sua vida ocorreu quando, diante de um crucifixo, suplica a Cristo para lhe infligir a mesma dor que este sentiu quando lhe foi colocada a coroa de espinhos. Assim, um espinho foi-lhe cravado na testa, provocando-lhe uma ferida profunda que se manteve durante um longo período de tempo. Conhecida como «advogada das causas perdidas e a santa do impossível» conhecem-se representações de Santa Rita desde o século XV, embora a sua beatificação tenha sido feita apenas no séc. XVII. Um pouco por todo o mundo o seu culto e devoção é manifestado. Em Portugal é conhecida a sua intercessão na cura de uma doença rara de vista do rei D. João V”.		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santa Rita</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, Abril, Maio, Junho 2020 Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala20.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santa Rita</i>
Santa Luzia (inv.nº11)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “Luzia nasceu no século III na cidade italiana de Siracusa. Filha de família rica e de formação cristã, foi fiel devota de Cristo e a ele consagrou a sua virgindade, renunciando ao seu rico património em favor dos pobres. A generosa distribuição dos bens depressa chegou aos ouvidos de Pascásio, prefeito da cidade siciliana. Diante do juiz, confessou a sua fé e negou-se a sacrificar-se aos deuses falsos do Império, declarando acreditar num único Deus verdadeiro. Não querendo oferecer sacrifício aos		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santa Luzia</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, dezembro 2019. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf

	deuses, nem quebrar o seu santo voto, Luzia enfrentou a força dos homens e o fogo até, por fim, um golpe de espada na garganta lhe tirar a vida. Na antiguidade cristã a devoção a Santa Luzia foi das mais populares, mas só em 1894 o seu martírio foi confirmado. Padroeira dos olhos ou da cegueira, Santa Luzia tem como tributos a palma e o prato com os olhos. Este último associado ao dito de que a jovem teria arrancado os próprios olhos, entregando-os ao carrasco, preferindo isso a renegar a fé em Cristo. A sua festa é celebrada a 13 de dezembro, antes do Natal, para lembrar ao cristão a necessidade de preparação espiritual para essa importante data.”		<u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santa Luzia</i>
Santo António (inv.nº12)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> Santo António (Lisboa, 1195 – Pádua, 1231), batizado como Fernando de Bulhões, cresceu no seio de uma nobre família, em Lisboa. Em 1221, tornou-se franciscano e alterou o seu nome para António, devido ao convento franciscano que o tinha recebido ser dedicado a Santo António Abade. Durante a sua vida, Santo António viajou por vários países, inclusive Marrocos, Itália e França, com o intuito de evangelizar. Vários foram os milagres realizados pelo Santo: fez com que uma mula esfomeada ajoelhasse diante da hóstia antes de comer; curou o pé de um jovem, o qual o tinha amputado por ter agredido a mãe ao pontapé; ressuscitou um morto, de modo a provar a inocência de seu pai; fez com que um recém-nascido reconhecesse o seu pai, evitando assim a acusação de adultério contra a sua mãe. Acabou por morrer, aos 36 anos, em Pádua, cidade que o tem como seu padroeiro. Devido à sua popularidade		<u>Informação</u> Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais (s/d). <i>Santo António de Lisboa e de Pádua</i>. Diocese do Porto. Muela, Juan Carmona. (2011). <i>Iconografia de los Santos</i>. Madrid: Akal. Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santo António</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santo António</i>

	como um notável orador e pregador, e reconhecido pela sua caridade, a sua canonização foi concedida por Gregório IX, em 1232, um ano após a sua morte. A partir do século XVI, o culto a Santo António difundiu-se por Portugal, sendo invocado pelos marinheiros, a pedir bons ventos e era protetor dos naufragos e dos cativos. Através dos portugueses, o culto antoniano foi levado para o Brasil, África e Oriente. Contudo, só em 1934 é que foi considerado padroeiro de Portugal, tornando-se um Santo Popular de Lisboa. Santo António é representado sempre jovem, tendo como principais atributos o lírio, o Menino Jesus e um Livro.		
Senhora da Boa Morte (inv.nº13)	<u>Datação:</u> Século XVII <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “A fé na vida para além da morte é um traço comum na maior parte das religiões que têm acompanhado a evolução da Humanidade e os rituais fúnebres assumem-se como ritos de passagem para ajudar a alma a alcançar com segurança a eternidade. “Nossa Senhora da Boa Morte” é um dos títulos dados à Mãe de Jesus. A devoção à Senhora da Boa Morte chegou aos cristãos do Ocidente, através da tradição cristã do Oriente, sob o título de “Dormição de Maria”. Este é um dos cultos marianos mais antigos, iniciado logo nos primeiros séculos do cristianismo, cuja festa se comemora no dia 15 de agosto celebrando simultaneamente o mistério do trânsito e glorificação corporal de Maria. Esta devoção foi introduzida em Portugal no século XVII pela Companhia de Jesus. A novidade do culto e o grande número de graças e indulgências que o acompanhavam fizeram com que se registasse uma larga adesão em muitas igrejas de Portugal e do Brasil (onde		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Boa Morte</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, maio 2018. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala18.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Boa Morte</i>

	atualmente perdura uma larga e fervorosa adesão)”		
São Bento (inv.nº14)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “São Bento (480-547) nasceu em Nórchia, uma pequena povoação perto de Perugia, Itália. Filho de nobres romanos, cresceu e estudou em Roma. Com cerca de vinte anos, e decepcionado com a decadência moral da cidade, decidiu deixar Roma, seus estudos e o conforto em que vivia, desejando servir somente a Deus. A fim de viver como eremita abrigou-se numa gruta, em Affile, nos arredores de Roma, e aí esteve três anos dedicando-se à oração e ao sacrifício. Foi monge, fundador da Ordem dos Beneditinos e criador da Regra de São Bento, um dos mais importantes regulamentos de vida monástica e inspiração de muitas comunidades religiosas. Faleceu com 66 anos e foi sepultado junto de Santa Escolástica, de quem era irmão gêmeo, e que havia falecido semanas antes. Em 1964 o Papa Paulo VI designou-o patrono da Europa.”		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Bento</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, julho 2019. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Bento</i>
São Amaro (inv.nº15)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Santo Amaro ou Mauro, como também é conhecido, nasceu em Roma, no século VI, no seio de uma família nobre. Com 12 anos foi entregue pelos pais aos cuidados de São Bento, para que fosse formado na vida monástica. Amaro tornou-se, assim, o primeiro discípulo de São Bento e, respondendo tão bem à solicitude do mestre foi proposto como modelo aos religiosos mais novos. Certo dia, acudindo a São Bento que por revelação soube do afogamento de Plácido, um outro		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Amaro</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, janeiro, fevereiro, março 2020. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala20.pdf

	jovem do mosteiro, Santo Amaro correu sobre a água para socorrer Plácido, que agarrou pelos cabelos e trouxe para a margem, não se apercebendo de ter saído de terra firme. Herdeiro espiritual de São Bento, foi para França a pedido do seu mestre, abrir o primeiro mosteiro Beneditino, a Abadia de Glanfeuil, perto de Angers, onde viria a falecer, crê-se, por volta do ano de 584, vítima da peste.”		<u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. Amaro</i>
Iconografia de um Bispo (inv.nº16)	<u>Datação:</u> Século XVII (finais) <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> Esta imagem é identificada como uma representação de um bispo devido às vestes que enverga. Por cima da batina preta, a figura apresenta um roquete branco, e por cima deste, uma capa vermelha presa por um fimal. Além das luvas vermelhas, a figura enverga também uma mitra na cabeça e uma cruz sobre o peito.		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Iconografia de um Bispo</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Iconografia de um Bispo</i>
Nossa Senhora das Lamentações (inv.nº17)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> A Nossa Senhora das Lamentações é uma das figuras centrais da cena religiosa do Calvário, momento que o seu filho, Jesus Cristo, é crucificado. Tradicionalmente posicionada à direita da cruz, verifica-se que, a partir do século XIV, Nossa Senhora das Lamentações é representada a desmaiar, sendo amparada por Santa Maria Madalena ou por São Evangelista.		<u>Informação</u> Réau, Louis. (1996). <i>Iconografia del Arte Cristiano: Iconografia de La Biblia, Novo Testamento</i>. Barcelona: Ediciones del Sebral. Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Senhora das Lamentações</i>

			<u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Nossa Senhora das Lamentações</i>
Santa Maria Madalena no Calvário (inv.nº18)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> Por ter passado de cortesã a penitente, a Santa Maria Madalena é o exemplo para a comunidade católica de como depois de uma vida em pecado, o perdão de Deus é possível. Padroeira das mulheres arrependidas, Santa Maria Madalena é uma das figuras bíblicas que atraem uma grande devoção popular. A Igreja Católica retrata a Santa Maria Madalena como uma mulher pecadora que chorou aos pés de Jesus, a pedir perdão, quando ele comia na casa de Simão, o fariseu; a mulher que acompanhou a Virgem aos pés da cruz de Jesus, participando no seu posterior depoimento e sepultamento; a mulher que na manhã seguinte se aproximou do túmulo, para o embalsamar com perfumes, mas que o encontrou vazio; e, por fim, a mulher a quem Jesus apareceu, pela primeira vez, ressuscitado. Exilada em Marselha, Santa Maria Madalena evangelizou o povo e converteu o governador e a sua mulher, quando, através das suas orações, conseguiu que o casal tivesse descendência. Após retirar-se, durante 30 anos, para uma gruta no deserto, os anjos levaram-na ao oratório do bispo Maximino, de cujas mãos ela recebeu a Santa Eucaristia antes de morrer. A Santa Maria Madalena assume uma		<u>Informação</u> Muela, Juan Carmona. (2011). <i>Iconografia de los Santos</i>. Madrid: Akal. Réau, Louis. (1996). <i>Iconografia del Arte Cristiano: Iconografia de La Biblia, Novo</i>. Barcelona: Ediciones del Sebral. Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. <i>Ficha de Inventário Santa Maria Madalena no Calvário Testamento</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Santa Maria Madalena no Calvário</i>

	importante intervenção no ciclo da Paixão de Cristo. Ao lado direito da cruz, Santa Maria Madalena expressa a sua tristeza pela morte de Jesus, podendo estar representada com os braços erguidos, ou então a abraçar a cruz. O seu atributo mais característico é o frasco de perfume, porém, quando representada como penitente, apresenta também um crânio, um livro e um crucifixo.		
São João no Calvário (inv.nº19)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> Filho de Zebeco e Maria Salomé, S. João Evangelista, foi o terceiro discípulo a ser escolhido por Jesus, acompanhando com ele alguns dos episódios mais importantes do ciclo evangélico. Dos diversos milagres que executou, destaca-se quando, obrigado a adorar os deuses pagãos no Templo de Diana, S. João Evangelista demonstrou como a sua fé era poderosa e, invocando o nome de Cristo, destruiu o templo e a estátua da deusa. Indignado com a situação, o sacerdote ordena que S. João Evangelista beba um veneno e, para mostrar a sua eficácia, obriga dois homens a beber, os quais caem mortos no chão. Antes de beber do cálice, S. João Evangelista benze-o e, após ter bebido, continua vivo. Depois ressuscita os outros dois homens, ao colocar o seu manto por cima deles. Acredita-se que, no momento da sua morte, ele se deitou numa cova, feita pelo céu, e quando terminou a sua oração, o fosso inundou-se de luz, e uma areia muito fina cobriu o seu corpo. Quando S. João é representado como evangelista, os seus atributos são um livro e uma águia. Como apóstolo, S. João Evangelista assume como atributos um cálice com uma cobra, ou um pequeno dragão. Apesar de não ter morrido vítima de qualquer		<u>Informação</u> Comissão Diocesana de Infraestruturas e Bens Culturais (s/d). <i>João, Evangelista</i>. Diocese do Porto Muela, Juan Carmona. (2011). <i>Iconografia de los Santos</i>. Madrid: Akal. Réau, Louis. (1996). <i>Iconografia del Arte Cristiano: Iconografia de La Biblia, Novo Testamento</i>. Barcelona: Ediciones del Sebral Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. João no Calvário</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário S. João no Calvário</i>

	tormento, S. João Evangelista, enverga um manto vermelho, atributo comum dos mártires, por nunca lhe faltar a coragem de se sacrificar em nome da Fé. Sempre representado como um jovem, S. João Evangelista é o patrono dos escritores e protetor das virgens e das viúvas. No episódio do Calvário, S. João Evangelista é representado do lado esquerdo da Cruz e permanece sozinho para representar os apóstolos que foram dispersos depois de terem traído, negado ou abandonado Jesus Cristo.		
Plinto (inv.nº20)	<u>Datação:</u> Século XVIII (meados) <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Soco ou base, de forma quadrangular e chata, sobre o qual se assentam um pedestal de coluna ou estátua”		<u>Informação</u> Ávilla, Affonso & Gontijo, João Marcos Machado & Machado, Reinaldo Guedes. (1996). <i>Barroco Mineiro – Glossário de Arquitetura e Ornamentação</i>. Fundação João Pinheiro: Belo Horizonte Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Plinto</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Plinto</i>

Estola (inv.nº21)	<u>Datação:</u> Século XIX (finais) <u>Proveniência:</u> Cónego e Monsenhor Joaquim Fernandes <u>Informação Geral:</u> “Longa tira de tecido, geralmente seda ou com trama dourada ou prateada, com forro, e ornado com uma cruz grega ao centro e duas nas extremidades, mais largas e franjadas; mede, cerca de 2,5 m. É usada à volta do pescoço por toda a hierarquia eclesiástica, incluindo o diaconato, na celebração da missa, administração de sacramentos, exposição do Santíssimo e noutras cerimónias. Quando usada com casula, a estola é do mesmo tecido, fazendo um conjunto, no qual se pode integrar o manípulo; o manípulo e a estola, idênticos também do ponto de vista formal, diferenciam-se por esta ser mais longa do que aquele e por, em geral, não apresentar cordão. A estola pastoral, usada sem casula, é mais ornamentada, por ser mais visível, e distingue-se da estola por apresentar, no terço superior da sua altura dobrada ao meio, uma presilha de tecido, um cordão ou fita com borlas nas extremidades, a unir os dois lados; é usada pelo Papa, cardeais, bispos e presbíteros, fora da missa, na pregação e na administração dos sacramentos.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 158) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Estola</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Estola</i>
--------------------------	--	--	---

Cruz de Altar (inv.nº22)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Cruz, geralmente com a imagem de Cristo, colocada ao centro da mesa de altar, da banqueta ou do sacrário. Costuma fazer conjunto com os castiçais de altar”.		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 141) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cruz de Altar</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cruz de Altar</i>
-------------------------------------	---	--	---

Castiçal (x2) (inv.nº23)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Castiçal de diversas formas, materiais e estilos, geralmente com decoração de símbolos e motivos religiosos, utilizado na igreja. É composto por base, haste geralmente com nó e arandela; o círio ou a vela inserem-se num bocal ou enfiam-se num espigão. Quando é de grandes dimensões e mais de um lume, diz-se candelabro de igreja. O castiçal de igreja pode ser castiçal de altar, castiçal de acólito, tocheiro de coro, tocheiro pascal, candelabro de trevas, castiçal de parede, etc..”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 133) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Castiçal</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Castiçal</i>
-------------------------------------	--	--	---

Jarra (x3) (inv.nº24)	<u>Datação:</u> Século XIX <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “A jarra é um recipiente decorativo. Pode ser de cerâmica, vidro ou metal e assumir uma infinita variedade de configurações. Contudo, para além de uma bela peça decorativa, a jarra desempenha um papel importante nos espaços religiosos devido à sua função, conter flores. Na igreja ou no cemitério, as flores são lembrança, beleza e vida. Lembram quem partiu e deixou saudade, embelezam as celebrações e simbolizam o ciclo da vida. Cada flor com o seu significado. Tinham também a função de perfumar e purificar o ar do interior do espaço sagrado onde os corpos eram enterrados.”		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Jarra</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, junho 2019. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Jarra</i>
Castiçal – Banqueta (x4) (inv.nº25)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Castiçal de diversas formas, materiais e estilos, geralmente com decoração de símbolos e motivos religiosos, utilizado na igreja. É composto por base, haste geralmente com nó e arandela; o círio ou a vela inserem-se num bocal ou enfiam-se num espigão. Quando é de grandes dimensões e mais de um lume, diz-se candelabro de igreja. O castiçal de igreja pode ser castiçal de altar, castiçal de acólito, tocheiro de coro, tocheiro pascal, candelabro de trevas, castiçal de parede, etc..”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 133) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais,

			Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Castiçal – Banqueta</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Castiçal – Banqueta</i>
Casula (inv.nº26)	<u>Datação:</u> Finais Século XIX <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “Veste superior usada por todos os clérigos, sobre os restantes paramentos, durante a celebração da missa e na procissão do Santíssimo ou pelos cônegos em missa solene. Geralmente, de seda ou tecido com trama dourada ou prateada, é decorada com galões e bandas de tecido diferente também delimitadas por galão (sebasto) e segue as cores do tempo litúrgico. Os sebastos contribuem para a definição da casula, do ponto de vista formal: nas costas, costumam desenhar uma cruz, por vezes, com os braços em V, ou, mais raramente, uma simples banda vertical; na parte da frente, uma banda vertical ou um motivo em T e uma faixa larga ao pescoço. Ao longo dos tempos, a casula tem sofrido alterações, podendo cobrir os braços ou só os ombros e ser forrada ou não.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 173) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Casula</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Casula</i>

Documento Papal (inv.nº27)	<u>Datação:</u> Meados do Século XVI <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “A Confraria do Santíssimo Sacramento é uma das mais antigas irmandades religiosas do catolicismo, tendo autorização canônica, a 30 de novembro de 1539, através da Bula <i>Dominus Noster Jesu Christi</i> do Papa Paulo III. Em Portugal, são muitas as Confrarias dedicadas ao culto do Santíssimo Sacramento, sendo uma das mais antigas do século XVI.”		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Documento Papal</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, outubro 2019. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Documento Papal</i>
Bandeira da Associação das Filhas de Maria (inv.nº28)	<u>Datação:</u> 1º Quartel Século XX <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “A Pia União das Filhas de Maria é uma associação feminina católica, sob a proteção da Virgem Maria. Teve a sua origem na Ordem dos Cônegos Regulares, no século XII, com Pedro de Honestis que a instituiu em Ravena, Itália. No século XVI, outro cônego regular, Pedro Fourier, estabeleceu, em França, a Congregação da Virgem Imaculada. Mas, foi em Itália, em 1864, com o abade Alberto Passéri e a benção do Papa Pio IX, que foi canonicamente estabelecida. Concebida para formar modelos femininos de conduta moral de valores e ensinamentos católicos, tinham Maria como modelo absoluto de Pureza, Penitência e Caridade.”		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Bandeira</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, agosto 2019. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira,

			António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Bandeira</i>
Cruz Processional (inv.nº29)	<u>Datação:</u> Século XVII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Cruz que abre um cortejo processional ou fúnebre. Apresenta, geralmente, a figura de Cristo, no anverso, e a da Virgem ou outro santo, no reverso; eventualmente, apresenta as imagens da Virgem e de São João Evangelista sobre um suporte próprio adjacente, um nó junto à base e tintinábulo. Pode ser montada sobre uma haste ou apresentar um prolongamento sob o braço inferior (cruz portátil). Pode ser colocada no altar sobre a base da cruz de altar.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 141) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cruz Processional</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cruz Processional</i>

Indulgenciário (inv.nº30)	<u>Datação:</u> Meados do Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Para a doutrina católica, cada pecado cometido origina a culpa (pena eterna) e a pena <i>strictu sensu</i> (pena temporal). A primeira é perdoada através do Sacramento da Reconciliação, alcançada por intermédio do Sacerdote na Confissão e a pena temporal através das Indulgências. A indulgência é então a remissão, perante Deus, da pena pelos pecados cometidos, já perdoados quanto à culpa, para reparar, através de boas obras, o mal causado como consequência do pecado. As Indulgências são muitas vezes representadas em painéis devocionais. Estes painéis são pinturas, geralmente emolduradas, por vezes decoradas com motivos florais, figuras ou símbolos religiosos, que poderão anunciar uma cerimónia em particular ou dar um conselho. Poderão ainda apresentar uma oração ou uma inscrição indicando aos fiéis a presença de um lugar ou objeto de devoção.”		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Indulgenciário</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, março 2019. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Indulgenciário</i>
Lanterna (inv.nº32)	<u>Datação:</u> Século XVII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Lanterna levada na procissão com o Santíssimo Sacramento ou o viático. É montada sobre uma haste e costuma ser decorada com motivos religiosos. Apresenta-se geralmente em número par. Para acompanhar o viático, a lanterna pode integrar uma campainha (lanterna-campainha processional)”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 137) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view

			Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Lanterna</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Lanterna</i>
Pia de Água Benta (inv.nº33)	<u>Datação:</u> Século XII ou XIII <u>Proveniência:</u> Capela da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Recipiente, colocado junto à porta da igreja, contendo a água lustral com que os fiéis se benzem. Pode estar adossado à parede ou ser colocado sobre um pedestal fixo ou móvel. Pode integrar uma caldeirinha de água benta e hissope, num suporte próprio.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 49) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Pia de Água Benta</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha</i>

			<i>de Inventário Pia de Água Benta</i>
Cristo Crucificado (inv.nº34)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> A imagem da Crucificação de Jesus Cristo relembra à comunidade católica o sofrimento e morte de Jesus Cristo pela salvação da Humanidade. A representação deste importante tema do Cristianismo sofreu alterações ao longo do tempo. Numa primeira fase a Crucificação foi eludida ou evocada indiretamente por meio de símbolos. Cristo aparece na cruz, em forma humana, apenas no século VI. Até meados do século XI, Cristo na cruz é representado vivo, com os olhos abertos. A partir desse momento, foi ousado representá-lo morto, de olhos fechados.		<u>Informação</u> Réau, Louis. (1996). <i>Iconografia del Arte Cristiano: Iconografia de La Biblia, Novo Testamento</i>. Barcelona: Ediciones del Sebral. Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cristo Crucificado</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cristo Crucificado</i>
Presépio (inv.nº35)	<u>Datação:</u> Século XX <u>Proveniência:</u> Oferta de Manuel Joaquim Garcia Palhares <u>Informação Geral:</u> “Representação tridimensional da Natividade, num cenário mais ou menos elaborado; compreende, geralmente, a Adoração dos Pastores, a Adoração dos Reis Magos, Anjos, entre outras cenas do ciclo da Natividade e pode apresentar, ainda, cenas e personagens da vida quotidiana e animais (conforme o tamanho, figuras ou figurinhas de presépio). De variadas dimensões, o presépio é montado nas igrejas, casas particulares ou lugares públicos durante a época natalícia. Por vezes		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 148) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view

	insere-se numa caixa envidraçada (maquineta). (Em francês, a figura ou a figurinha de presépio diz-se indiferenciadamente “santon”.)”		Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Presépio</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Presépio</i>
Cálice e Patena (inv.nº36)	Cálice <u>Datação:</u> Século XX <u>Proveniência:</u> Oferta Monsenhor José Fernandes da Silva <u>Informação Geral:</u> “Vaso sagrado no qual o celebrante consagra o vinho durante a missa. Feito, em regra, num metal precioso, o interior da copa, se não for de ouro, deve ser dourado. Tem a forma de uma taça com pé e, geralmente, um nó central. O cálice costuma fazer conjunto com a patena e, por vezes, com a píxide. Registam-se algumas tipologias específicas de cálices: cálice com aletas, cálice com tintinábulo, cálice papal, etc..” Patena <u>Datação:</u> Século XX <u>Proveniência:</u> Oferta do Monsenhor José Fernandes da Silva <u>Informação Geral:</u> “Pequeno prato consagrado, geralmente em ouro ou prata dourada, utilizado pelo celebrante, durante a missa, para colocar a hóstia, antes e depois da consagração, e para recolher eventuais partículas. De forma circular, pode ser		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 125); (Rocca e et.al, 2004: 130) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cálice e Patena</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino

	decorado, no reverso, com uma representação religiosa, símbolos eucarísticos ou ainda uma inscrição. A patena costuma fazer conjunto com o cálice e a píxide. Na Sexta-feira Santa, utilizava-se uma patena com pega vertical, que se encaixa no interior da copa do cálice, para guardar a hóstia consagrada destinada à comunhão do presidente da celebração (patena da Sexta-feira Santa).”		Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cálice e Patena</i>
Cruz Processional (inv.nº37)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Cruz que abre um cortejo processional ou fúnebre. Apresenta, geralmente, a figura de Cristo, no anverso, e a da Virgem ou outro santo, no reverso; eventualmente, apresenta as imagens da Virgem e de São João Evangelista sobre um suporte próprio adjacente, um nó junto à base e tintinábulo. Pode ser montada sobre uma haste ou apresentar um prolongamento sob o braço inferior (cruz portátil). Pode ser colocada no altar sobre a base da cruz de altar.”		<u>Informação</u> (Rocca et al, 2004: 141) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cruz Processional</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Cruz Processional</i>

Coroa (inv.nº38)	<u>Datação:</u> Século XX (?) <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Coroa ornamental, colocada sobre a cabeça de uma imagem sagrada de particular devoção, em geral, a Virgem com o Menino. Pode tratar-se de uma coroa de estátua ou de uma coroa de quadro pintado; neste último caso, trata-se, com frequência, de uma secção de coroa.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 97) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Coroa</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Coroa</i>
Coroa de Nossa Senhora de Lurdes (inv.nº39)	<u>Datação:</u> 1946 <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “Coroa ornamental, colocada sobre a cabeça de uma imagem sagrada de particular devoção, em geral, a Virgem com o Menino. Pode tratar-se de uma coroa de estátua ou de uma coroa de quadro pintado; neste último caso, trata-se, com frequência, de uma secção de coroa.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 97) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view

			om/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Coroa de Nossa Senhora de Lurdes</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Coroa de Nossa Senhora de Lurdes</i>
Custódia (inv.nº40)	<u>Datação:</u> Século XVII <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “Suporte utilizado para a exposição do Santíssimo. Geralmente em metal precioso, é constituído por uma armação mais ou menos elaborada, elevada sobre um pé e encimada por cruz, no centro da qual se insere um elemento envidraçado onde, durante aquela cerimónia, se apresenta o crescente eucarístico ou a lúnula com a grande hóstia consagrada. Registam-se várias tipologias, sendo a mais frequente o ostensório radiante, quando o receptáculo é rodeado por uma auréola radiante, ou o ostensório arquitectónico, quando o receptáculo, em forma de caixa cilíndrica verticalizada, se insere numa armação de tipo arquitectónico.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 128) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Custódia</i>

			<u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Custódia</i>
Pixide (inv.nº41)	<u>Datação:</u> Século XIX <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Vaso sagrado utilizado para guardar as hóstias consagradas e para a sua distribuição fora da comunhão. Feito, em regra, num metal precioso, o interior da copa, se não for de ouro, deve ser dourado. Tem a forma de uma taça com tampa e, geralmente, um pé com nó central; a tampa apresenta, geralmente, uma pequena cruz no topo. A píxide costuma fazer conjunto com o cálice e a patena. (Se apresentar um pé elevado, em francês, diz-se “ciboire” e, em inglês “ciborium (vessel)”; se apresentar base sem pé, em francês, diz-se “píxide” e, em inglês “pyx”).”		(Rocca e et.al, 2004: 130) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Pixide</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Pixide</i>

Custódia (inv.nº42)	<u>Datação:</u> Século XIX <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “Suporte utilizado para a exposição do Santíssimo. Geralmente em metal precioso, é constituído por uma armação mais ou menos elaborada, elevada sobre um pé e encimada por cruz, no centro da qual se insere um elemento envidraçado onde, durante aquela cerimónia, se apresenta o crescente eucarístico ou a lúnula com a grande hóstia consagrada. Registam-se várias tipologias, sendo a mais frequente o ostensório radiante, quando o receptáculo é rodeado por uma auréola radiante, ou o ostensório arquitectónico, quando o receptáculo, em forma de caixa cilíndrica verticalizada, se insere numa armação de tipo arquitectónico.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 128) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Custódia</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Custódia</i>
--------------------------------	---	--	---

Custódia (inv.nº43)	<u>Datação:</u> Século XIX <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “Suporte utilizado para a exposição do Santíssimo. Geralmente em metal precioso, é constituído por uma armação mais ou menos elaborada, elevada sobre um pé e encimada por cruz, no centro da qual se insere um elemento envidraçado onde, durante aquela cerimónia, se apresenta o crescente eucarístico ou a lúnula com a grande hóstia consagrada. Registam-se várias tipologias, sendo a mais frequente o ostensório radiante, quando o receptáculo é rodeado por uma auréola radiante, ou o ostensório arquitectónico, quando o receptáculo, em forma de caixa cilíndrica verticalizada, se insere numa armação de tipo arquitectónico.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 128) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Custódia</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Custódia</i>
Resplendor (inv.nº44)	<u>Datação:</u> Século XIX <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “Derivação da palavra latina <i>resplender</i>. Objeto formado por um crescente lunar com raios rectos e/ou onduantes, geralmente em metal precioso, que era aplicado na cabeça de imagens sagradas, com a finalidade de conferir uma aparência de auréola luminosa que irradia um brilho intenso e de os distinguir das outras representações”		<u>Informação</u> (Alves e et.al, 2011: 103) Alves, Fernanda & Ferrão, Pedro Miguel & Carvalho, Rui Galopim de & Maranhas, Teresa. (2011). <i>Normas de Inventário de Ourivesaria</i>. Lisboa: Instituto dos Museus e Conservação)

			Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Resplendor</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Resplendor</i>
Coroa (inv.nº45)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Coroa ornamental, colocada sobre a cabeça de uma imagem sagrada de particular devoção, em geral, a Virgem com o Menino. Pode tratar-se de uma coroa de estátua ou de uma coroa de quadro pintado; neste último caso, trata-se, com frequência, de uma secção de coroa.”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 97) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Coroa</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Coroa</i>

Missal Romano (inv.nº46)	<u>Datação:</u> Século XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Em sentido genérico, é o livro oficial, segundo o qual a Igreja celebra a sua Eucaristia. Tem uma primeira parte com as orações que se dirigem a Deus, comumente chamado Missal ou livro do altar, e uma segunda com as leituras bíblicas ao longo de todo o ano, o Leccionário.”		<u>Informação</u> Aldazábal, José. Dicionário Elementar de Liturgia. Secretariado Nacional da Liturgia. Disponível em: http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=266 Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Missal Romano</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Missal Romano</i>
Missal Bracarense (inv.nº47)	<u>Datação:</u> Século XX <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Em sentido genérico, é o livro oficial, segundo o qual a Igreja celebra a sua Eucaristia. Tem uma primeira parte com as orações que se dirigem a Deus, comumente chamado Missal ou livro do altar, e uma segunda com as leituras bíblicas ao longo de todo o ano, o Leccionário.”		<u>Informação</u> Aldazábal, José. Dicionário Elementar de Liturgia. Secretariado Nacional da Liturgia. Disponível em: http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=266 Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Missal Bracarense</i>

			<u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Missal Bracarense</i>
Plinto (inv.nº48)	<u>Datação:</u> Século XVII ou XVIII <u>Proveniência:</u> Capela da Nossa Senhora da Lapa <u>Informação Geral:</u> “Soco ou base, de forma quadrangular e chata, sobre o qual se assentam um pedestal de coluna ou estátua”		<u>Informação</u> Ávilla, Affonso & Gontijo, João Marcos Machado & Machado, Reinaldo Guedes. (1996). <i>Barroco Mineiro – Glossário de Arquitetura e Ornamentação</i>. Fundação João Pinheiro: Belo Horizonte Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Plinto</i> <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Plinto</i>

Menino Deus (inv.nº49)	<u>Datação:</u> Século XIX <u>Proveniência:</u> Matriz Antiga <u>Informação Geral:</u> “As primeiras imagens isoladas do Menino Jesus surgem, na arte ocidental, durante o século XIV. Em Portugal estas imagens aparecem dois séculos mais tarde. Contudo, é nos séculos XVII e XVIII que o culto destas imagens atinge o seu auge, sobretudo nos conventos femininos. Nestas grandes casas religiosas estavam enclausuradas mulheres das melhores famílias, ociosas, impedidas de casar e sem poderem concretizar os seus instintos maternais. As pequenas imagens tornaram-se nos filhos que lhes foram negados e os meninos Jesus foram então acarinhados e vestidos com as melhores roupas. Estas extravagâncias femininas foram denunciadas pelos teólogos e houve inclusive legislação eclesial que proibiu as imagens do Menino Jesus trajando vestidos profanos. Porém, a decisão não foi seguida, os meninos continuaram a merecer melhor atenção das irmãs e o seu culto passa dos conventos para dentro das casas fidalgas. No século XIX, com a extinção das ordens religiosas, o culto ao Menino Jesus caiu com a mesma rapidez com que se difundiu, sobrevivendo em apenas algumas igrejas.”		<u>Informação</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Menino de Deus</i> S/a. s/d. <i>Ficha de Objeto em Destaque</i>, Janeiro 2019. Disponível em: file:///C:/Users/UTILIZ~2/DES/AppData/Local/Temp/allfolhasala19.pdf <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Menino de Deus</i>
-----------------------------------	--	--	---

Alva (sem número de inventário)	<u>Datação:</u> Desconhecida <u>Proveniência:</u> Desconhecida <u>Informação Geral:</u> “Veste sagrada usada por todos os clérigos, durante a celebração da missa, nas funções que precedem ou a seguem imediatamente e, eventualmente, na procissão ou na bênção do Santíssimo. De cânhamo ou linho branco, é uma veste ampla e muito comprida, ajustado ao tamanho por um cordão (cordão de alva) ou faixa (faixa de alva); é, geralmente, ornada com rendas e tules na extremidade das mangas (maniquete) e na orla inferior. A base da alva e, por vezes, as costas, o peito, as espáduas e a extremidade das mangas podem apresentar bandas de tecido ou bordados, geralmente coordenados à casula ou à sotaina (alva adornada).”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 177) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Casula</i>
Alva (sem número de inventário)	<u>Datação:</u> Desconhecida <u>Proveniência:</u> Desconhecida <u>Informação Geral:</u> “Veste sagrada usada por todos os clérigos, durante a celebração da missa, nas funções que precedem ou a seguem imediatamente e, eventualmente, na procissão ou na bênção do Santíssimo. De cânhamo ou linho branco, é uma veste ampla e muito comprida, ajustado ao tamanho por um cordão (cordão de alva) ou faixa (faixa de alva); é, geralmente, ornada com rendas e tules na extremidade das mangas (maniquete) e na orla inferior. A base da alva e, por vezes, as costas, o peito, as espáduas e a extremidade das mangas podem apresentar bandas de tecido ou bordados, geralmente coordenados à		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 177) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view

	casula ou à sotaina (alva adornada).”		<u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Estola</i>
Lanterna (sem número de inventário)	<u>Datação:</u> Desconhecida <u>Proveniência:</u> Desconhecida <u>Informação Geral:</u> “Lanterna levada na procissão com o Santíssimo Sacramento ou o viático. É montada sobre uma haste e costuma ser decorada com motivos religiosos. Apresenta-se geralmente em número par. Para acompanhar o viático, a lanterna pode integrar uma campainha (lanterna-campainha processional)”		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 137) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view <u>Imagem</u> Vieira, Alda & Vieira, António Martins & Carvalho, Paulino Alfredo de O. & Novais, Vítor José. (2007). <i>Ficha de Inventário Lanterna</i>

Oratório	<u>Datação:</u> Desconhecida <u>Proveniência:</u> Desconhecida <u>Informação Geral:</u> “Armário fechado, em regra por duas portas frontais, destinado a conter imagens religiosas. Por vezes, apresenta um estirador que forma a mesa de altar. São variadíssimas as suas tipologias, abarcando oratórios portáteis, de suspender e de pousar. No norte do País, designa igualmente uma maquina”		<u>Informação</u> (Sousa e Bastos, 2004: 112) Sousa, Maria da Conceição Borges & Bastos, Celina. (2004). Normas de Inventário de Mobiliário. Lisboa: Instituto Português dos Museus. <u>Imagem</u> Autoria própria
Oratório	<u>Datação:</u> Desconhecida <u>Proveniência:</u> Desconhecida <u>Informação Geral:</u> “Armário fechado, em regra por duas portas frontais, destinado a conter imagens religiosas. Por vezes, apresenta um estirador que forma a mesa de altar. São variadíssimas as suas tipologias, abarcando oratórios portáteis, de suspender e de pousar. No norte do País, designa igualmente uma maquina”		<u>Informação</u> (Sousa e Bastos, 2004: 112) Sousa, Maria da Conceição Borges & Bastos, Celina. (2004). Normas de Inventário de Mobiliário. Lisboa: Instituto Português dos Museus. <u>Imagem</u> Autoria própria
Arcaz	<u>Datação:</u> Desconhecida <u>Proveniência:</u> Desconhecida <u>Informação Geral:</u> “Móvel de sacristia com a forma de uma grande caixa plana e rectangular com gavetões para guardar alfaia, paramentos, vestimentas, linhos, coberturas, etc., com ou sem espaldar, eventualmente de forma retabular e encimado por cruz”.		<u>Informação</u> (Rocca e et.al, 2004: 44) Rocca, S. V., & Guedes, N. C. & Roque, M. I. & Guerreiro, D. (2004). <i>Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico</i>. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança. Disponível em https://drive.google.c

			om/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view <u>Imagem</u> Autoria própria
--	--	--	---

Fonte: Autoria própria

Apêndice B – Tabela das Supercategorias e Categorias das Normas de Inventário do MatrizNet

Supercategoria	Categoria
Artes Plásticas e Artes Decorativas	Armas; Brinquedos; Cerâmica; Escultura; Desenho; Epigrafia; Espólio Documental; Equipamentos e Utensílios; Fotografia; Gravura; Instrumentos Científicos; Instrumentos Musicais; Medalhística; Meios de Transporte; Metais; Mobiliário; Numismática; Ourivesaria; Pintura; Têxteis; Traje; Vidros
Arqueologia	Cerâmica Utilitária
Ciência e Técnica	Investigação e Desenvolvimento; Indústria e Técnica; Uso e Consumo Doméstico
Etnologia	Alfaia Agrícola; Tecnologia Têxtil

Fonte: Autoria própria

Apêndice C – Tabela das Categorias e Subcategorias da Supercategoria Artes Plásticas e Artes Decorativas das Normas de Inventário do MatrizNet

Categoria	Subcategoria
Cerâmica	Cerâmica de Equipamento; Cerâmica de Revestimento
Epigrafia	Epigrafia
Escultura	Escultura de Vulto; Escultura Arquitetônica; Escultura Heráldica; Escultura Funerária
Espólio Documental	Espólio Documental
Metais	Metais
Mobiliário	Mobiliário Civil; Mobiliário Religioso
Pintura	Pintura; Miniatura; Iluminura
Ourivesaria	Ourivesaria
Têxteis	Paramentaria; Tecidos e Bordados; Colchas; Tapetes; Tapeçarias

Fonte: Autoria própria

Apêndice D – Tabela das Categorias e Subcategorias do Thesaurus – Vocabulário de Objetos do Culto Católico

Categoria	Subcategoria
Mobiliário Religioso	Altars e seus acessórios; Assentos e genuflexórios da igreja; Divisórias do espaço interno da igreja; Luminárias; Mobiliário de confraria e de fábrica; Mobiliário e monumentos funerários; Mobiliário para arrumação de documentos, alfaia e paramentos litúrgicos; Mobiliário relacionado com a ablução e a aspersão; Mobiliário relacionado com a eucaristia; Mobiliário relacionado com a pregação, a leitura e o canto; Mobiliário relacionado as oferendas; Mobiliário relacionado com os sacramentos; Móveis e monumentos relacionados com as procissões e a devoção.
Linhos e Guarnições de uso litúrgico	Guarnições para os assentos e genuflexórios da igreja; Guarnições relacionadas com a devoção; Guarnições relacionadas com a pregação, a leitura e o canto; Guarnições relacionadas com a Quaresma; Guarnições relacionadas com os ritos funerários; Linhos e guarnições relacionados com a eucaristia; Linhos e guarnições relacionados com insígnias pontificais; Guarnições relacionadas com as procissões; Linhos e guarnições relacionados com o altar; Linhos e guarnições relacionados com os sacramentos; Linhos relacionados com as abluções.
Objetos Religiosos	Caixas e estojos de objetos religiosos; Insígnias eclesiásticas; Objetos de devoção; Objetos de peregrinação; Objetos funerários; Objetos relacionados com a ablução e a aspersão; Objetos relacionados com a coleta do ofertório; Objetos relacionados com a consagração das igrejas, dos altares e da Porta-Santa; Objetos relacionados com a eucaristia;

	Objetos relacionados com a iluminação; Objetos relacionados com as procissões; Objetos relacionados com os altar; Objetos relacionados com o incenso; Objetos relacionados com o Natal e a Quaresma; Objetos relacionados com os sacramentos.
Paramentos Religiosos	Acessórios das vestes e paramentos litúrgicos; Coberturas litúrgicas para a cabeça; Meias e sapatos litúrgicos; Outras vestes religiosas; Vestes litúrgicas exteriores; Vestes litúrgicas interiores.
Instrumentos de Música Litúrgica	Aerofones de música litúrgica; Ideofones de música litúrgica.

Fonte: Autoria própria

Apêndice E - Medidas das Vitrinas do MASCL

Vitrina	Medidas (altura x comprimento x largura)
Vitrina da imagem Nossa Senhora da Boa Morte (inventário nº 13)	109cm x 80cm x 60 cm
Vitrina da imagem São Francisco Xavier (inventário nº 4)	170cm x 40cm x 40cm
Vitrina da imagem de S.Sebastião (inventário nº 9)	130,5cm x 40cm x 40cm
Vitrina da imagem Nossa Senhora da Conceição (inventário nº 2)	184,2cm x 50cm x 50cm
Armário	220cm x 177cm x 57cm
Vitrina Paramentos	196,5cm x 146cm x 58,5cm
Vitrina Central	106,5cm x 183cm x 60cm
Vitrina da imagem da Nossa Senhora da Lapa (inventário nº 7)	158,9cm x 40cm x 40cm
Vitrina da imagem Santa Rita (inventário nº 10)	149cm x 40cm x 40cm
Vitrina com 5 imagens	136,5cm x 190cm x 60cm
Vitrina da imagem Nossa Senhora das Lamentações (inventário nº 17)	200cm x 100cm x 59,5cm
Vitrina da imagem Iconografia de um Bispo (inventário nº 16)	149,5cm x 40cm x 40cm
Vitrina da imagem de Santa Ana (inventário nº 6)	149cm x 45,5cm x 45,5 cm
Vitrina da imagem de Santa Maria Madalena no Calvário (inventário nº 18)	197,5cm x 125,5 cm x 75cm
Vitrina da imagem de S.João Evangelista no Calvário (inventário nº 19)	200cm x 110cm x 95cm
Vitrina da imagem de Nossa Senhora da Lapa (inventário nº 1)	162cm x 45cm x 45cm

Fonte: Autoria própria

Apêndice F – Cronograma Ano I

(1/2)

Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Ampliação Objeto em Destaque		Inventário Participativo		Dia 18 – Dia Internacional dos Museus e Noite Europeia dos Museus		Ampliação Objeto em Destaque		Inventário Participativo		Inauguração da “Minha Coleção”	
	Quarta-Feira das Cinzas Mesa Redonda “O Sagrado no Feminino: A Representação da Mulher na Arte Sacra”		Ampliação Objeto em Destaque		Inventário Participativo				Ampliação Objeto em Destaque		Dia 3 – Dia de São Francisco Xavier Oficina “Construção Ícone”
Dia 15 – Dia de Santo Amaro Inauguração da Exposição “Os Humanitários da Fé” + Mesa Redonda “Os Traços Humanitários de Jesus Cristo”		Dia 19 – Dia do Pai Oficina “Construção de Ícone”		Pentecostes		Dia 15 - Dia de São Bento Oficina de Movimento		Celebrações Dia Concelho de Vila Nova de Famalicão (dia 21 a 29) Teatro + Roteiro “A Rota do Sagrado”			
			Páscoa Concerto		Dia 1 – Dia da Criança Conjunto de Atividades				1º Domingo Paróquia Santo Adrião Roteiro pelos Espaços Religiosos e Museus da Paróquia de Santo Adrião		Natal Oficina “Construção Ícone” + Concerto
	Dia 28 – Dia Nacional dos Centros Históricos Concerto					Dia 26 - Dia dos Avós “É Hora de um Conto”					
			Dia 18 - Dia Internacional dos Monumentos e Sítios		Dia 13 - Dia de Santo António Oficina “Construção de um Ícone”						
								Jornadas Europeias do Património			

Fonte: Autoria própria

Apêndice F – Cronograma Ano I

(2/2)

Atividade Trimestral: Ampliação da iniciativa *Objeto em Destaque* (janeiro/abril/julho/outubro); Inventário Participativo (fevereiro/junho/setembro)

A Minha Coleção: novembro a dezembro

Dias Comemorativos:

- Dia de Santo Amaro (15 de janeiro): Inauguração da exposição temporária *Os Humanitários da Fé* + Mesa Redonda *Os Traços Humanitários de Jesus Cristo*.

- 4ª Feira de Cinzas (fevereiro): Mesa-Redonda *O Sagrado no Feminino: A Representação da Mulher na Arte Sacra*

- Dia do Pai (19 de março): Oficina *Construção de um Ícone*.

- Dia Nacional dos Centros Históricos (28 de março): Concerto

- Páscoa: Concerto

- Dia da Criança (1 de junho): conjunto de atividades (oficinas e roteiro do serviço educativo MASCL)

- Dia Santo António (13 de junho): Oficina *Construção de um Ícone*.

- Dia S. Bento (dia 15 de julho): Oficina de Movimento

- Dia dos Avós (26 de julho): atividade *Hora de um Conto*

- Celebrações Dia do concelho Vila Nova de Famalicão (dia 21 a 29 de setembro): Teatro + Roteiro *A Rota do Sagrado*

- Dia da Paróquia Santo Adrião (1º domingo de outubro): Roteiro pelos Espaços Religiosos e Museus da Paróquia de Santo Adrião.

- Dia S. Francisco Xavier: Oficina *Construção de um Ícone*

- Natal: Oficina *Construção de um Ícone* (sugestão: presépio) + Concerto

Apêndice G – Cronograma Ano II

(1/2)

Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Ampliação Objeto em Destaque		Inventário Participativo		Dia 18 – Dia Internacional dos Museus e Noite Europeia dos Museus Inauguração da Exposição "A Minha Antiga Capela da Lapa"		Ampliação Objeto em Destaque		Inventário Participativo		Inauguração da "A Minha Coleção"	
	Quarta-Feira das Cinzas Inauguração da Exposição "Diálogo entre o Surrealismo e a Arte Sacra"		Ampliação Objeto em Destaque		Inventário Participativo				Ampliação Objeto em Destaque		Natal Oficina "Construção Ícone" + Concerto
		Dia 19 – Dia do Pai Oficina "Construção de um Ícone"		Pentecostes		Dia 26 - Dia dos Avós "É a Hora de um Conto"		Dia 8 – Dia da Nossa Senhora da Lapa Oficina de Movimento			
			Páscoa Concerto		Dia 1 – Dia da Criança Pedipaper "À Descoberta da Capela da Nossa Senhora da Lapa" + Oficina "Arte Sacra sob o Olhar Surrealista"				1º Domingo Paróquia Santo Adrião Roteiro pelos Espaços Religiosos e Museus da Paróquia de Santo Adrião		
		Dia 28 – Dia Nacional dos Centros Históricos Mesa Redonda "Lei da Separação do Estado com as Igrejas: Impacto no Património Religioso"						Celebrações Dia do Concelho Vila Nova de Famalicão (dia 21 a 29) Teatro + Roteiro "A Rota do Sagrado"			
			Dia 18 - Dia Internacional Dos Monumentos e Sítios		Dia 13 – Dia de Santo António Oficina "Construção de um Ícone"						
								Jornadas Europeias do Património			

Fonte: Autoria própria

Apêndice G – Cronograma Ano II

(2/2)

Atividade Trimestral: Ampliação da iniciativa *Objeto em Destaque*

(janeiro/abril/julho/outubro); Inventário Participativo (fevereiro/junho/setembro)

A Minha Coleção: novembro a dezembro

Dias Comemorativos:

- 4ª Feira de Cinzas (fevereiro): Inauguração exposição *Diálogo entre o Surrealismo e a Arte Sacra*.

- Dia do Pai (19 de março): Oficina *Construção de um Ícone*

- Dia Nacional dos Centros Históricos (28 de março): Mesa-Redonda *Lei da Separação do Estado das Igrejas: Impacto no Património Religioso*.

- Páscoa: Concerto

- Dia Internacional dos Museus (18 de maio): Inauguração da exposição temporária *A Minha Antiga Capela da Lapa*

- Dia da Criança (1 de junho): Pedipaper *À Descoberta da Capela da Nossa Senhora da Lapa* + Oficina *Arte Sacra sob o Olhar Surrealista*

- Dia Santo António (13 de junho): Oficina *Construção de um Ícone*

- Dia dos Avós (26 de julho): atividade *É a Hora de um Conto*

- Dia da Nossa Senhora da Lapa (8 de setembro): Oficina de Movimento

- Celebrações do concelho de Vila Nova de Famalicão (dia 21 a 29 de setembro): Teatro + Roteiro *A Rota do Sagrado*

- Dia da Paróquia Santo Adrião (1º domingo de outubro): Roteiro pelos Espaços Religiosos e Museus da Paróquia de Santo Adrião

- Natal: Oficina: *Construção de um Ícone* (sugestão: presépio) + Concerto

Apêndice H – Cronograma Ano III

(1/2)

Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Ampliação Objeto em Destaque		Inventário Participativo		Dia Internacional dos Museus e Noite Europeia dos Museus		Ampliação Objeto em Destaque		Inventário Participativo		Dia 1 – Dia de Todos os Santos Oficina de Movimento	
	Quarta-Feira das Cinzas Inauguração da Exposição "Os Símbolos de Fé"		Ampliação Objeto em Destaque		Inventário Participativo				Ampliação Objeto em Destaque		Natal Oficina "Construção ícone" + Concerto
		Dia 19 – Dia do Pai Oficina "Construção de um Ícone"		Pentecostes		Dia 26 - Dia dos Avós "É a Hora de um Conto" + Visita-Jogo "Conhece os Símbolos de Fé"		Celebrações do Concelho de Vila Nova de Famalicão (dia 21 a 29) Teatro + Roteiro "A Rota do Sagrado"		Inauguração "A Minha Coleção"	
			Páscoa Concerto		Dia 1 – Dia da Criança Visita-Jogo "Conhece os Símbolos de Fé"				1º Domingo Paróquia Santo Adrião Roteiro pelos Espaços Religiosos e Museus da Paróquia		
	Dia 28 – Dia Nacional dos Centros Históricos Roteiro "A Rota do Sagrado"							Jornadas Europeias do Património			
			Dia 18 - Dia Internacional dos Monumentos e Sítios		Dia 13 - Dia de Santo António Oficina "Construção de um ícone"						

Fonte: Autoria própria

Apêndice H – Cronograma Ano III

(2/2)

Atividade Trimestral: Ampliação da iniciativa *Objeto em Destaque* (janeiro/abril/julho/outubro); Inventário Participativo (fevereiro/junho/setembro)

A Minha Coleção: de novembro a dezembro

Dias Comemorativos:

- 4ª Feira de Cinzas (fevereiro): Inauguração da exposição *Os Símbolos de Fé*
- Dia do Pai (19 de março): Oficina *Construção de um Ícone*
- Dia Nacional dos Centros Históricos (28 de março): Roteiro *A Rota do Sagrado*
- Páscoa: Concerto
- Dia da Criança (1 de junho): Visita-Jogo *Conhece os Símbolos de Fé*
- Dia Santo António (13 de junho): Oficina *Construção de um Ícone*
- Dia dos Avós (26 de julho): atividade *É a Hora de um Conto* + Visita-Jogo *Conhece os Símbolos de Fé*
- Celebrações do concelho de Vila Nova de Famalicão (dia 21 a 29 de setembro): Teatro + Roteiro *A Rota do Sagrado*
- Dia da Paróquia Santo Adrião (1º domingo de outubro): Roteiro pelos Espaços Religiosos e Museus da Paróquia de Santo Adrião
- Dia de Todos os Santos (1 de novembro): Oficina de Movimento
- Natal: Oficina *Construção de um Ícone* (sugestão: presépio) + Concerto

Apêndice I – Programa Expositivo: Fichas Técnicas

Apêndice I-a – Exposição *Os Humanitários da Fé*

Exposição <i>Os Humanitários da Fé</i>	
Descrição	Durante a fase das Viagens europeias de conhecimento geográfico do planeta, que permitiu conhecer novos territórios e novas culturas, a Igreja Católica enviou missionários pelo mundo para propagar a fé cristã. Através da apresentação de algumas figuras religiosas, que atuaram como missionários e difundiram princípios humanistas pelos países não europeus, esta exposição incentiva os visitantes a questionar sobre a importância de, no nosso dia a dia, se procurar agir de acordo com os valores éticos e morais, para o bem-estar da Humanidade.
Público-Alvo	Comunidade Local
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano I: janeiro a junho. Inauguração no Dia de São Amaro (15 de janeiro)
Observações	Sugestão de objetos do MASCL – São Amaro, São António, São Bento, São Francisco Xavier.

Fonte: Autoria própria

Apêndice I-b – Atividade Complementar: Mesa-Redonda Os Traços Humanitários de Jesus Cristo

Mesa-Redonda Os Traços Humanitários de Jesus Cristo	
Descrição	Quais os princípios humanitários que Jesus Cristo iniciou e que marcam, ainda hoje, o nosso quotidiano? Esta é a questão chave que impulsiona o diálogo nesta iniciativa, procurando refletir sobre os impactos do discurso de Jesus Cristo, na sociedade contemporânea, e a sua influência na ação de outros humanitários e pacifistas.
Público-Alvo	Público Universitário, Público Adulto, Público Sénior.
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano I: Dia de São Amaro (15 de janeiro)
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos
Observações	Sugere-se que o painel de oradores seja constituído por: Antropólogo, Teólogo, Historiador, Sociólogo. O moderador deverá ser da área de Jornalismo, ou outra área que seja neutra a este assunto. A duração da Mesa-Redonda deverá ser no máximo de 4h, com direito a <i>Coffee-Break</i> .

Fonte: Autoria própria

Apêndice I-c – Exposição *A Minha Antiga Capela da Lapa*

Exposição <i>A Minha Antiga Capela da Lapa</i>	
Descrição	A antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa vive na memória dos famalicenses, como lugar repleto de histórias ainda por contar. Esta exposição permite o encontro entre o Passado e o Presente, ao relembrar a capela, através da partilha de vivências da comunidade de Vila Nova de Famalicão.
Público-Alvo	Comunidade Local
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano II: maio a outubro. Inauguração no Dia Internacional dos Museus (18 de maio)
Observações	Exposição composta por objetos do MASCL – sugere-se as duas imagens da Nossa Senhora da Lapa – mas também por objetos cedidos pelas subcomunidades de Vila Nova de Famalicão – fotografias do edifício, de cerimónias lá realizadas, partilha de experiências e testemunhos - os quais devem ser filmados - de pessoas que tenham vivências na antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa.

Fonte: Autoria própria

Apêndice I-d – Atividade Complementar: Pedipaper À Descoberta da Capela da Nossa Senhora da Lapa

Pedipaper À Descoberta da Capela da Nossa Senhora da Lapa	
Descrição	Pedipaper que desafia os participantes a conhecer a antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa. Por cada pista decifrada, novas áreas são desvendadas, cheias de histórias e significados por descobrir.
Objetivos	Promover, de forma participativa e ativa, a valorização do património de Vila Nova de Famalicão; Dar a conhecer a história da antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa, assim como as funções e simbologias dos seus espaços; Estimular o raciocínio lógico e criativo.
Público-Alvo	Público Infanto-Juvenil
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano II: Dia da Criança (1 de junho)
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos
Observações	A atividade centra-se nas áreas interiores da capela – nave, presbitério, sacristia, coro-alto – e no exterior – torre sineira e oratório do Senhor dos Passos.

Fonte: Autoria própria

Apêndice I-e – Exposição *Os Símbolos de Fé*

Exposição <i>Os Símbolos de Fé</i>	
Descrição	Muitos foram os homens que partiram para a Guerra Colonial, com esperança de voltar para a sua terra natal. A que símbolos é que se agarravam, que lhes davam força, que lhes acalentavam a fé? Esta exposição tenta responder à pergunta, ao apresentar diversos objetos, do MASCL e do Museu da Guerra Colonial, que representavam a Fé destes homens.
Público-Alvo	Comunidade Local
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano III: fevereiro a julho. Inauguração na Quarta-feira de Cinzas.
Observações	Esta exposição é composta por objetos do MASCL – sugiro as 20 imagens de santos e figuras bíblicas – e por objetos do Museu da Guerra Colonial – como o Baú e outros objetos que pertencem à secção <i>A religiosidade – as influências da igreja e do capelão militar no contexto de guerra bem como a cultura e as crenças religiosas de cada combatente</i>

Fonte: Autoria própria

Apêndice I-f – Atividade Complementar: Visita-Jogo *Conhece os Símbolos de Fé*

Visita-jogo <i>Conhece os Símbolos de Fé</i>	
Descrição	Visita-jogo que desafia os participantes a desvendar as histórias, atributos e significados dos símbolos de fé do MASCL e do Museu da Guerra Colonial.
Objetivos	Promover, de forma participativa e ativa, a valorização do património de Vila Nova de Famalicão; Potenciar novas perspetivas – história, função, iconografia, simbologia – dos objetos do MASCL e do Museu da Guerra Colonial; Estimular o raciocínio lógico e criativo.
Público-Alvo	Público Infanto-juvenil e Público Sénior
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano III: Dia da Criança (1 de junho), Dia dos Avós (26 de julho)
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos

Fonte: Autoria própria

Apêndice I-g – Exposição *Diálogo entre o Surrealismo e a Arte Sacra*

Exposição <i>Diálogo entre o Surrealismo e a Arte Sacra</i>	
Descrição	O que é que o Surrealismo e a Arte Sacra têm em comum? Esta é a pergunta que motiva a exposição <i>O Diálogo entre o Surrealismo e a Arte Sacra</i> , que conta com a colaboração da Fundação Cupertino de Miranda. É no MASCL, onde a Arte Sacra e o Surrealismo se encontram e interagem, colocando em evidência os seus aspetos em comum e as suas diferenças.
Público-Alvo	Comunidade Local
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano II: Quarta-Feira de Cinzas até à Páscoa.
Observações	Exposição composta por objetos do MASCL e objetos da Fundação Cupertino de Miranda. Aquando da seleção destes objetos, é necessário ter em consideração que muitos artistas surrealistas se manifestaram contra a religião cristã. Assim, é preciso respeitar as ideologias dos artistas, e selecionar objetos que promovam uma reflexão sobre a religião cristã e a essência do Surrealismo.

Fonte: Autoria própria

Apêndice I-h – Atividade Complementar: Oficina Arte Sacra sob o Olhar Surrealista

Oficina Arte Sacra sob o Olhar Surrealista	
Descrição	Através da técnica surrealista <i>cadavre-exquis</i> , desafia-se os participantes a produzir um desenho, tendo como inspiração a arte sacra e a arte surrealista. Esta técnica surrealista consiste em elaborar um desenho, dobrá-lo, e entregar à próxima pessoa que, terá que dar continuidade ao desenho, sem saber o que este se trata. O resultado final consegue surpreender e cativar os participantes.
Objetivos	Promover, de forma participativa e ativa, a valorização do património de Vila Nova de Famalicão; Estimular a imaginação e a criatividade; Dar a conhecer novas técnicas artísticas.
Público-Alvo	Público Infanto-Juvenil e Público Sénior
Calendarização	Atividade estará ativa enquanto a exposição <i>Diálogo entre o Surrealismo e a Arte Sacra</i> estiver patente.
Local de Realização	MASCL
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos

Fonte: Autoria própria

Apêndice J – Programa de Atividades: Fichas Técnicas

Apêndice J-a – Inventário Participativo

Inventário Participativo	
Descrição	Convidam-se as subcomunidades de Vila Nova de Famalicão para partilhar experiências, memórias, conhecimentos e histórias, que contribuam para o aprofundamento das informações, não só do edifício e do acervo do MASCL, mas também do próprio concelho de Vila Nova de Famalicão.
Objetivos	Sensibilizar para o conceito de Património e Museu; Promover, de forma participativa e ativa, a valorização do património de Vila Nova de Famalicão; Reconhecer os museus como espaços interativos, participativos e inclusivos.
Público-Alvo	Público Sénior
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano I: fevereiro, junho, setembro Ano II: fevereiro, junho, setembro Ano III: fevereiro, junho, setembro
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos
Observações	Sugere-se abordar temas como: a antiga Capela da Nossa Senhora da Lapa e os seus objetos, Senhor dos Passos, Festa das Flores, Festas Antoninas, entre outros.

Fonte: Autoria própria

Apêndice J-b – Ampliação da iniciativa *Objeto em Destaque*

Ampliação da iniciativa <i>Objeto em Destaque</i>	
Descrição	Convidam-se as subcomunidades de Vila Nova de Famalicão para participar na iniciativa <i>Objeto em Destaque</i> . A sua colaboração consistirá na nomeação do objeto e na reflexão da sua relação com ele, e os significados que lhe atribui.
Objetivos	Promover, de forma participativa e ativa, a valorização do património de Vila Nova de Famalicão; Incentivar possíveis conexões entre o público e o acervo do MASCL; Dar a conhecer os objetos do acervo do MASCL; Reconhecer os museus como espaços interativos, participativos e inclusivos.
Público-Alvo	Público Infanto-Juvenil. Público Sénior.
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano I: janeiro, abril, julho, outubro Ano II: janeiro, abril, julho, outubro Ano III: janeiro, abril, julho, outubro
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos
Observações	Sugere-se que, numa primeira fase, os participantes sejam do mesmo público-alvo, como por exemplo, o público sénior. Numa segunda fase, seria o público infanto-juvenil (público como a catequese, ou os escuteiros, pois haveria uma melhor adesão). Já na terceira fase, juntar-se-ia o público sénior e o público infanto-juvenil. Caso esta última fase tivesse sucesso, repetir-se-ia, esta dinâmica do grupo, anualmente.

Fonte: Autoria própria

Apêndice J-c – *É a Hora de um Conto!*

<i>É a Hora de um Conto!</i>	
Descrição	Convida-se o avô, ou a avó, a contar uma história, sobre o MASCL, ou sobre o património do concelho de Vila Nova de Famalicão, aos seus amigos avós, e seus netos.
Objetivos	Promover, de forma participativa e ativa, a valorização do património de Vila Nova de Famalicão; Reconhecer os museus como espaços interativos, participativos e inclusivos; Incentivar a interação entre o público infanto-juvenil e o público sénior.
Público-Alvo	Público Infanto-Juvenil. Público Sénior.
Calendarização	Ano I: Dia dos Avós (26 de julho) Ano II: Dia dos Avós (26 de julho) Ano III: Dia dos Avós (26 de julho)
Local de Realização	MASCL
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos

Fonte: Autoria própria

Apêndice J-d – A Minha Coleção

A Minha Coleção	
Descrição	O edifício do MASCL, e os seus objetos, são muito acarinhados pelos famalicenses, devido aos laços afetivos que criaram. Cada um de nós possui um objeto, que por vários motivos, nos é especial, devido aos significados que lhe atribuímos. Assim, a iniciativa <i>A Minha Coleção</i> convida um grupo, constituído por elementos de diferentes subcomunidades, para apresentar um objeto que lhes seja significativo. O conjunto de objetos resultantes, cedidos por cada elemento do grupo, seria depois exposto no MASCL, acompanhado por um texto a explicar os significados atribuídos.
Objetivos	Reconhecer os museus como espaços interativos, participativos e inclusivos; Potenciar o envolvimento afetivo e sensorial com os objetos.
Público-Alvo	Público Infanto-Juvenil. Público Sénior.
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano I: novembro a dezembro Ano II: novembro a dezembro Ano III: novembro a dezembro
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos
Observações	Sugere-se que, numa primeira fase, os participantes sejam do mesmo público-alvo, como por exemplo, o público sénior. Numa segunda fase, seria o público infanto-juvenil (público escolar, ou da catequese e dos escuteiros, pois haveria uma melhor adesão). Já na terceira fase, juntar-se-ia o público sénior e o público infanto-juvenil. Caso esta última fase tivesse sucesso, repetir-se-ia, esta dinâmica do grupo, anualmente.

Fonte: Autoria própria

Apêndice J-e – Roteiro A Rota do Sagrado

Roteiro A Rota do Sagrado	
Descrição	No concelho de Vila Nova de Famalicão existem três museus religiosos, repletos de objetos preciosos. Convidam-se os participantes a percorrer a Rota do Sagrado, para descobrir estes museus e as suas coleções.
Objetivos	Promover, de forma participativa e ativa, a valorização do património do concelho de Vila Nova de Famalicão; Dar a conhecer os museus de cariz religioso da RMVNF e os seus acervos.
Público-Alvo	Público Geral.
Local de Realização	MASCL; Museu da Confraria da Nossa Senhora do Carmo de Lemenhe; Museu Cívico e Religioso de Mouquim.
Calendarização	Ano I: Celebrações Dia do Concelho (21 a 29 de setembro) Ano II: Celebrações Dia do Concelho (21 a 29 de setembro) Ano III: Dia Nacional dos Centros Históricos (28 março); Celebrações Dia do Concelho (21 a 29 de setembro)
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos
Observações	Esta atividade destina-se a grupos com mínimo de 15 pessoas. Dado à impossibilidade de fazer o trajeto a pé, sugiro que seja disponibilizado meio de transporte para os participantes.

Fonte: Autoria própria

Apêndice J-f – Oficina Construção de um Ícone

Oficina Construção de um Ícone	
Descrição	No MASCL existem imagens com diferentes atributos e significados, repletas de histórias emocionantes. Depois de se conhecer uma dessas imagens, os participantes serão encaminhados para a Fundação Castro Alves onde, apelando à criatividade de cada um, irão recriar essa mesma imagem.
Objetivos	Promover, de forma participativa e ativa, a valorização do património de Vila Nova de Famalicão; Reconhecer os museus como espaços interativos, participativos e inclusivos; Estimular o sentido visual, auditivo e tátil do público, assim como, a criatividade.
Público-Alvo	Público Infanto-Juvenil.
Calendarização	Ano I: Dia do Pai (19 de março); Dia de Santo António (13 de junho); Dia de São Francisco Xavier (3 de dezembro); Natal Ano II: Dia do Pai (19 de março); Dia de Santo António (13 de junho); Natal Ano III: Dia do Pai (19 de março); Dia de Santo António (13 de junho); Natal
Local de Realização	MASCL e Fundação Castro Alves.
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos

Fonte: Autoria própria

Apêndice J-g – Mesa Redonda *Lei da Separação do Estado das Igrejas: Impacto no Património Religioso*

Mesa Redonda <i>Lei da Separação do Estado das Igrejas: Impacto no Património Religioso</i>	
Descrição	No dia 20 de abril de 1911, promulgou-se a Lei da Separação do Estado das Igrejas, originando um processo intensivo de recolha, inventariação e apropriação do património religioso. Ao relembrar o passado pretende-se, com esta iniciativa, abrir o diálogo e a reflexão sobre a importância da necessidade de salvaguarda do património religioso, atendendo para o modo de como é gerido, estudado e apresentado ao público.
Público-Alvo	Público Universitário; Público Adulto; Público Sénior.
Local de Realização	MASCL ou Museu Bernardino Machado.
Calendarização	Ano II: Dia Nacional dos Centros Históricos (28 de março)
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos
Observações	Iniciativa realizada em colaboração com o Museu Bernardino Machado, cujo acervo se centra numa das mais ilustres personalidades da República Portuguesa. Sugere-se que o painel de oradores seja constituído por: Historiador, Eclesiástico, Político. O moderador deverá ser da área de Jornalismo, ou outra área que seja neutra a este assunto. A duração da Mesa-Redonda deverá ser no máximo de 4h, com direito a <i>Coffee-Break</i> .

Fonte: Autoria própria

Apêndice J-h – Mesa-Redonda *O Sagrado no Feminino: A Representação da Mulher na Arte Sacra*

Mesa Redonda <i>O Sagrado no Feminino: A Representação da Mulher na Arte Sacra</i>	
Descrição	Várias foram as figuras femininas representadas na Arte Sacra: desde Eva, Maria, Maria Madalena, e outras mulheres bíblicas e santas, com fortes papéis na história da Igreja Católica. Nesta iniciativa, lança-se o diálogo e a reflexão de como a Mulher era perspectivada e representada na Arte Sacra, quais os seus atributos e significados, e se essa representação diverge da representação da Mulher na sociedade contemporânea.
Público-Alvo	Público Universitário; Público Adulto; Público Sénior.
Local de Realização	MASCL
Calendarização	Ano I: Quarta-feira de Cinzas
Serviço Responsável	Equipa dos Serviços Educativos
Observações	Propõe-se que o painel de oradores seja constituído por: Historiador de Arte, Sociólogo, Psicólogo. O moderador deverá ser da área de Jornalismo, ou outra área que seja neutra a este assunto. A duração da Mesa-Redonda deverá ser no máximo de 4h, com direito a <i>Coffee-Break</i> .

Fonte: Autoria própria

Apêndice J-i – Outras Iniciativas

Outras Iniciativas	
Teatro	Quer sejam teatros realizados por escolas, ou por grupos seniores, propõe-se que o MASCL sirva como palco para esta manifestação artística. Caso os participantes necessitem de ajuda, ao nível da metodologia e técnicas teatrais, uma possível colaboração será a associação artística Fértil. Fundada em 2010, esta associação conjuga o teatro com a antropologia e já desenvolveu colaborações com instituições sociais e pedagógicas para a realização de teatros. Referência: S/a. (s/d). <i>Fértil Cultural</i>. Apresentação. Disponível em: https://www.fertilcultural.org/a-fertil/
Concerto	Sugere-se que o MASCL convide um músico, ou grupos musicais, para atuar no espaço museológico. Devido às limitações espaciais, apenas podem atuar instrumentalistas a solo, duos, trios, e no máximo, quartetos (Rui Mesquita, comunicação pessoal). Possíveis grupos musicais a convidar: Projeto Sonata; Piano e Voz; Orquestra do Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco; Clube de Piano; ArtEduca; Artave.
Oficina de Movimento	A Oficina de Movimento permite uma outra perspetiva e interpretação do acervo do MASCL. Sugere-se que esta atividade se realize de forma pontual. Uma possível colaboração, para a concretização desta iniciativa, seria a associação artística Fértil. Fundada em 2010, esta associação concilia o teatro com a antropologia, refletindo sobre o ser humano, como produtor cultural, e a sua condição. Este seu propósito, relaciona-se, em certa medida, com a missão do MASCL, no sentido de, através da cultura, promover a reflexão sobre o ser humano e o seu lugar no Mundo. Referência: S/a. (s/d). <i>Fértil Cultural</i>. Apresentação. Disponível em: https://www.fertilcultural.org/a-fertil/

Colaboração com Artistas	Propõe-se que o MASCL convide artistas, ou centro artísticos, de Vila Nova de Famalicão, para apresentar as suas obras no espaço. Estas seriam expostas no interior e exterior do Museu, possibilitando o diálogo entre a arte contemporânea e a arte sacra. Assim, além de se dinamizar o MASCL, consegue-se, simultaneamente, apoiar e divulgar a arte de artistas e instituições regionais. Sugere-se uma possível colaboração com o centro artístico A Casa ao Lado, pois através da arte urbanística, como instalação ou esculturas, possibilitava a ativação e dinamização do espaço exterior do MASCL. Fundada em 2005, A Casa ao Lado pretende, através da arte e intervenções urbanísticas, desenvolver projetos com e para a comunidade, com o objetivo de cunhar uma marca identitária, assente na autenticidade. Referência: S/a. (s/d). Centro Artístico A Casa Ao Lado. Disponível em: https://www.acasaaolado.com/centro-artistico
Sessões de Catequese	As sessões de Catequese realizam-se todos os sábados de manhã e de tarde, sendo que de 15 em 15 dias há a “Catequese Familiar”, tratando-se de sessões para os pais (Alexandre Lemos, comunicação pessoal). Propõe-se a realização de algumas sessões de Catequese, e “Catequese Familiar”, no MASCL.
Aulas de Desenho/Arquitetura	Sugere-se que o MASCL receba alunos das áreas da Arte e da Arquitetura da Universidade de Lusíada, ou de Escolas Secundárias, para estudarem o exterior e interior do edifício, de modo a aprofundarem as suas capacidades de observação e desenho.

Fonte: Autoria própria

Apêndice K – Datas do Calendário Litúrgico e do Calendário do Município de Vila Nova de Famalicão

Azul – Datas do Calendário do Município || Preto – Datas do Calendário Litúrgico

Calendário Comemorativo de Vila Nova de Famalicão	
Janeiro	Santa Maria Mãe de Deus (dia 1) Epifania (dia 6) Batismo (dia 10) Santo Amaro (dia 15) São Sebastião (dia 20)
Fevereiro	Apresentação do Senhor (dia 2) Quarta-Feira das Cinzas (dia 17)
Março	Quaresma (dia 1) S. José/ Dia do Pai (dia 19) Anunciação do Senhor (dia 25) Dia Nacional dos Centros Históricos (dia 28)
Abril	Páscoa e Ressurreição do Senhor Dia Internacional dos Monumentos e Sítios (dia 18)
Maio	Festa da Flor (primeiro fim de semana de maio) Ascensão (dia 13) Dia Internacional da Família (dia 15) Dia Internacional dos Museus (dia 18) Pentecostes (dia 23) SS Trindade (dia 30) Santa Rita (dia 22)
Junho	Dia Mundial da Criança (dia 1) Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo (dia 3) Sagrado Coração de Jesus (dia 11) Santo António/ Festa da cidade-Antoninas (dia 13)
Julho	Dia da Cidade (dia 9) São Bento (dia 11) São Boaventura (dia 15)

	Santa Maria Madalena (dia 22) São Tiago Apóstolo (dia 25) Santa Ana / Dia dos Avós (dia 26) Santo Inácio Loyola (dia 31)
Agosto	Santa Filomena (dia 10) Assunção da Virgem Santa Maria (dia 15) Virgem, Santa Maria, Rainha (dia 22)
Setembro	Nossa Senhora da Lapa (dia 8) Exaltação Santa Cruz (dia 14) Jornadas Europeias do Património (último fim de semana do mês) Miguel, Gabriel, Rafael, Arcanjos. (dia 29) Celebrações do dia do concelho (21-29)
Outubro	1º Domingo – Paróquia Santo Adrião Santos Anjos da Guarda (dia 2)
Novembro	Todos os Santos (dia 1) Todos os Fiéis Defuntos (dia 2) Cristo Rei (dia 22) Santo André (dia 30)
Dezembro	São Francisco Xavier (dia 3) Nossa Senhora da Conceição (dia 8) Santa Luzia (dia 13) Natal (dia 25) Sagrada Família (dia 26) São João Evangelista (dia 27)

Fonte: Autoria própria

Apêndice L – Agentes de Degradação e Exemplos de Estratégias e Mecanismos

Agente de Degradação	Exemplos de Estratégias/Mecanismos	Referência
Forças Físicas	Recorrer a suportes, cujo material seja resistente às forças físicas, como por exemplo, o aço.	(Caple, 2011). Caple, C. (2011). Introduction to Part Two, Section 1 - Agents of Deterioration: Physical Forces (handling and moving) & Security. In <i>Preventive Conservation in Museums</i> . London: Routledge.
Contaminantes	Criação de um microclima favorável e benéfico para os objetos. Adotar uma prática de manutenção regular com a utilização de produtos sem químicos.	(Caple, 2011). Caple, C. (2011). Introduction to Part Two, Section 4 - Agents of Deterioration: Contaminants (gases and dust). In <i>Preventive Conservation in Museums</i> . London: Routledge.
Temperatura e Humidade Relativa	Para a monitorização recorrer a um <i>datalogger</i> . Já o humidastato monitoriza e controla a humidade e, caso os valores de humidade relativa se alterarem, este sistema faz com que voltem ao normal.	(Thomson, 1986). Thomson, G. (1986). <i>The Museum Environment</i> . London: Butterworth-Heinemann.
Pestes	Rotinas de limpeza e manutenção, bem como de inspeção e deteção. Instalação de armadilhas que, apesar de não controlarem a infestação, contribuem de modo significativo para a sua detenção. Recorrer a métodos não químicos	(Querner, 2015) Querner, P. (2015). Insect Pests and Integrated Pest Management in Museums, Libraries and Historic Buildings. <i>Insects</i> . Disponível em: https://www.mdpi.com/2075-4450/6/2/595

	para a aniquilação, como o congelamento, aquecimento controlado e exposição ao nitrogénio (processo de anóxia).	
--	---	--

Fonte: Autoria própria